

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

***PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE***

***ANGELA MARIA BATISTA***

**SOBRE O INCURÁVEL DO SINTHOMA.  
A CLÍNICA DO PAI- SINTHOMA DE FREUD A LACAN**

**Dissertação de Mestrado**

**RIO DE JANEIRO, OUTUBRO DE 2007**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**SOBRE O INCURÁVEL DO SINTOMA.  
A CLÍNICA DO SINTOMA DE FREUD A LACAN**

*ANGELA MARIA BATISTA*

“Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicanálise”

Orientador (a): Márcia Mello Lima

**RIO DE JANEIRO, SETEMBRO DE 2007**

## **DEDICATÓRIA**

Destino essa dissertação a todos aqueles que tiveram a coragem de conduzir suas análises ao ponto do incurável do seu *sinthoma*. Como diz Lacan em *Nota Italiana*, para fazer o amor mais digno, girando o saber em torno dos escritos por vir.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora pelo generoso incentivo a sustentar o mestrado após um longo percurso na psicanálise.

Agradeço à orientação da Escola Brasileira de Psicanálise que tem conduzido a minha trajetória epistêmica e clínica.

Aos meus filhos Isabel, Felipe e Luiza pela presença e permanência que me fazem insistir, *encore*.

E sobre minha análise, que o resto seja fecundo.

## RESUMO

A dissertação partiu de uma interrogação sobre o sentido do sintoma na atualidade e sobre a clínica da suplência como uma direção ética na direção do tratamento. Várias perguntas foram formuladas acerca da incidência da última concepção do sintoma nos seminários e escritos de Lacan que concernem ao tema do incurável, bem como um longo percurso sobre o sintoma em Freud e em Lacan. Foi apresentado o conceito de sintoma na clínica estrutural e na clínica borromeana do ensino de Lacan. Assim o final de análise consiste num saber-fazer com o sintoma, como também saber maneja-lo. Isso implica em uma invenção, uma nova amarração do sujeito em relação ao gozo.

A clínica da suplência é uma forma de expressar o matema da não relação sexual. A direção de uma análise na atualidade, nessa época avessa ao sintoma tem por objetivo localizar no sujeito seu ponto de incurável e uma nova solução para o manejo do gozo.

## **ABSTRACTS**

## **SUMÁRIO**

### **CAPITULO I. O Sintoma e as versões do Pai na clinica Freudiana.**

#### **1.1 Freud, O Pai e o Sintoma.**

#### **1.2 Sobre o Incurável Pulsional.**

## **CAPÍTULO II. Lacan, As DUAS CLINICAS E O SINTOMA.**

### **1.1 A Clinica estrutural**

### **1.2 A Clinica Borromeana.**

## **CAPITULO III. A aposta no incurável do sintoma**

### **3.1. O sintoma e a entrada em análise**

### **3.2. O sintoma durante a análise**

### **3.3. *Sinthoma* e final de análise**

### **3.4. A conceituação do sintoma e “Os seis paradigmas do gozo” no ensino de Lacan**

### **3.5 Fragmentos Clínicos “O tratamento do gozo a partir de um sintoma fóbico”**

### **3.6 “Uma onda deixa a menina sem memória”**

## **CAPÍTULO IV. O final de análise e o Real da Psicanálise**

### **4.1. A teoria do parceiro sintoma**

### **4.2 O bom uso do sintoma**

### **4.3 As construções e as invenções do fim**

### **4.4 Sobre os Conceitos de Suplência e Acontecimento de Corpo**

## **CAPITULO V. O dispositivo do Passe e o final de análise**

### **5.1 O procedimento do Passe e o final de análise**

### **5.2 O sintoma no final se faz praticável Passe de Xavier Esqué**

### **5.3 Uma subversão do Pai pelo ato      Passe de Laure Naveau**

### **5.4 Há dois amores: o amor do lado homem e o amor do lado mulher**

## **CONCLUSÕES**

## **BIBLIOGRAFIA**

### **Resumé**

Cette dissertation a eu comme point de départ l'interrogation du sens du symptôme confronté à l'actualité bien comme celle de la clinique de la suppléance envisagée comme une conduite éthique dans la direction du traitement. Plusieurs questions ont été formulées au sujet de l'incidence de la dernière conception du symptôme dans les séminaires et écrits de Lacan qui ont trait à l'incurable, un parcours prolongeant l'analyse du symptôme dans l'oeuvre de Freud et dans l'enseignement de Lacan lui-même. Dans cette conception, la fin

de l'analyse vise l'acquisition d'un faire avec le symptôme, un savoir le manier. Cela implique une invention, un nouveau nouage du sujet par rapport à la jouissance. La clinique de la suppléance est une façon d'exprimer le mathème du non rapport sexuel. La direction d'une analyse faisant face à une actualité allant à l'encontre du symptôme a comme propos localiser le point incurable du sujet et aboutir à une nouvelle solution pour le maniement de la jouissance.

## CAPÍTULO I

### O SINTOMA E AS VERSÕES DO PAI NA CLÍNICA FREUDIANA

#### 1.1. Freud, o Pai e o Sintoma.

Nesse capítulo, situaremos o percurso das diferentes versões do Pai em Freud para sustentar o conceito de sintoma, ou seja, serão articuladas algumas questões originadas do pai freudiano, desde “*Totem e Tabu*” até o mito do Édipo. O Complexo de Édipo se situa no âmago da experiência analítica, junto ao lugar central que Freud atribuiu ao pai<sup>1</sup>. A sustentação do mito freudiano de Édipo e o da horda primitiva fazem referência à perda de gozo, pois falam do assassinato do pai e do gozo da mãe. O Édipo não é, portanto natural, mas cultural transmitido pela linguagem.

Lacan se separa de Freud quando lhe dá o status de sonho, de um sonho de Freud. O ensino de Lacan sempre deu ênfase à metáfora paterna ao inserir uma dimensão lógica ao complexo de Édipo. Os mitos do pai da horda e do parricídio pertencem à categoria do pai morto-fundador da lei simbólica. Lacan delimitou os dois tempos iniciais do Édipo; o Pai simbólico e o Pai imaginário, como bússola de seu primeiro ensino. Em seu segundo ensino, ao perceber a insuficiência da metáfora paterna na clínica, avançou no conceito de Pai real, situando-o como o que pode introduzir para a criança a dimensão do impossível e daquilo que não é demonstrável. A psicanálise nesse sentido, aposta no impossível como sendo um índice de uma articulação

---

<sup>1</sup> SALUM, M. J. - *Freud e a culpa: a culpabilidade antecede o crime*, in Curinga – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise – nº. 17, Minas Gerais, 2001, p. 20-34. Irei me apoiar nos textos da Revista Curinga, principalmente no artigo de Maria José Contijo Salum.

simbólica. <sup>2</sup>O pai real, como exceção, ou seja, como não castrado, instaura para a criança um enigma sobre o desejo que um homem dirige a uma mulher. O Pai real é um operador estrutural que permite a divisão para a criança da mãe enquanto mulher.

Ao longo de seu ensino, Lacan vai examinar os distintos modos de relação entre o Édipo e o Nome-do-Pai. Em um primeiro tempo, articula a castração com o Édipo e dá ao significante do Nome-do-Pai um lugar relevante. Num segundo tempo, Lacan vai mais além do Édipo, rompendo esse enlace, relativizando o Nome-do-Pai.

Em contraposição ao pai que diz não, o pai lacaniano, além de dizer não, diz sim. Esse sim tem, em *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, duas referências. Uma explicita a função do pai real. No terceiro tempo do Édipo ele se apresenta como um pai doador que se opõe ao pai proibidor e privador do segundo tempo, e que condiciona a instalação do ideal do eu, como veremos no capítulo sobre a versão do pai em Lacan<sup>3</sup>.

Para Freud, o pai é, ao mesmo tempo, o representante e o agente da renúncia pulsional que exige a cultura. Assim, concebeu a função paterna de um modo homogêneo, referido ao eixo da proibição do incesto e do auto-erotismo. A figura paterna assumiu em sua teoria um caráter predominantemente hostil, ou seja, exerce sua função desde a perspectiva da restrição e da hostilidade. Mais tarde, em suas reflexões sobre a origem da cultura e da religião e na construção da segunda tópica, vemos a transmutação de ódio em amor. Trata-se da ambivalência, como muito bem ilustra o caso do Homem dos Ratos. A figura de um pai do amor se coloca em continuidade com a função de proibição: ela não somente prossegue, mas também consolida a função que se exerce a serviço da obediência que conduz ao sacrifício da satisfação pulsional.

”*Totem e tabu*”<sup>4</sup> é a primeira tentativa de estabelecer a gênese da culpa. Nesse ensaio, Freud sustenta que o sentimento inconsciente de culpa é uma consequência do remorso pelo

---

<sup>2</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

<sup>3</sup> Idem - *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-1958) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

<sup>4</sup> FREUD, S. - *Totem e tabu* [1913] in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XXIII, (1974), p. 13-161.

parricídio. A relação culposa com o pai torna-se o ponto no qual está situada a problemática do sujeito com a cultura. Freud considera que a culpa decorrente do crime primordial originou a civilização assim como suas conquistas. Dessa forma, a civilização se inicia a partir do momento em que o homem cria a cultura e as leis que a regem. A hipótese freudiana é que o totemismo permite verificar como se iniciou a organização social e a moralidade, ou seja, a civilização.

Com o objetivo de expor suas idéias, Freud supõe a existência, nos primórdios da humanidade, de um agrupamento humano chamado horda. Nesse tempo mítico não se pode dizer que existisse civilização. A horda primeva era constituída pelo pai, seus filhos e as mulheres. O pai detinha todo o poder sobre a tribo. Todos, sem exceção, estavam submetidos à sua tirania. Quando os filhos cresciam, o pai os expulsava do clã. Com o passar do tempo, os homens expulsos se uniram e voltaram à tribo. Eles mataram o pai e comeram sua carne. Para se reconciliarem com ele, os filhos, então, instituíram um *Totem* como substituto do pai, apaziguando suas culpas. Em torno desse objeto estabeleceu-se uma série de proibições. Ele não podia ser ingerido nem tocado. Foi sacralizado, se tornou *Tabu* para a tribo e determinou suas leis. Através desse tabu, o mandamento ‘não matarás’ ganhou o lugar de pacto social. De acordo com Freud, a lei do pai passou a ter mais força depois que ele foi morto.

O artigo “*Reflexões para o tempo de guerra e morte*”<sup>5</sup> antecipa, de certa maneira, a formalização do sentimento de culpa como proveniente do complexo de Édipo. Nele, Freud reafirma que a culpa é um sentimento presente na humanidade desde que o pai da horda foi assassinado. A culpa, porém, não é analisada somente como um afeto proveniente do parricídio, mas, também, como um sentimento que tem ligação com um desejo inconsciente. Dessa forma, o desejo de assassinar adquire uma prevalência sobre o remorso decorrente do parricídio. Desejar, ou pensar, a morte do pai abre caminho para se discutir às conseqüências na clínica do complexo de Édipo.

“*Algum tipo de caráter encontrado no decorrer do trabalho analítico*” é o título de um conjunto de três artigos escritos em 1916, como resultado do tratamento dado por Freud à

---

<sup>5</sup> Idem - *Reflexões para os tempos de guerra e morte* [1915] in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, op. cit., vol. XIV, p. 311-319.

discussão sobre a culpa. O objetivo de Freud era mostrar como o sentimento de culpa aparece de diferentes formas na clínica. Pode-se dizer que ele conclui que o surgimento do sentimento de culpa é a maneira de verificar a instauração do complexo de Édipo. Nesse momento da teoria, o complexo de Édipo aparece como o responsável pela função da consciência, o que virá a ser modificado, posteriormente. O conceito de consciência é um conceito problemático para a psicanálise. Nesse mesmo artigo, no primeiro capítulo, “*As exceções*”, Freud discute os casos nos quais os sentimentos de culpa não estão presentes. Ele afirma que a culpa é um sentimento que favorece os laços sociais. No segundo capítulo - “*Arruinados pelo êxito*” - o sentimento de culpa aparece sob a forma de remorso. Nesta situação, estariam as pessoas que adoecem devido ao êxito<sup>6</sup>.

No último capítulo dessa tríade de textos, “*Criminosos em consequência de um sentimento de culpa*”, Freud mostra como algumas ações são praticadas justamente por serem proibidas. A infração oferece uma justificativa para a existência do sentimento de culpa. Na diversidade de formas de inscrição, ou não, do complexo de Édipo, a culpa na subjetividade vai exigir uma maior complexidade na teoria. A hipótese do supereu vai se tornando, cada vez mais, uma necessidade teórica para ele. Desde o início, o imperativo moral que o supereu instaura é insensato: ele proíbe e, também, pune.

A partir do momento em que Freud se interessa pelo masoquismo, uma virada teórica sobre o sentimento de culpa se inicia. O masoquismo, a partir da perspectiva do texto de 1919, “*Uma criança é espancada*”<sup>7</sup>, é o produto da verificação de fantasias masoquistas na clínica das neuroses. Freud irá relacionar o sentimento de culpa, não ao complexo de Édipo em geral, mas à fantasia masoquista aí inserida. Tal fantasia é considerada um traço de perversão, pois se trata de um modo de satisfação que persiste apesar do recalque. Os desejos recalcados desaparecem no inconsciente, mas continuam operando no inconsciente como fantasia. Eles assim se tornam o eixo do sentimento de culpa.

---

<sup>6</sup> Idem - *Alguns tipos característicos encontrados no trabalho analítico* [1916] in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, op. cit., vol. XIV, p. 311.

<sup>7</sup> Idem - *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* [1919] in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, op. cit., vol. XVII, p. 223-253.

Freud divide a fantasia teorizada em “*Uma criança é espancada*” em três momentos e a cada um correlaciona uma frase. O primeiro tempo, designado período de amor incestuoso, nos reenvia à frase: “*ele*”, o pai, “*não ama você, pois está lhe batendo. Ele ama só a mim*”. Esse tempo, destacado por Freud, será determinante para instaurar a forma de punição que será repetida: ser espancado. O segundo tempo é considerado o mais importante. Jamais é lembrado, sendo uma construção da análise. Nela, aparece o caráter masoquista, “*estou sendo espancado por meu pai*”. A culpa é, pois, uma reação tanto a essa escolha incestuosa do objeto como do sadismo. Aqui se processa, então, uma virada teórica quanto ao masoquismo.

Em “*O problema econômico do masoquismo*”<sup>8</sup>, texto de 1924, o masoquismo passará a ser considerado como primordial. A fantasia inconsciente está relacionada ao sentimento de culpa originário do complexo de Édipo. Freud, assim, atribui o sentimento de culpa a essa instância moral criada a partir do eu e que julga seus desempenhos. Será o nome dado ao supereu. Freud começa por explicar o sentimento de culpa à luz da pulsão de morte e propõe três formas de masoquismo: o erógeno, o feminino e o moral.

O masoquismo erógeno é a condição da excitação sexual no qual a libido deverá intervir. Trata-se da presença da pulsão de morte no organismo. A incidência da castração edipiana irá transformá-lo em masoquismo feminino. O masoquismo feminino faz prevalecer o prazer no sofrimento. O sujeito quer ser tratado como uma criança travessa a ser castigada, colocando-se em posição tipicamente feminina. E o masoquismo moral é definido como uma forma de comportamento que afrouxa as relações com a sexualidade, além de ser o responsável pelo sentimento de culpa. O que importa é o próprio sofrimento. É o masoquismo do eu que busca punição tanto do supereu quanto dos poderes parentais externos. O sofrimento na neurose é uma forma de satisfação que se evidencia na clínica através do ganho masoquista obtido com a doença.

---

<sup>8</sup> Idem - *O problema econômico do masoquismo* [1924] in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, op. cit., vol. XIX, p. 197-212.

Em 1926, Freud nos apresenta “*Inibição, Sintoma, e Ansiedade*”,<sup>9</sup> texto fundamental para a clínica, pois tem como ponto central a angústia. Nesse texto postula dois tipos de angústia, a angústia sinal e a angústia automática, ambas relacionadas à questão do trauma. Nessa época Freud já havia desenvolvido os conceitos de compulsão à repetição e o “além do princípio do prazer”, que o levam a tecer novas considerações sobre a angústia. Pensar o trauma em termos econômicos significa pensá-lo a partir de um afluxo de excitações que é excessivo em relação à tolerância do sujeito e à sua capacidade de dominar e de elaborar psiquicamente essas excitações.

É nesse sentido que a articulação da angústia com a situação traumática leva Freud à conclusão de que a angústia surgiu originalmente como uma reação a um estado de perigo e é produzida sempre que um estado dessa espécie se repete. No caso da angústia sinal, o que é temido não é um dano ao sujeito, uma situação de perigo, mas a ocorrência de um trauma, mais especificamente a desorganização psíquica que o trauma ocasiona. Ele adota o traumatismo de nascimento como modelo do estado de angústia primitiva que indica a separação da mãe, sendo assim, traumático.

Parece importante sublinhar a importância dada por Freud a essas três reações do sujeito frente ao que considera excessivo para o aparelho psíquico: Inibição-Sintoma-Angústia. Cada período de vida do sujeito tendo seu determinante apropriado de angústia. Detalharemos na fornecido dissertação, em capítulos que serão introduzidos sobre o Real da Psicanálise, o lugar dado por Lacan à angústia como via de acesso ao Real e, portanto como *um afeto que não engana*, conforme as palavras que utilizou em *O seminário, livro 10: a angústia*.

“*O ego e o id*”<sup>10</sup> é um texto que marca a segunda tópica freudiana. A instância do supereu, além do eu e do isso, é formalizada por Freud. O supereu tem uma origem no complexo de Édipo e outra no desamparo do ser humano. O complexo de Édipo é o responsável pelo surgimento do sentimento de culpa, ao reavivar os conflitos entre o psíquico e a realidade, entre o eu e o isso. O

---

<sup>9</sup> Idem - *Inibição, sintoma e angústia* [1926] in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, op. cit., vol. XX, p. 156.

<sup>10</sup> Idem - *O ego e o id* [1923] in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, op. cit., vol. XIX, p. 13-83.

supereu será o juiz desses conflitos. Ele terá que observar, criticar e avaliar se o eu está à altura dos ideais a ele impostos.

O texto “*Dostoievski e o parricídio*” ilustra bem a necessidade de punição. Em *Dostoievski*, as ações punitivas surgem em função dos desejos de morte ao pai que ele odiava. A culpa é, assim, o resto da operação edipiana. O eu assume uma atitude passiva em relação ao supereu e desenvolve uma necessidade de punição. Oferece-se como vítima e encontra satisfação nos maus tratos do supereu. O estudo das três formas de masoquismo já havia permitido a Freud concluir diferentes formas de expressão da pulsão de morte, agora acrescidas com as contribuições do texto sobre o parricídio<sup>11</sup>.

No texto “*O mal estar na cultura*”<sup>12</sup>, Freud analisa os vínculos sociais e o sentimento de culpa. A civilização se dá através da renúncia pulsional. Desse modo, as manifestações da pulsão agressiva têm que ser controladas. Entretanto, nenhum mandamento moral, nenhuma lei, é capaz de proibir a agressividade humana. O mandamento “*ama ao próximo como a ti mesmo*” exige vínculos libidinais impossíveis de serem atingidos. O supereu, como agente, dirige contra o eu a mesma agressividade que endereça aos outros. Por tal motivo o sentimento de culpa se expressa por uma necessidade de punição. Trata-se da severidade da consciência que, sob a influência de um supereu sádico, faz com que o eu se torne masoquista.

Ainda no texto “*Mal estar na Cultura*”, Freud tenta conjugar o complexo de Édipo com *Totem e Tabu*. A origem do sentimento de culpa está no complexo de Édipo, sendo esse sentimento adquirido com a morte do pai primevo. O parricídio foi um ato de agressividade, então, trata-se do mesmo ato e seu recalçamento na criança é a fonte do sentimento de culpa. Freud se pergunta se haveria diferença entre assassinar ou não o pai, pois, em ambos os casos, o sentimento de culpa permanece. Após investigar a hipótese do pai primevo como ficção, ele conclui que o sentimento de culpa expressa tanto o conflito devido à ambivalência quanto a luta entre Eros e a pulsão de morte. O conflito aparece no mesmo movimento em que o ser humano

---

<sup>11</sup> Idem - *Dostoievski e o parricídio* [1928] in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, op. cit., vol. XXI.

<sup>12</sup> Idem - *O mal estar na civilização* [1930] in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, op. cit., vol. XX, p.81.

se vê obrigado a conviver com seu semelhante. Inicialmente a culpa surge do medo da autoridade externa que exige a renúncia da satisfação da pulsão.

A seguir, vem do medo do supereu. A princípio, para não perder o amor, renuncia-se às satisfações. O desejo, porém, insiste, indicando que não se pode renunciar e, desta forma, troca-se a ameaça de perda do amor por uma infelicidade interna. Por medo de perder o amor, o eu consente em renunciar à satisfação da pulsão. O produto desta renúncia é o sentimento de culpa. Freud separa a culpa do remorso, a culpa passa a estar ligada à pulsão de morte, ao masoquismo. Assim, procura diferenciar o sentimento de culpa produzido pela civilização daquele produzido pela neurose, considerando que toda neurose possui um sentimento de culpa subjacente. A culpa fortalece os sintomas que passam a serem utilizados como punição. O recalque desloca os sentimentos agressivos transformando-os em mal estar.

Em seu texto “A dissolução do complexo de Édipo”<sup>13</sup>, Freud enfatiza que o complexo de Édipo tenderia a ser destruído por sua falta de sucesso, pelos efeitos de sua impossibilidade interna. No entanto o Édipo é o organizador fundamental articulado à lei. “*A observação analítica capacita-nos a identificar ou adivinhar essas vinculações entre a organização fálica, o complexo de Édipo, a ameaça de castração, a formação do superego e o período de latência*”.<sup>14</sup> Lacan dirá em seu texto “*A significação do Falo*” que o Complexo de Édipo *deve ser lido* como uma amarração fundamental da estrutura subjetiva.

Finalmente, em “*Moisés e o Monoteísmo*”,<sup>15</sup> há uma mudança em sua perspectiva teórica quanto ao assassinato do pai. O sacrifício do filho torna-se o ponto crucial para a instauração da lei. O crime primordial deixa de ter a importância que teve no início de sua obra. Segundo Freud, Moisés restabeleceu a figura do pai primevo ao indicar a existência de um Deus único que dita as leis. O mito do assassinato do pai foi a primeira explicação para nomear a incidência da paternidade. O mito, em vários momentos, é apresentado não como algo da ficção, mas da realidade. Parece que há certa dificuldade de Freud em abandoná-lo, mesmo quando parece ter sido ultrapassado. Freud afirma que a culpabilidade persiste mesmo que não haja sentimento de culpa. A culpa tinha uma função simbólica fundamental na época de Freud e sua clínica pôde

---

<sup>13</sup> Idem - *A dissolução do Complexo de Édipo* [1924] in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, op. cit., vol. XIX, p. 220.

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*, p. 222.

<sup>15</sup> Idem - *Moisés e o monoteísmo* [1939] in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, op. cit., vol. XXIII, p. 19-156.

mostrar como ela se inscreve na economia dos sintomas neuróticos. O significante do Nome-do-Pai, ao operar na época de Freud - podemos afirmá-lo a partir da leitura de orientação lacaniana - fornece maior relevo ao universal da culpabilidade.

Em Freud o Pai aparece como operador da lei, unindo-a ao desejo. O desejo de Freud foi fazer do Pai morto a condição do gozo e da lei da proibição, ou seja, a condição de gozo para o ser falante.

É importante, também, lembrar duas conferências fundamentais de Freud que se articulam: a Conferência XXIII sobre “*Os caminhos da formação do sintoma*”<sup>16</sup>, e a Conferência XVII sobre “*O Sentido do sintoma*”<sup>17</sup>. Trata-se em Freud de um achado teórico fundamental: a satisfação do sintoma como ganho secundário. Na primeira conferência Freud apresenta o sintoma como um novo método de satisfazer a libido<sup>18</sup>. A libido retoma a um momento anterior da organização libidinal ou retorna a um objeto que já havia sido abandonado. O caminho regressivo é determinado pelo ponto do desenvolvimento no qual a libido ficou fixada. Destacamos aqui que a própria formação do sintoma já é um modo de satisfação.

No Seminário de Barcelona, essas duas conferências freudianas foram bem esmiuçadas por Jacques-Alain Miller<sup>19</sup> para destacar a base funcional do sintoma. É o que discutiremos no item seguinte a partir da dimensão do incurável pulsional. Desta forma, anteciparemos, neste primeiro capítulo, o que será detalhado mais adiante nos capítulos que se referem ao final de análise e às construções do fim.

## **I.2. Sobre o incurável pulsional**

Freud se defrontou com o impasse do destino da pulsão no final de análise. A prática analítica, seja ela pura ou aplicada, deve ter como orientação o Real lacaniano. A esse impasse Freud deu diferentes nomes: *rochedo da castração*, *reação terapêutica negativa*, *compulsão à repetição*, *supereu* e *masoquismo primordial*, e o *feminino*. Partiremos de três modalidades para

---

<sup>16</sup> Idem - *Conferência XXII - Os caminhos da formação do sintoma* [1917] in *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, op. cit., vol. XVII.

<sup>17</sup> Idem - *O sentido do sintoma* [1916-1917] in *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, op. cit., vol. XVI.

<sup>18</sup> Idem, *ibidem*, p. 419.

<sup>19</sup> MILLER, J.-A.- *Seminário de Barcelona* ( 1997) in *Revista Freudiana* - nº. 19, Buenos Aires, Paidós, p.7-56.

pensar o sintoma com relação aos impasses na direção do tratamento e sua transformação na análise: o sintoma na entrada em análise, o sintoma durante a análise, e o sintoma no final de análise.

Nesse item, abordaremos a questão do que é a cura para a psicanálise com o intuito dar relevo à investigação nesses tempos atuais, onde a concepção da cura pela fala foi encarnada pelas diversidades psicoterápicas que renegam o Real da análise. É nesse sentido que o conceito de *sinthoma*, definido por Lacan em seu último ensino, como aquilo que vem do Real, nos interroga sobre a cura na psicanálise.

O sintoma freudiano traz um enigma a ser decifrado, quer dizer, ele tem um sentido. Freud já esclarecera o caminho da formação do sintoma nas suas já citadas conferências. Segundo Freud, o sintoma desapareceria quando o sentido recalçado se tornasse consciente. No entanto, ele percebeu algo que faz obstáculo ao tratamento. Toda análise atravessará as reviravoltas da repetição, com a vertente do sintoma que resiste à decifração e que expressa um modo de gozo, uma modo de satisfação próprio a cada um; uma maneira particular que cada um inventa para lidar com o Real. Portanto, o sujeito só pode responder ao Real criando um *sinthoma*, como diz Lacan.

Trata-se de uma dificuldade referida à questão relativa à cura para a psicanálise, quando pensamos a dimensão do incurável do sintoma. Freud, na conferência citada sobre “*Os caminhos da formação dos sintomas*”, nos indicou de uma forma radical que o sintoma é satisfação. “*Eliminar os sintomas, não equivale a curar a doença*”<sup>20</sup>. Segundo ele, o tipo de satisfação que o sintoma consegue tem em si mesmo muitos aspectos estranhos ao próprio sintoma. É na clínica que podemos observar a dimensão de satisfação disfarçada em queixa. Freud já advertira sobre a formação do sintoma enquanto impossibilidade de satisfação.

*“Retornemos agora aos sintomas. Estes criam, portanto, um substituto da satisfação frustrada, realizando uma regressão da libido a épocas do desenvolvimento anteriores, regressão a que*

---

<sup>20</sup> FREUD, S. - Conferência XXIII - *Os caminhos da formação dos sintomas*, op. cit., p. 361.

*necessariamente se vincula um retorno a estádios anteriores de escolha objetal ou de organização.*<sup>21</sup>

Essa mesma impossibilidade faz a libido regredir ao ponto de fixação onde outrora fora satisfeita. Ora, se a libido regride ao ponto de fixação, é porque existe algo atrativo, um gozo a mais. Freud indicou que o ponto que liga a fixação ao sintoma é a fantasia. A fantasia é a forma pela qual se poderá ter acesso ao gozo. A fantasia sendo uma tela para encobrir o que é verdadeiramente fundamental, ou seja, a fixidez da libido.

Os caminhos da formação do sintoma são, por um lado, caminhos de retorno da libido. E por outro, os caminhos se fazem em uma dialética entre desenvolvimento e regressão, como também através de repetições que conectam o gozo da pulsão. O que nos interessa investigar é justamente a clínica do gozo como expressão de uma clínica sem conflito, como disse Miller<sup>22</sup>. E ele acrescenta nesse mesmo lugar:

*“Para Freud, o conflito é essencial quando define o conflito como uma formação de compromisso entre forças que se opõem. Para Lacan, se trata de pensar o sintoma sem conflito ao privilegiar o real da satisfação (...) A clínica dos nós é uma clínica sem conflitos”.*

Trata-se de uma clínica da amarração, dos arranjos, da criação e não da oposição sintomática. Há dificuldade, porem não há conflito. Miller lembra que Lacan começou pela oposição do simbólico ao imaginário, e isto era um conflito. Depois privilegiou uma clínica cuja oposição centrava entre o simbólico e o real. Depois entre o simbólico e o objeto *a*. Com os nós borromeanos não há mais oposição, existe solidariedade e arranjos que não dizem respeito à resolução dos conflitos, conforme dizia Freud, mas de fazer novos arranjos com o incurável do sintoma.

Na relação de textos aqui selecionados nos orientamos pelos artigos publicados pelos colegas da Seção Minas da Escola Brasileira de Psicanálise, que se encontram na Revista Curinga,

---

<sup>21</sup> Idem, ibidem, p. 367.

<sup>22</sup> MILLER, J. -A. - *Seminário de Barcelona*, op. cit., p. 46.

“Lacan e a Lei”, sobretudo o texto de Maria José Contijo Salum.<sup>1</sup> Irei me apoiar nos textos da Revista Curinga da EBP-MG

Em Lacan para sustentar o conceito de sintoma, ou seja, serão articuladas questões originadas do pai freudiano, desde “*Totem e Tabu*” e o mito do Édipo, à metáfora paterna de Lacan, na clínica estrutural. E, no último ensino de Lacan, o pai como ferramenta, na clínica borromeana.

O Complexo de Édipo se situa no âmago da experiência analítica, junto ao lugar central que Freud atribuiu ao pai<sup>23</sup>. A sustentação do mito freudiano de Édipo e o da horda primitiva fazem referência à perda de gozo, pois falam do assassinato do pai e do gozo da mãe. O Édipo não é, portanto natural, mas cultural transmitido pela linguagem. Lacan se separa de Freud quando lhe dá o status de sonho, de um sonho de Freud. O ensino de Lacan, sempre deu ênfase na metáfora paterna em detrimento do complexo de Édipo. Os mitos do pai da horda e do parricídio pertencem à categoria do pai morto-fundador da lei simbólica. Lacan delimitou os dois tempos iniciais do Édipo; o Pai simbólico e o Pai imaginário, como bússola de seu primeiro ensino. Em seu segundo ensino, ao perceber a insuficiência da metáfora paterna na clínica, avançou no conceito de Pai real, situando-o como o que pode introduzir para a criança a dimensão do impossível e daquilo que não é demonstrável. A psicanálise nesse sentido, aposta no impossível como sendo um índice de uma articulação simbólica.<sup>24</sup> O pai real, como exceção, ou seja, como não castrado, instaura para a criança um enigma sobre o desejo que um homem dirige a uma mulher. O Pai real é um operador estrutural que permite a divisão para a criança da mãe enquanto mulher.

Ao longo de seu ensino, Lacan vai examinar os distintos modos de relação entre o Édipo e o Nome-do-Pai. Em um primeiro tempo, articula a castração com o Édipo e dá ao significante do

---

<sup>23</sup> SALUM, M. J. - *Freud e a culpa: a culpabilidade antecede o crime*, op. cit., p. 20-34. Irei me apoiar nos textos da Revista Curinga, principalmente no artigo de Maria José Contijo Salum.

<sup>24</sup> LACAN, J. - *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*, op. cit.

Nome-do-Pai um lugar relevante. Num segundo tempo, Lacan vai mais além do Édipo, rompendo esse enlace, relativizando o Nome-do-Pai.

Em contraposição ao pai que diz não, o pai lacaniano, além de dizer não, diz sim. Esse sim tem, em *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, duas referências. Uma explicita a função do pai real. No terceiro tempo do Édipo ele se apresenta como um pai doador que se opõe ao pai proibidor e privador do segundo tempo, e que condiciona a instalação do ideal do eu, como veremos no capítulo sobre a versão do pai em Lacan.

Para Freud, o pai é, ao mesmo tempo, o representante e o agente da renúncia pulsional que exige a cultura. Assim, concebeu a função paterna de um modo homogêneo, referido ao eixo da proibição do incesto e do auto-erotismo. A figura paterna assumiu em sua teoria um caráter predominantemente hostil, ou seja, exerce sua função desde a perspectiva da restrição e da hostilidade. Mais tarde, em suas reflexões sobre a origem da cultura e da religião e na construção da segunda tópica, vemos a transmutação de ódio em amor. Trata-se da ambivalência, como muito bem ilustra o caso do Homem dos Ratos. A figura de um pai do amor se coloca em continuidade com a função de proibição: ela não somente prossegue, mas também consolida a função que se exerce a serviço da obediência que conduz ao sacrifício da satisfação pulsional.

”*Totem e tabu*”<sup>25</sup> é a primeira tentativa de estabelecer a gênese da culpa. Nesse ensaio, Freud sustenta que o sentimento inconsciente de culpa é uma conseqüência do remorso pelo parricídio. A relação culposa com o pai torna-se o ponto no qual está situada a problemática do sujeito com o social. Freud considera que a culpa decorrente do crime primordial originou a civilização assim como suas conquistas. Dessa forma, a civilização se inicia a partir do momento em que o homem cria a cultura e as leis que a regem. A hipótese freudiana é que o totemismo permite verificar como se iniciou a organização social e a moralidade, ou seja, a civilização.

Com o objetivo de expor suas idéias, Freud supõe a existência, nos primórdios da humanidade, de um agrupamento humano chamado horda. Nesse tempo mítico não se pode dizer que existisse civilização. A horda primeva era constituída pelo pai, seus filhos e as mulheres. O

---

<sup>25</sup> FREUD, S. - *Totem e tabu*, op. cit., p. 13-161.

pai detinha todo o poder sobre a tribo. Todos, sem exceção, estavam submetidos à sua tirania. Quando os filhos cresciam, o pai os expulsava do clã. Com o passar do tempo, os homens expulsos se uniram e voltaram à tribo. Eles mataram o pai e comeram sua carne. Para se reconciliarem com ele, os filhos, então, instituíram um *Totem* como substituto do pai, apaziguando sua culpa. Em torno desse objeto estabeleceu-se uma série de proibições. Ele não podia ser ingerido nem tocado. Foi sacralizado, se tornou *Tabu* para a tribo e determinou suas leis. Através desse tabu, o mandamento ‘não matarás’ ganhou o lugar de pacto social. De acordo com Freud, a lei do pai passou a ter mais força depois que ele foi morto.

O artigo “*Reflexões para o tempo de guerra e morte*”<sup>26</sup> antecipa, de certa maneira, a formalização do sentimento de culpa como proveniente do complexo de Édipo. Nele, Freud reafirma que a culpa é um sentimento presente na humanidade desde que o pai da horda foi assassinado. A culpa, porém, não é analisada somente como um afeto proveniente do parricídio, mas, também, como um sentimento que tem ligação com um desejo inconsciente. Dessa forma, o desejo de assassinar adquire uma prevalência sobre o remorso decorrente do parricídio. Desejar, ou pensar, a morte do pai abre caminho para se discutir as conseqüências na clínica do complexo de Édipo.

“*Algum tipo de caráter encontrado no decorrer do trabalho analítico*” é o título de um conjunto de três artigos escritos em 1916, como resultado do tratamento dado por Freud à discussão sobre a culpa. O objetivo de Freud era mostrar como o sentimento de culpa aparece de diferentes formas na clínica. Pode-se dizer que ele conclui que o surgimento do sentimento de culpa é a maneira de verificar a instauração do complexo de Édipo. Nesse momento da teoria, o complexo de Édipo aparece como o responsável pela função da consciência, o que virá a ser modificado, posteriormente. O conceito de consciência é um conceito problemático para a psicanálise. Nesse mesmo artigo, no primeiro capítulo, “*As exceções*”, Freud discute os casos nos quais os sentimentos de culpa não estão presentes. Ele afirma que a culpa é um sentimento que favorece os laços sociais. No segundo capítulo - “*Arruinados pelo êxito*” - o sentimento de culpa aparece sob a forma de remorso. Nesta situação, estariam as pessoas que adoecem devido ao êxito.

---

<sup>26</sup> Idem - *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, op. cit., p. 311-319.

No último capítulo dessa tríade de textos, “*Criminosos em consequência de um sentimento de culpa*”, Freud mostra como algumas ações são praticadas justamente por serem proibidas. A infração oferece uma justificativa para a existência do sentimento de culpa. Na diversidade de formas de inscrição, ou não, do complexo de Édipo, a culpa na subjetividade vai exigir uma maior complexidade na teoria. A hipótese do supereu vai se tornando, cada vez mais, uma necessidade teórica para ele. Desde o início, o imperativo moral que o supereu instaura é insensato: ele proíbe e, também, pune.

A partir do momento em que Freud se interessa pelo masoquismo, uma virada teórica sobre o sentimento de culpa se inicia. O masoquismo, a partir da perspectiva do texto de 1919, “*Uma criança é espancada*”<sup>27</sup>, é o produto da verificação de fantasias masoquistas na clínica das neuroses. Freud irá relacionar o sentimento de culpa, não ao complexo de Édipo em geral, mas à fantasia masoquista aí inserida. Tal fantasia é considerada um traço de perversão, pois se trata de um modo de satisfação que persiste apesar do recalque. Os desejos recalcados desaparecem no inconsciente, mas continuam operando no inconsciente como fantasia. Eles assim se tornam o eixo do sentimento de culpa.

Freud divide a fantasia teorizada em “*Uma criança é espancada*” em três momentos e a cada um correlaciona uma frase. O primeiro tempo, designado período de amor incestuoso, nos reenvia à frase: “*ele*”, o pai, “*não ama você, pois está lhe batendo. Ele ama só a mim*”. Esse tempo, destacado por Freud, será determinante para instaurar a forma de punição que será repetida: ser espancado. O segundo tempo é considerado o mais importante. Jamais é lembrado, sendo uma construção da análise. Nela, aparece o caráter masoquista, “*estou sendo espancado por meu pai*”. A culpa é, pois, uma reação tanto a essa escolha incestuosa do objeto como do sadismo. Aqui se processa, então, uma virada teórica quanto ao masoquismo.

Em “*O problema econômico do masoquismo*”<sup>28</sup>, texto de 1924, o masoquismo passará a ser considerado como primordial. A fantasia inconsciente está relacionada ao sentimento de

---

<sup>27</sup> Idem - *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*, op. cit., p. 223-253.

<sup>28</sup> Idem - *O problema econômico do masoquismo*, op. cit., p. 197-212.

culpa originário do complexo de Édipo. Freud, assim, atribui o sentimento de culpa a essa instância moral criada a partir do eu e que julga seus desempenhos. Será o nome dado ao supereu. Freud começa por explicar o sentimento de culpa à luz da pulsão de morte e propõe três formas de masoquismo: o erógeno, o feminino e o moral.

O masoquismo erógeno é a condição da excitação sexual no qual a libido deverá intervir. Trata-se da presença da pulsão de morte no organismo. A incidência da castração edipiana irá transformá-lo em masoquismo feminino. O masoquismo feminino faz prevalecer o prazer no sofrimento. O sujeito quer ser tratado como uma criança travessa a ser castigada, colocando-se em posição tipicamente feminina. E o masoquismo moral é definido como uma forma de comportamento que afrouxa as relações com a sexualidade, além de ser o responsável pelo sentimento de culpa. O que importa é o próprio sofrimento. É o masoquismo do eu que busca punição tanto do supereu quanto dos poderes parentais externos. O sofrimento na neurose é uma forma de satisfação que se evidencia na clínica através do ganho masoquista obtido com a doença.

Em 1926, Freud nos apresenta “*Inibição, Sintoma, e Ansiedade*”,<sup>29</sup> texto fundamental para a clínica, pois tem como ponto central a angústia. Nesse texto postula dois tipos de angústia, a angústia sinal e a angústia automática, ambas relacionadas à questão do trauma. Nessa época Freud já havia desenvolvido os conceitos de compulsão a repetição e o “além do princípio do prazer”, que o levam a tecer novas considerações sobre a angústia. Pensar o trauma em termos econômicos significa pensá-lo a partir de um afluxo de excitações que é excessivo em relação à tolerância do sujeito e à sua capacidade de dominar e de elaborar psicologicamente essas excitações.

É nesse sentido que a articulação da angústia com a situação traumática leva Freud à conclusão de que a angústia surgiu originalmente como uma reação a um estado de perigo e é produzida sempre que um estado dessa espécie se repete. No caso da angústia sinal, o que é temido não é um dano ao sujeito, uma situação de perigo, mas a ocorrência de um trauma, mais especificamente a desorganização psíquica que o trauma ocasiona. Ele adota o traumatismo de

---

<sup>29</sup> Idem - *Inibição, sintoma e angústia*, op. cit., p. 156.

nascimento como modelo do estado de angústia primitiva que indica a separação da mãe, sendo assim, traumático.

Parece importante sublinhar a importância dada por Freud a essas três reações do sujeito frente ao que considera excessivo para o aparelho psíquico: Inibição-Sintoma-Angústia. Cada período de vida do sujeito tendo seu determinante apropriado de angústia. Detalharemos na fornecida dissertação, em capítulos que serão introduzidos sobre o Real da Psicanálise, o lugar por Lacan à angústia como via de acesso ao real e, portanto como *um afeto que não engana*, conforme as palavras que utilizou em *O seminário, livro 10: a angústia*.

“*O ego e o id*”<sup>30</sup> é um texto que marca a segunda tópica freudiana. A instância do supereu, além do eu e do isso, é formalizada por Freud. O supereu tem uma origem no complexo de Édipo e outra no desamparo do ser humano. O complexo de Édipo é o responsável pelo surgimento do sentimento de culpa, ao reavivar os conflitos entre o psíquico e a realidade, entre o eu e o isso. O supereu será o juiz desses conflitos. Ele terá que observar, criticar e avaliar se o eu está à altura dos ideais a ele impostos.

O texto “*Dostoiévski e o parricídio*”<sup>31</sup> ilustra bem a necessidade de punição. Em *Dostoiévski*, as ações punitivas surgem em função dos desejos de morte ao pai que ele odiava. A culpa é, assim, o resto da operação edipiana. O eu assume uma atitude passiva em relação ao supereu e desenvolve uma necessidade de punição. Oferece-se como vítima e encontra satisfação nos maus tratos do supereu. O estudo das três formas de masoquismo já havia permitido a Freud concluir diferentes formas de expressão da pulsão de morte, agora acrescidas com as contribuições do texto sobre o parricídio.

No texto “*O mal estar na cultura*”<sup>32</sup>, Freud analisa os vínculos sociais e o sentimento de culpa. A civilização se dá através da renúncia pulsional. Desse modo, as manifestações da pulsão agressiva têm que ser controladas. Entretanto, nenhum mandamento moral, nenhuma lei, é capaz de proibir a agressividade humana. O mandamento “*ama ao próximo como a ti mesmo*” exige

---

<sup>30</sup> Idem - *O ego e o id*, op. cit., p. 13-83.

<sup>31</sup> Idem - *Dostoiévski e o parricídio*, op. cit., p. 203-225.

<sup>32</sup> Idem - *O mal estar na civilização*, op. cit., p. 81.

vínculos libidinais impossíveis de serem atingidos. O supereu, como agente, dirige contra o eu a mesma agressividade que endereça aos outros. Por tal motivo o sentimento de culpa se expressa por uma necessidade de punição. Trata-se da severidade da consciência que, sob a influência de um supereu sádico, faz com que o eu se torne masoquista.

Ainda no texto “*Mal estar na Cultura*”, Freud tenta conjugar o complexo de Édipo com *Totem e Tabu*. A origem do sentimento de culpa está no complexo de Édipo, sendo esse sentimento adquirido com a morte do pai primevo. O parricídio foi um ato de agressividade, então, trata-se do mesmo ato e seu recalçamento na criança é a fonte do sentimento de culpa. Freud se pergunta se haveria diferença entre assassinar ou não o pai, pois, em ambos os casos, o sentimento de culpa permanece. Após investigar a hipótese do pai primevo como ficção, ele conclui que o sentimento de culpa expressa tanto o conflito devido à ambivalência quanto a luta entre Eros e a pulsão de morte. O conflito aparece no mesmo movimento em que o ser humano se vê obrigado a conviver com seu semelhante. Inicialmente a culpa surge do medo da autoridade externa que exige a renúncia da satisfação da pulsão.

A seguir, vem do medo do supereu. A princípio, para não perder o amor, renuncia-se às satisfações. O desejo, porém, insiste, indicando que não se pode renunciar e, desta forma, troca-se a ameaça de perda do amor por uma infelicidade interna. Por medo de perder o amor, o eu consente em renunciar à satisfação da pulsão. O produto desta renúncia é o sentimento de culpa. Freud separa a culpa do remorso, a culpa passa a estar ligada à pulsão de morte, ao masoquismo. Assim, procura diferenciar o sentimento de culpa produzido pela civilização daquele produzido pela neurose, considerando que toda neurose possui um sentimento de culpa subjacente. A culpa fortalece os sintomas que passam a serem utilizados como punição. O recalque desloca os sentimentos agressivos transformando-os em mal estar.

Finalmente, em “*Moisés e o Monoteísmo*”, há uma mudança em sua perspectiva teórica quanto ao assassinato do pai. O sacrifício do filho torna-se o ponto crucial para a instauração da lei. O crime primordial deixa de ter a importância que teve no início de sua obra. Segundo Freud, Moisés restabeleceu a figura do pai primevo ao indicar a existência de um Deus único que dita as leis. O mito do assassinato do pai foi a primeira explicação para nomear a incidência da

paternidade. O mito, em vários momentos, é apresentado não como algo da ficção, mas da realidade. Parece que há certa dificuldade de Freud em abandoná-lo, mesmo quando parece ter sido ultrapassado.

Freud afirma que a culpabilidade persiste mesmo que não haja sentimento de culpa. A culpa tinha uma função simbólica fundamental na época de Freud e sua clínica pôde mostrar como ela se inscreve na economia dos sintomas neuróticos. O significante do Nome-do-Pai, ao operar na época de Freud - podemos afirmá-lo a partir da leitura de orientação lacaniana - fornece maior relevo ao universal da culpabilidade.

É importante, também, lembrar duas conferências fundamentais de Freud que se articulam: a Conferência XXIII sobre “*Os caminhos da formação do sintoma*”<sup>33</sup>, e a Conferência XVII sobre “*O Sentido do sintoma*”<sup>34</sup>. Trata-se em Freud de um achado teórico fundamental: a satisfação do sintoma como ganho secundário. Na primeira Freud apresenta o sintoma como um novo método de satisfazer a libido.<sup>35</sup> A libido retoma a um momento anterior da organização libidinal ou retorna a um objeto que já havia sido abandonado. O caminho regressivo é determinado pelo ponto do desenvolvimento no qual a libido ficou fixada. Destacamos aqui que a própria formação do sintoma já é um modo de satisfação. Em seu Seminário de Barcelona, essa Conferência foi bem esmiuçada por Jacques-Alain Miller<sup>36</sup> para destacar a base funcional do sintoma.

Neste primeiro capítulo da dissertação, as considerações até agora introduzidas sublinham questões mais relevantes com relação ao pai e o conceito de sintoma em Freud.

## CAPÍTULO II

### LACAN, AS DUAS CLÍNICAS E O SINTOMA

---

<sup>33</sup> Idem - *Conferência XXIII - Os caminhos da formação do sintoma*, op.cit.

<sup>34</sup> Idem - *Conferência XVII - O sentido dos sintomas*, op.cit.

<sup>35</sup> Idem, ibidem, p. 419.

<sup>36</sup> MILLER, J.-A. - *Seminário de Barcelona*, op. cit., p.7-56.

As duas partes desse capítulo serão dedicadas à seqüência das elaborações de Lacan em seus dois ensinamentos: desde o momento em que se considerou chamar estruturalista esse primeiro tempo do ensino até às elaborações que compõem o que se convencionou chamar, no último tempo, de *clínica borromeana*.

## 2.1. A Clínica Estrutural

Ao longo de seu ensino, Lacan investigou as diferentes modalidades entre o complexo de Édipo e o Nome-do-Pai. Em um primeiro tempo, articulava a castração com o complexo de Édipo e fornecia ao significante Nome-do-Pai um lugar prevalente. Num segundo tempo do ensino, quando Lacan começou a dirigir a teoria para o mais além do Édipo, ele deslocou a metáfora paterna, passando a pensá-la do mito à estrutura. No item 2.2 do capítulo que será dedicado à clínica borromeana, veremos como o Nome-do-Pai, da época estruturalista de seu ensino, se tornará relativo. Isto quer dizer que na teoria, desde muito cedo, já estava anunciado o mais além do Édipo, que ganhou formalização a partir das fórmulas da sexuação, ao deslocar a lógica universal do Pai para o não-todo que o feminino encarna.

Ao longo do item 2.1 desta dissertação iremos nos ater, ao termo Nome-do-Pai conservando a sua função de sustentação simbólica que articula a lei ao desejo. O Édipo regula as alianças das estruturas elementares de parentesco, tal como na referência de Claude Lévi-Strauss<sup>37</sup>. Elas foram modificadas por Lacan em termos do valor mítico que a forma discursiva fornece a relação intersubjetiva.

Em 1938, Lacan começou a apontar a ação da *imago* paterna imaginária e simbólica referidas ao complexo de Édipo<sup>38</sup>. Ele postulou a equivalência entre o Pai morto e o registro do simbólico. E no decorrer dos anos, ele desenvolveu que a primazia do significante faz com que a paternidade se torne o efeito do significante do Nome-do-Pai. Esta afirmação colaborou para enfatizar que o pai não é um genitor, mas um significante que articula sua função à lei, assim

---

<sup>37</sup> LEVI STRAUSS, C. - *As estruturas elementares do parentesco* (1908) Petrópolis, Editora Vozes, 1982.

<sup>38</sup> LACAN, J. - *Os complexos familiares na formação do indivíduo* (1938) in *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003, p. 29-90.

como traduz um significante que metaforiza o desejo da mãe. O Édipo, portanto, é formado através da metáfora paterna, como será visto a seguir.

No texto “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*”<sup>39</sup>, ele introduz uma fórmula que apresenta o significante Nome-do-Pai (NP) em seu lugar de metáfora, fórmula que substitui o desejo da mãe (DM) ,significado pelo sujeito em  $\underline{x}$  pelo significante NP. O resultado traduz conseqüências cruciais para a clínica das neuroses. Nesta, o sujeito necessita lançar mão do significante NP em sua função de metáfora. Lacan sempre assinalou que Jacobson assim definiu no campo da lingüística. A intervenção do NP vem barrar o significante primeiro do desejo da mãe (DM) para fazer surgir uma nova significação em  $\underline{x}$ , que Lacan chamou de *significação fálica*. Essa intervenção estabiliza os efeitos fora-de-sentido (*hors-sens*) e do gozo caprichoso que o desejo da mãe produz.

*“Mas, o ponto em que queremos insistir é que não é unicamente da maneira como a mãe se arranja com a pessoa do pai que convém nos ocuparmos, mas da importância que ela dá à palavra dele - digamos, com clareza, a sua autoridade ou, em outras palavras, do lugar que ela reserva ao Nome-do-Pai, na promoção da lei”*<sup>40</sup>.

Foi exatamente isso que Lacan vem garantiu com a fórmula metáfora paterna.<sup>41</sup> Ele sinalizou a importância que Freud forneceu à problemática fálica em sua face imaginária em ambos os sexos. A forclusão do significante Nome-do-Pai confere à psicose uma lógica distinta da neurose.

*“A Verwerfung será tida por nós, portanto, como forclusão do significante. No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado o Nome-do-Pai, pois pode responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica”.*<sup>42</sup>

---

<sup>39</sup> Idem - *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1959) in Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, p. 563.

<sup>40</sup> Idem, ibidem, p. 585.

<sup>41</sup> Idem, ibidem, p. 563.

<sup>42</sup> Idem, ibidem, p. 564.

O desejo se sustenta pela ação do Nome-do-Pai na medida em que introduz um limite entre a mãe e a criança. A fração DM/x da fórmula acima citada, indica que não há uma relação direta entre a criança e o pai, mas que esta encontra-se metaforizada pelo desejo da mãe, que nomeia um gozo sem lei. A criança responde ao enigma do desejo da mãe através da inserção do pai. Dessa forma, o Nome-do-Pai inscreve no Outro a significação fálica como efeito da metáfora. Do resto desta operação surge o enigma do desejo do Outro.

A leitura de Philippe Lacadée<sup>43</sup> torna-se uma referência importante, pois acrescenta, de maneira sutil, a relação entre os significantes DM e NP. O autor relevou a mitologia da pulsão, que conduziu a psicanálise em direção ao Real e, portanto, para a direção do sem sentido de lalingua. Lacan, ao retomar o Édipo freudiano, afirmou que a função do pai representa desde o primeiro tempo, significar o corte, a separação entre o filho e sua mãe, significando que esta não reintegrará o seu produto.

Em 1958, no escrito “*A significação do falo*”<sup>44</sup>, Lacan estabeleceu a primazia do falo sem a referência ao Édipo. O falo estará mais articulado ao significante. Dessa maneira, no cerne da metáfora paterna já encontramos uma antecipação do que se tornará o mais além do Édipo.

*“Sabemos que o complexo de castração inconsciente tem uma função de nó, (...). Porque, correlativamente, a significação da castração só adquire de fato (cl clinicamente manifesta) seu alcance eficiente na formação dos sintomas, a partir de sua descoberta como castração da mãe.”*<sup>45</sup>

No seminário dedicado às formações do inconsciente<sup>45</sup>, Lacan nos mostrou os três tempos lógicos do Édipo. Primeiro, a criança se identifica com o falo imaginário, com o objeto do desejo da mãe. Isso se dá ao mesmo tempo em que a ação do simbólico faz o reconhecimento de *das Ding* como gozo perdido. No ternário imaginário, mãe-falo-criança,<sup>46</sup> o pai está presente de forma velada. No segundo tempo, como Lacan desenvolveu em seu seminário 5, temos o *fort-da*

---

<sup>43</sup> LACADÉE, P. - *Do mito ao sintoma: montar a cavalo sobre o Nome-do-Pai*, in *Curinga – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise* – nº. 22, Minas Gerais, junho de 2006, p. 17.

<sup>44</sup> LACAN, J. - *A significação do falo* (1958) in *Escritos*, op. cit., p. 692.

<sup>45</sup> Idem - *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-1958) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 204-214.

<sup>46</sup> Idem - *O Seminário, livro 4: a relação de objeto* (1956-1957) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995, p. 28.

como índice da simbolização primordial e a lei do pai intervém ditando a interdição do incesto, que funciona tanto para a criança como para sua mãe. O pai priva a mãe de seu objeto.

No terceiro tempo podemos creditar um declínio do Édipo com a questão do ter ou não o falo. O pai real agencia a castração, nomeando um desejo. O pai é o que dá, aquele que tem, sendo o suporte de uma identificação ao ideal do eu. Do lado masculino, equivale dizer que o pai, na sua versão de pai real, possibilita uma identificação viril. A morte do pai não abre a via do gozo, mas reforça a sua interdição, aumentando a severidade do supereu. Trata-se, assim, da relação do pai e do gozo.

Aos poucos, o Pai morto freudiano e o Nome-do-Pai introduzido por Lacan começam a ser distinguidos. Ou seja, de Freud a Lacan encontramos diferentes elaborações sobre o que é um Pai. Como já foi explanado anteriormente, passamos pela versão do pai de *Totem e Tabu* ao pai da metáfora paterna, em nome do qual a criança interpreta o desejo da mãe como veremos mais adiante no item 2.2 desta dissertação. Em seguida o pai como ferramenta do último ensino, é equivalente ao *sinthoma*. Ele consiste uma solução inventada, uma amarração para nomear o gozo e estabilizar aquilo que não muda no sentido pulsional.

O pai ideal a quem o sujeito dirige seu amor é uma fantasia do neurótico. O significante Nome-do-Pai segue a vertente da lei e da castração como regulação do desejo. Gradualmente o Édipo perderá seu lugar de relevo e o complexo de castração passará a estar fundamentalmente articulado ao gozo. A castração não procede mais do pai, mas da perda de gozo que afeta o sujeito a partir do momento em que o sujeito se introduz na linguagem. A castração, assim, se separa do Édipo.

Parece importante sublinhar que os mitos freudianos do Édipo e de *Totem e Tabu* são mitos que falam ou tentam explicar a perda de gozo, eles são mitos que fazem referência a uma insatisfação original. O mito de Édipo fala de uma interdição com base na suposição de que a causa é uma proibição vinda do pai. Em *Totem e Tabu*, a perda de gozo é explicada pelo amor ao pai.

Com a metáfora paterna, Lacan articula a perda de gozo à castração, à lei do desejo e ao modo de recuperação através da significação fálica. Aqui, verificamos que é a própria linguagem que nos impede de gozar. O que torna problemático nosso acesso ao gozo. Lacan introduziu, então, uma modificação contundente ao dizer que a linguagem mortifica o corpo do vivente. E que a mãe freudiana é substituída pelo gozo interdito de quem fala.

A clínica estrutural nos ensina que a metaforização do desejo da mãe sempre deixa um resíduo libidinal não absorvido pelo simbólico, que Lacan chamará de objeto *a*, promovendo certa mudança no estatuto do pai em seu ensino. Seu percurso de Lacan em direção ao mais além do Édipo consistiu numa desconstrução do pai como ideal e universal. Não se tratará mais da mãe proibida, mas da *père-version*, ou seja, do Pai poder se confrontar com o gozo de uma mulher a quem toma como causa de desejo como veremos no item 2.2 mais a frente.

No momento estruturalista que marcou o começo do ensino de Lacan, temos a distinção de três registros, os quais aportam uma via quase natural para a distribuição das funções paternas e heterogêneas. Os matizes diferenciais elucidados por Lacan exigiriam um desenvolvimento maior além do que foi desenvolvido anteriormente. O que importa destacar em síntese são as funções de proibição são assumidas pelo pai simbólico. A função de pai privador fica a cargo do pai imaginário.

A transmissão de um ideal que estabiliza a posição sexual se cumpre por meio do pai real vivente, pai doador para a mãe e para a criança. Lacan ressaltou que este pai real deve manter uma distância em relação ao significante do Nome do Pai e, em especial, que não se identifique com ele. Os dois primeiros - o pai simbólico, por meio da operação do Nome do Pai na metáfora paterna, e o pai imaginário - constituem, sobretudo, uma leitura do Édipo freudiano. <sup>47</sup> “A maneira como o pai intervém, nesse momento, na dialética do Édipo, é extremamente importante de considerar”. <sup>48</sup> Lacan, no Seminário sobre as formações do inconsciente, lembrou a importância do terceiro tempo do Édipo. “No terceiro tempo, portanto, o pai intervém como real e potente”. <sup>49</sup> Em síntese a mudança quanto ao estatuto teórico do pai reside na conceituação do

---

<sup>47</sup> Idem - *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, op. cit., p. 204-215.

<sup>48</sup> Idem, ibidem, p. 211.

<sup>49</sup> Idem, ibidem, p. 201.

pai real. Pareceu-nos importante lembrar as referências do Seminário IV: a relação de objeto. Para introduzir a diferença conceitual quanto às três formas da falta de objeto. Frustração. Privação e Castração. São momentos importantes que designam o objeto enquanto perdido, demonstrando a falta de objeto e suas conseqüências clínicas.

Quanto ao significante do Nome-do-Pai - referido em *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* - também podemos verificar uma função positiva que o distingue de Freud. Trata-se do pai que tem o falo e o menino tem todo o direito de também possuí-lo, de ser homem.

*“É por intervir como aquele que tem o falo, e não como aquele que o é, que se pode produzir a báscula que reinstala a instância do falo como objeto desejado da mãe e não mais apenas como objeto do qual o pai pode privar”*.<sup>50</sup>

A partir do seminário dos anos de 1962 e 1963, a função do pai será descolada da categoria de fundamental a partir do objeto *a*, que indicará a impotência do pai ao sublinhar o limite do registro simbólico, na medida em que o Nome-do-Pai encontra neste objeto um limite quanto à simbolização<sup>51</sup>. O pai não pode dar conta por completo do gozo. Essa insuficiência do Nome-do-Pai, apresentada no último capítulo de *O Seminário, livro 10: A angústia*<sup>52</sup> conduziu Lacan a relativizar o Pai como um nome entre outros, deixando de ser único para ser plural. Assim, temos um mais além do pai através da constatação de que o Nome-do-Pai não sustenta a particularidade do gozo, nem como função, nem como nome. A impossibilidade do Nome-do-Pai metaforizar o gozo traduz a castração do pai e, por conseqüência, o complexo de Édipo freudiano consistirá em um mito sobre a perda de gozo. O pai morto freudiano proíbe o gozo. O pai morto, ou seja, o pai simbólico ou Nome-do-Pai que opera no Édipo, se apresenta como equivalente de uma elucubração mítica sobre o objeto real pulsional.<sup>53</sup>, além de regular o gozo. Lacan também em seu Seminário, livro 11,<sup>54</sup>. O significante é por definição articulado e o surgimento do sujeito aparece no intervalo entre

---

<sup>50</sup> Idem, ibidem, p. 200.

<sup>51</sup> Idem - *O Seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.

<sup>52</sup> Idem, ibidem, p. 201-216.

<sup>53</sup> PORTILLO, R. - *Nome-do-pai e significante mestre*, in Scilicet dos Nomes do Pai. AMP, Textos preparatórios para o Congresso de Roma de julho de 2006.

<sup>54</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

ambos. Lacan assim enuncia no Seminário, livro 11, citado, que “*o significante, ao produzir-se no campo do Outro, faz surgir o sujeito de sua significação*”.<sup>55</sup>

Sublinhamos que nesse mesmo momento ele desaparece, perdendo parte de si, que denominamos de *fading*. E para dar conta da constituição do sujeito que Lacan recorreu às duas operações fundantes que são alienação e separação. Ao primeiro tempo, a alienação corresponde a união dos conjuntos onde o sujeito vê-se ante o dilema o ser e o sentido. O resultado é uma divisão que se surge por um lado como sentido, por outro, perde o ser. A divisão constitutiva do sujeito descreve-se assim: O significante únario, vindo do campo do Outro, representa o sujeito para outro significante, o S2. Donde deduzimos que o surgimento do sujeito articula-se à ordem significante.

Na separação, se dá concomitantemente a queda do objeto no campo do Outro. Lacan produz o objeto pequeno *a*, como aquilo que de real se perde na constituição do sujeito. Essa perda se dá em decorrência da sexualidade só possuir o registro no inconsciente por intermédio da pulsão, conceito limite que é sempre parcial e sempre pulsão de morte.

Assim sujeito e objeto constituem-se num mesmo movimento, incessante. A torsão fundamental que implica responder à falta no Outro com a própria falta, provoca um relançamento do processo, que só pode ser pensado como vacilação constante do ser no caminho da alienação à separação e vice-versa. O significante encontra seu limite, no Real que escapa à significação.

Concluiremos nesse capítulo a relação entre o sintoma com o mais real que o sujeito porta. E acrescentamos que sua singularidade surgirá através do significante, que lhe nomeará. Essa articulação do sintoma ao significante é a ancoragem que o analisante irá fazer sob transferência. Sendo assim, o sintoma também poderá ser pensado como S1 que se repete sem fazer cadeia, como um S1 mestre, desligado da cadeia, como um significante traumático, que é fixidez de gozo. Dizemos que ele é gozo autista porque não faz laço com nenhum S2. Trata-se da faceta pulsional do sintoma.

Deduzimos que para que uma análise se realize será necessária à instalação do sujeito suposto saber. A transferência permitirá que o gozo conceda sua passagem para o significante, permitindo o tratamento do Real pelo simbólico. Que o gozo possa assumir uma forma sintomática é a direção do tratamento., referido ao campo das identificações e do sentido, isto é,

---

<sup>55</sup> Idem, *ibidem*, p. 197.

um tempo no qual o *symptôme* é estrutural e relacionado ao campo do Outro. Trata-se, portanto, de um tempo em que às referências cruciais são o complexo de Édipo, o significante Nome-do-Pai e o diagnóstico diferencial, entre outros<sup>56</sup>. E um segundo tempo no qual o *sinthoma* é descrito como práticas da letra, relativo ao campo do gozo, e, portanto, ao da fantasia.

Em *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*, Lacan nos indicou que a castração como perda de gozo quer dizer um efeito do significante sobre o corpo. Ressaltamos aqui o capítulo “*Do mito à estrutura*”<sup>57</sup>, que tem seu ponto de partida no mito freudiano de “*Totem e Tabu*” no que tange à equivalência entre o pai morto e o gozo. Precisamente a partir daí, Lacan situou um operador estrutural nomeando-o de pai real, agente da castração. O pai como significante mestre faz valer a castração, extraindo gozo do corpo. Verificamos então, uma dupla operação realizada pelo significante. Por um lado, um efeito de sujeito, \$, através de uma perda de gozo, e, por outro, a produção do gozo-a-mais. A castração assim agenciada pelo significante mestre modifica a questão da lei com relação à dialética transgressão-proibição. O par perda-recuperação de gozo entra em cena como elementos da fantasia.

Verificamos, então, a partir desse seminário citado, uma disjunção entre o significante mestre e o Nome-do-Pai. Temos, assim, a função do pai reduzida ao semblante situado na impossibilidade de escrever o Real<sup>58</sup>. A perda de gozo, nesse sentido, não tem tanto a ver com o Nome-do-Pai quanto com o significante. Essa perda é efeito da operação da linguagem sobre o corpo. O avesso da psicanálise esclarece que o discurso do analista é o avesso do discurso do mestre, pois o agente é modificado pelo objeto *a* no lugar do S1, através do ato do analista.

## 2.2. A clínica Borromeana

Retomaremos nesse item de forma acentuada, o salto teórico dado por Lacan para o mais além do Pai. Anteriormente o Nome-do-Pai já indicava que não se tratava apenas do Pai, mas, de

---

<sup>56</sup> Cf. as teorizações desenvolvidas por Lacan nos seus vinte primeiros seminários e que dizem respeito ao sintoma. Convém destacar as colaborações fornecidas neste tempo. A elaboração dos três esquemas – o esquema L, da dialética intersubjetiva, o esquema R, dos três registros, e o esquema I para as psicoses; bem como a teoria do significante, o grafo do desejo, as distinções entre *Das Ding* e a formalização do objeto *a*, as operações constitutivas do sujeito, em termos da alienação-separação, a lógica da fantasia e a teoria dos discursos como laços sociais. E, finalmente, as contribuições ligadas ao *en-corps*.

<sup>57</sup> LACAN, J. - *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

<sup>58</sup> SOAREZ, E. S. - *Les limites de l'interpretacion*, in *Papers del Comitê de Accion de la Escuela Una*, 2003.

seu Nome, é o pai do nome que cumpre a sua função. Neste sentido, para destacar a abordagem de Lacan a respeito da função do pai, no último ensino, assim designado por Miller<sup>59</sup>. Pareceu-nos importante lembrar o seminário “RSI”<sup>60</sup> quando Lacan elaborou o conceito de *père-version*, ou seja, quando um homem toma uma mulher como objeto causa de seu desejo. Nesse sentido a função do pai se vê acrescida não apenas como nome, mas também como versão do pai equivalente à função do sintoma.

Em seu Seminário livro XXIII, O Sinthoma, Lacan diz:

*“O Pai como Nome e como aquele que nomeia não são os mesmos”.*  
*“O pai é esse quarto – evoco aí alguma coisa que somente uma parte de meus ouvintes poderá considerar - esse quarto elemento sem o qual nada é possível no nó do simbólico, do imaginário, do real”*<sup>61</sup>.

“RSI” é, pois, o seminário de Lacan que modifica o sentido do sintoma da forma como era concebido no primeiro ensino, ou seja, como mensagem cifrada articulada à cadeia significante. Ao conceber a estrutura como nó, inaugura uma outra topologia do sujeito diferente da estrutura da cadeia significante. Assim, a *père-versão* é uma nova orientação dada por Lacan ao sintoma, uma nova versão do pai. O pai não é mais a única garantia dessa referência advinda da clínica estrutural quanto ao enigma do desejo da mãe. A partir de RSI é pai aquele que aceita ter seu desejo orientado por uma mulher causa de seu desejo. Neste sentido, Lacan deduz que uma mulher é *sinthoma* para um homem. Desta forma, no par mãe-criança, a criança não é a única a dividi-la. A mãe não é toda mãe, assim como não toda fálica: ela é, também, mulher para o pai. Se a mãe for sintoma para o pai, a criança é sintoma da verdade do casal. O sintoma aqui se expressa como uma forma de gozar, vindo no lugar da relação sexual que não existe. Ao modificar o sentido do sintoma, este se torna puro sem sentido ligado ao gozo.

---

<sup>59</sup> MILLER, J.-A. - *O último ensino de Lacan*, in Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise - n.º. 35, São Paulo, Edições EOLIA, 2001.

<sup>60</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 22: R.S.I.* (1974 – 1975) Inédito, aula de 21 de janeiro de 1975, p. 23.

<sup>61</sup> Idem - *O Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-1976) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2007, p. 163.

A seguir, desdobrando os diferentes posicionamentos de seus diferentes momentos de seu ensino, pesquisaremos, no último ensino, a clínica borromeana articulada ao Nome-do-Pai e à suplência.

A clínica clássica opõe neurose e psicose. É a chamada clínica do significante, na qual o fenômeno de linguagem possui um lugar especial. É também uma clínica orientada pelo Nome-do-Pai, na medida em que ele é um significante. Ele permite a regulação do enigma do desejo do Outro ao lhe dar uma significação.

O segundo tempo do ensino de Lacan se caracteriza por fundar uma clínica que pretende dar conta do gozo e de sua desregulação, quando ele não é submetido à resposta exclusiva da significação fálica. Trata-se da clínica borromeana, uma clínica da amarração inventada pelo sujeito para se manter na estrutura. Isto atesta que o significante também é gozo e que este tem o valor de letra.<sup>62</sup> Esta segunda clínica, não toma o lugar da primeira, mas permite amarrar o universal da estrutura e o traço singular do sujeito, sendo que o Nome-do-Pai e a anterioridade do Outro não mais se constituem como as únicas referências.

O princípio não é mais todo determinado pela função do significante Nome-do-Pai, mas tem como bússola a invenção do *sinthoma* que permite a amarração dos registros do Real, Simbólico e Imaginário. *Sinthoma* é um neologismo criado por Lacan para falar da fixidez do gozo. Neste último ensino, Lacan inaugurou uma outra topologia do sujeito que podemos considerar continuísta em relação ao ensino anterior. Podemos marcar a Conferência “*A Terceira*”,<sup>63</sup> assim como os Seminários “*RSI*” e o Seminário, livro XXIII, O Sinthoma, que estão centralizados nas teorizações sobre o nó borromeano. Tomaremos como referência o texto de Jean Pierre Deffieux<sup>64</sup>, “*Nome do Pai e suplência*”.

Retornando ao que foi desenvolvido antes, na clínica estrutural, o significante Nome-do-Pai, inscreve o sujeito na lei simbólica ao nomear o desejo da mãe, dando-lhe uma significação fálica. Trata-se de um tempo onde temos a referência da clínica edípiana orientada pela metáfora paterna e dividida entre neurose e psicose. A psicose pode, então, ser considerada como um déficit que pede compensação. A questão a ser formulada é como se pode construir uma

---

<sup>62</sup> São muitas as referências com relação ao conceito de letra. Convém destacar aqui letra como cifra do gozo.

<sup>63</sup> LACAN, J. - *La tercera* (1974) in *Intervenciones y Textos* - n.º. 2, Buenos Aires, Manantial, 1998, p. 73.

<sup>64</sup> DEFFIEUX, P. J. - *Nome-do-pai e suplência*, in *Scilicet dos Nomes do Pai*, op. cit.

amarração quando há perda da realidade. O termo suplência aparece pela primeira vez em Lacan, articulado à forclusão do Nome-do-Pai. “O Nome do Pai: prescindir, servir-se dele”.

.Em Freud veremos o equivalente quando se refere à tentativa de restituição da realidade pelo delírio. Sinthoma na clínica borromeana é “*uma maneira antiga de escrever o que posteriormente foi escrito sintoma*”.<sup>65</sup>

O exemplo estudado por Freud, retomado por Lacan no primeiro ensino, é o do Presidente Schreber<sup>66</sup>, cujas “Memórias de um doente dos nervos”<sup>67</sup> são ainda referência do desmoronamento psicótico, do desencadeamento e da suplência. Mostra o trabalho do delírio como metáfora delirante que restabelece certa relação com o mundo e uma tentativa de cura. Essa teoria assenta suas bases sobre uma falta estruturante da significação fálica equivalente à forclusão do Nome-do-Pai. O delírio é pensado em relação à construção de uma metáfora que faz suplência, dando uma significantização ao déficit simbólico.

A Clínica descontínua que trata a oposição neurose-psicose se relativiza na clínica borromeana, quando consideramos o conceito de uma *forclusão generalizada* proposto por Jacques-Alain Miller. Ela iguala as estruturas e nos fala da precariedade de manter amarrados Real, Simbólico e Imaginário. Nada os liga *a priori*. Desta forma, o nó borromeano de três representa a falta, o fracasso da função paterna como solução. Há, porém, muitas outras maneiras de fazer suplência a esse fracasso. É necessário um quarto elemento para fazer suplência à forclusão original. No Seminário “RSP”, Lacan desenvolve as suplências, os Nomes-do-Pai, que restituem uma amarração borromeana ao nó de quatro. Começa pelo sintoma freudiano.<sup>68</sup> O Nome-do-Pai, conceito fundamental da clínica estrutural, se transmuta à clínica borromeana quando a metáfora paterna não absorve inteiramente o gozo. É possível essa verificação também na suplência processada pela neurose. Eis porque Lacan, no capítulo IX, de seu seminário sobre o Sinthoma, pode anunciar: “*O Nome do Pai: prescindir, servir-se dele*”.<sup>69</sup> Trata-se “servir-se do

---

<sup>65</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 23: o sinthoma*, op. cit., p. 11.

<sup>66</sup> FREUD, S. - *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia* [1911] in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XI, (1974).

<sup>67</sup> SCHERBER, D. P. - *Memórias de um doente dos nervos* ( ) Rio de Janeiro, Editora Graal, 1984.

<sup>68</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 22: R.S.I.*, op. cit., aula de 10 de dezembro de 1974, p. 3.

<sup>69</sup> Idem - *O Seminário, livro 23: o sinthoma*, op. cit., p. 125.

Pai para subjetivar que o verdadeiro furo está localizado” onde se revela que não Outro do Outro”<sup>70</sup>.

Nos anos setenta, Lacan produz textos que falam de mudanças ocorridas na cultura, tirando delas as conseqüências para a psicanálise, para a sua clínica e sua prática. Lacan antecipa o declínio por vir da sociedade paternalista. “O Édipo não teria como se manter indefinidamente nas formas de sociedade em que se perde cada vez mais o sentido da tragédia”<sup>71</sup>. Podemos dizer retroativamente que existiram razões para isso. A suplência não é mais o que responde pelo déficit do Nome-do-Pai do Édipo ele se generaliza porque todos são conceituados como *fallasser*,<sup>72</sup> o produto de uma amarração sintomática.

Em muitos momentos, Lacan justifica o uso do nó como um recurso que lhe possibilita falar do Real, prescindindo do Simbólico e do Imaginário. O nó está mais relacionado ao Real, pois não se presta ao sentido. O nó borromeano é aquele cujas três consistências - real, simbólico e imaginário - estão entrelaçadas, definindo o termo *consistência* pelo que faz com que os três registros se mantenham juntos. O nó borromeano de três, então, é aquele em que os três registros estão entrelaçados de tal forma que, quando um de seus elos se solta, os demais se desprendem. O que é importante destacar é *sinthoma* como valor de amarração onde também se inclui o Pai, como um dos *sinthomas* possíveis.

No nó borromeano de quatro há três elos soltos que serão enlaçados por um quarto nó que fará uma amarração com valor de *sinthoma*, onde também se inclui o pai. Temos, portanto, duas versões do pai que estão referidas, respectivamente, aos dois ensinamentos: a primeira como sintoma, relacionado ao complexo de Édipo e ao Nome-do-Pai como uma referência universal e a segunda como *sinthoma*, enquanto quarto elemento que lhe dá estabilidade. Esta função não precisa ser exercida pelo pai do Édipo, pelo significante da metáfora paterna. Deduz-se disso que o *sinthoma* é uma modalidade de amarração e não a

---

<sup>70</sup> Idem, *ibidem*, p. 130.

<sup>71</sup> Idem - *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960) in *Escritos*, op. cit., p. 287.

<sup>72</sup> Idem - *Outros Escritos*, op. cit., p. 561.

norma. Lacan nos dá o exemplo em Joyce de um modo de suplência *sinthomática* através da escrita, que não passa pelo nome do pai do Édipo.

A questão que se coloca para Lacan em “RSI” é sobre se podemos dissociar entre suplência e Nome-do-pai. Seguindo Lacan, ainda em seu último ensino, torna-se difícil não manter um laço mínimo entre ambos os termos. Mas para isso é preciso, no segundo ensino, dissociar o Nome-do-Pai da função paterna, mantendo, porém, a função de nomeação. Os seminários “RSI” “e” *O sinthoma*” permitem aproximar suplência de nomeação. Nomear faz suplência, nomear é enlaçar, dar nome a um dos três nós, além de Real, Simbólico e Imaginário, pois estes nomes não especificam a amarração em questão, já que estão desenlaçados. Por isso Lacan propõe pensar a clínica pela via dos nós, já que a função paterna não é mais a referência única que assegura a estrutura. Assim, a garantia da clínica estrutural neurose-psicose se vê abalada. O exemplo princeps dessa questão é Joyce que pode fazer um sinthoma com a sua escrita, sem a garantia do Nome- do – Pai.

### **CAPÍTULO III**

#### **A APOSTA NO INCURÁVEL DO *SINTHOMA***

##### **3.1. Os impasses na direção do tratamento**

Esse capítulo tem a preocupação de questionar acerca do que é o Pai para a psicanálise e, mais especificamente, sobre o que é o pai na contemporaneidade, pois este não permite mais ser analisado unicamente pelo sintoma freudiano tradicional. Esta questão ocupa um lugar central na construção da teoria analítica frente às mudanças evidentes na civilização. O impasse na direção da cura revela os limites da função paterna.

Nessa dissertação verificaremos a consistência teórica referida a esse impasse, que vai da metáfora paterna aos Nomes-do-Pai.

Tomaremos como referência a primeira aula de Miller de seu curso “*Iluminações Profanas*”<sup>73</sup>, na qual nos apresenta uma psicanálise em jogo de duplas. Miller nos convida a pensar as oposições conceituais não como oposições, mas como elas se enlaçam e se separam ao longo de seu ensino. Pensamos em como podemos prescindir de um conceito com a condição de nos servirmos dele.

Sintoma _____	Sinthoma
Verdade _____	Gozo
Desejo _____	Pulsão
<i>Tique</i> _____	<i>Automaton</i>
Falta _____	Furo
Falta-a-ser _____	Ser
Sujeito _____	Ser falante
Fantasia _____	Corpo

Servirão ainda como baliza a questão referida a um outro Real para os nomes do parentesco, como nos fala Éric Laurent em sua apresentação durante o seminário ministrado por Jacques-Alain Miller intitulado “*Peças Avulsas*”.<sup>74</sup>

Trata-se de pensar a nova desordem amorosa que define o regime de aliança em nossa civilização. Esta questão insiste a não resolvida pelos analistas, como sublinha Lacan, em *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*, mais precisamente no capítulo XXII, “*Ensaio de uma lógica de borracha*”. Será neste ponto que Lacan retoma o problema do pequeno Hans, ao mostrar onde ele se situa com relação ao que é o pai e ao que não é referência que leve em consideração um Real irreduzível para todos.

E porque não pensar a metáfora do gozo como sendo o contrário da metáfora paterna? Trata-se, desde aí, de pensar a diferença entre o Nome-do-Pai e o pai que nomeia. Para compreender vamos percorrer os seminários indicados no texto.

---

<sup>73</sup> MILLER, J.-A. - *Iluminações Profanas* (2005-2006) Inédito, aula de 19 de novembro de 2005.

<sup>74</sup> Idem - *Peças Avulsas* (2004-2005) Inédito, aula de 18 de maio de 2005.

São muitas as reformulações quanto às versões do pai em Lacan. Podemos distinguir aqui um primeiro tempo onde a castração se articula com o Édipo, dando ao Nome-do-Pai um lugar prevalente. Temos a metáfora paterna equivalente à mortificação do gozo pelo pai. E um segundo tempo, um mais além do Édipo, correspondendo a uma desconstrução do pai como ideal e como universal na clínica borromeana, e o *sinthoma* como invenção particular do falasser para abrigar a sua estranheza. O pai como elemento incondicionado equivale à função do *sinthoma*, que amarra *RSI* como quarto elo, o pai ferramenta, aquele que funciona no campo da nomeação do gozo.

No texto “*Os Complexos familiares*”<sup>75</sup>, de 1938, Lacan faz uma reflexão sobre a clínica e sobre o destino da família no Ocidente, como bem ressaltou Miller. Neste texto, Lacan enfatiza a ação da imago paterna e suas repercussões no simbólico, uma imago referida ao complexo de Édipo. A primazia do significante faz com que a paternidade se torne o efeito do significante do Nome-do-Pai com maiúsculas. Esta afirmação enfatiza que o pai não é um genitor, mas um significante que articula sua função à lei, assim como a um significante que metaforiza o desejo da mãe.

No texto “*Questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*”, Lacan diz que o desejo se sustenta pela ação do Nome-do-Pai, na medida em que introduz um limite entre a criança e a mãe. O Nome-do-Pai inscreve, assim, a significação fálica produzindo como resultado um resto - o enigma do desejo da mãe. A versão da metáfora paterna introduz o nome do pai com minúscula, conservando a sua função de sustentação simbólica que articula a lei ao desejo. Nesse sentido é que a função da mãe implica o filho em um desejo que não é anônimo. O Nome-do-Pai virá assumir efeitos de sentido e estabilizar o efeito fálico. A função do Pai, dirá Lacan, estabelece-se na “*medida em que seu nome é o vetor de uma encarnação da lei no desejo*”. Ou seja, não sendo mais uma questão de metáfora, mas de presença de encarnação de uma lei em um desejo.

---

<sup>75</sup> LACAN, J. - *Os complexos familiares na formação do indivíduo* (1938) in Outros Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003, p. 63-74.

A partir do “*O Seminário Livro 10: a angústia*”, a função do pai encontrará um limite quanto ao registro simbólico. O objeto *a* impõe um limite quanto ao que pode ser simbolizado. A partir da formulação do objeto *a*, Lacan começa a relativizar o pai, dando-lhe um lugar como um nome entre outros, deixando de ser único para ser plural. O Nome-do-Pai não dá conta da particularidade do gozo, seja como função, seja como nome, o que exemplifica na clínica que o trabalho da construção do nome do gozo será sempre do falasser. A impossibilidade do Nome-do-Pai metaforizar o gozo traduz a castração do pai e, por consequência, o complexo de Édipo freudiano constituiu um mito sobre a perda de gozo. O Pai morto, pai simbólico, ou Nome-do-Pai que opera no Édipo, são equivalentes a uma elucubração de saber sobre o objeto real pulsional.

Em “*O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*”<sup>76</sup>, Lacan nos indica a castração como perda de gozo, aparecendo o pai como agente da castração. Perda e recuperação de gozo entram em cena como elementos da fantasia. Temos, a partir deste seminário, uma disjunção entre significante mestre e Nome-do-Pai, a função do pai sendo reduzida ao semblante com relação à impossibilidade de escrever o Real.

É nesse sentido que a pergunta sobre o que é o pai, hoje, nos interessa. Interessa-nos pensar o pai que nomeia como aquele que regula o gozo. Na medida em que o novo pacto de filiação na família contemporânea permanece incerto e sem a regulação simbólica, evidencia-se a urgência de ficções reguladoras da paternidade. Xavier Esqué enfatiza esse ponto. O pai terá uma função mais da exceção de “*Totem e tabu*” do que aquela do pai do significante da lei do Édipo.

No percurso que vai da metáfora paterna ao pai do nome, verificamos que não se trata mais do Pai, mas do Nome que cumpre uma função. Neste sentido, para destacar a abordagem de Lacan a respeito da função do pai no seu último ensino, tal como o designa Miller, parece ser importante lembrar o seminário “*RSI*”, quando a versão do pai equivale à função do *sinthoma*. *RSI* é o seminário que modifica o sentido do sintoma ao conceber a estrutura como nó, inaugurando uma outra topologia, a do *falasser*, diferente do sujeito do significante. Assim, a *père-version* é uma

---

<sup>76</sup> Idem - *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992, p. 27-172.

nova orientação dada por Lacan, que também relativiza o pai como única referência quanto ao enigma do desejo da mãe, esse mesmo pai que orienta seu desejo tomando uma mulher como causa. Não se trata mais da mãe proibida, mas da *père-version*, quer dizer, trata-se do pai poder se confrontar com o gozo de uma mulher que toma como causa de seu desejo.

Em “O Seminário, livro 23: *O Sinthoma*”<sup>77</sup> Lacan indicará o uso do pai quanto ao irreduzível do gozo. Assim, em relação ao *saber fazer com*, temos a importância do ato. Isto quer dizer que, como indica Xavier Esqué, o Nome-do-Pai no final do ensino de Lacan não está do lado do saber inconsciente, mas do lado do ato. Trata-se da nomeação articulada ao sintoma como “*única coisa da qual estamos seguros que faz buraco*”, como disse Lacan. Isso quer dizer que a nomeação equivale ao *sinthoma* e indica os fracassos inevitáveis do nó como índice da não relação sexual, da qual é preciso fazer bom uso.

### **3.2. Sobre o tratamento do gozo pulsional**

Nesse capítulo, abordaremos o impasse em Freud e em Lacan sobre o destino da pulsão quanto ao final de análise. A prática analítica, seja ela pura ou aplicada, deve ter como orientação o Real encontrado por Freud como um impasse. A esse impasse Freud deu diferentes nomes: *rochedo da castração*, *reação terapêutica negativa*, *compulsão à repetição*, *supereu* e *masoquismo primordial* e o *feminino*.

Partiremos de três modalidades para pensar o sintoma com relação aos impasses na direção do tratamento e sua transformação na análise: o sintoma na entrada em análise, o sintoma durante a análise, e o sintoma no final de análise.

Nesse item, abordaremos a questão do que é a cura para a psicanálise. Destacaremos a importância dessa investigação nos tempos atuais, onde a concepção da cura pela fala foi encarnada pelas diversidades psicoterápicas. Para a psicanálise, a análise pessoal é o lugar de origem, onde o analista e o analisante se encontram com o real da análise. E é nesse sentido que o conceito de *sinthoma*, definido por Lacan como aquilo que vem do Real, nos interroga sobre a cura na psicanálise.

---

<sup>77</sup> Idem - *O Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-1976) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2007, p. 11-152.

O sintoma freudiano traz um enigma a ser decifrado, quer dizer que tem um sentido. Freud já esclarecera o caminho da formação do sintoma nas suas já citadas conferências. Segundo Freud, o sintoma desapareceria quando o sentido recalçado se tornasse consciente. No entanto, ele percebe algo que faz obstáculo ao tratamento. Toda análise atravessará as reviravoltas da repetição, com a vertente do sintoma que resiste à decifração e que expressa um modo de gozo, uma modo de satisfação próprio a cada um; uma maneira particular que cada um inventa para lidar com o Real. Nesse sentido o sujeito só pode responder ao Real criando um *sinthoma*, como diz Lacan.

Trata-se de uma dificuldade referida à questão relativa à cura para a psicanálise, quando pensamos a dimensão do incurável do sintoma. Freud, na conferência citada sobre “*Os caminhos da formação dos sintomas*”, nos indica de forma radical como o sintoma é uma forma de satisfação. “*Eliminar os sintomas, não equivale a curar a doença*”<sup>78</sup>. Segundo ele, o tipo de satisfação que o sintoma consegue tem em si mesmo muitos aspectos estranhos ao próprio sintoma. É na clínica que podemos observar a dimensão de satisfação disfarçada em queixa. Freud já advertira sobre a formação do sintoma enquanto impossibilidade de satisfação.

*“Retornemos agora aos sintomas. Estes criam, portanto, um substituto da satisfação frustrada, realizando uma regressão da libido a épocas do desenvolvimento anteriores, regressão a que necessariamente se vincula um retorno a estádios anteriores de escolha objetual ou de organização.”*

Essa mesma impossibilidade faz a libido regredir aos pontos de fixação onde outrora fora satisfeita. Ora, se a libido regride ao ponto de fixação, é porque existe algo atrativo, um gozo a mais. Freud indica que o ponto que liga a fixação ao sintoma é a fantasia. A fantasia é a forma pela qual se poderá ter acesso ao gozo. Portanto, o real do sintoma passa pela fantasia. A fantasia sendo uma tela para encobrir o que é verdadeiramente fundamental, ou seja, a fixidez da libido.

---

<sup>78</sup> FREUD, S. - *Conferência XXIII - Os caminhos da formação dos sintomas* [1916-1917] in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XVI, (1974), p. 361.

Destacaremos os caminhos da formação do sintoma que são, por um lado, caminhos de retorno da libido. E por outro, os caminhos se fazem em uma dialética entre desenvolvimento e regressão, como também através de repetições que conectam o gozo da pulsão. O que nos interessa investigar é justamente a clínica do gozo como expressão de uma clínica sem conflito, como disse Miller<sup>79</sup>. E ele acrescenta nesse mesmo lugar: “*Para Freud, o conflito é essencial quando define o conflito como uma formação de compromisso entre forças que se opõem. Para Lacan, se trata de pensar o sintoma sem conflito ao privilegiar o real da satisfação (...) A clínica dos nós é uma clínica sem conflitos*”.

Trata-se como veremos de uma clínica da amarração, dos arranjos, da criação e não da oposição sintomática. Há dificuldade, porém não há conflito. Miller lembra que Lacan começou pela oposição do simbólico ao imaginário, e isto era um conflito. Depois privilegiou uma clínica cuja oposição centrava entre o simbólico e o real. Depois entre o simbólico e o objeto *a*. Com os nós borromeanos não há mais oposição, existe solidariedade e arranjos que não dizem respeito à resolução dos conflitos, conforme dizia Freud, mas de fazer novos arranjos com o incurável do sintoma.

Freud vai definir a fantasia fundamentando-se nas lembranças de experiências sexuais que teriam sido vividas na infância, nas quais o desejo não satisfeito é representado como já tendo sido satisfeito. A fantasia de épocas mais remotas de um objeto desejado tenta encobrir o período auto-erótico da vida sexual. Freud nos surpreende ao se referir aos fatos que podem ou não ter acontecido na realidade. A fantasia não é exatamente um acontecimento da realidade. Trata-se da realidade psíquica que é sempre da ordem da fantasia. Os caminhos da formação do sintoma partiriam da fixação em direção ao sintoma, passando pela fantasia. Verificamos que o atravessamento da fantasia na análise revela o núcleo de real do sintoma, em sua face de incurável.

### **3.2.1. O sintoma e a entrada em análise**

---

<sup>79</sup> MILLER, J.-A.- *Seminário de Barcelona* (1997) in *Revista Freudiana* - nº. 19, Buenos Aires, Paidós, p. 46.

Trata-se da queixa do sujeito. O sujeito encara seu sintoma como algo do qual o Outro deve livrá-lo e toma o sentido do mesmo como estranho. Isso indica que a função do gozo que o sintoma desempenhava enfraqueceu, não mais escondendo o desprazer que ele causa. Isto permite, desde a entrada, a relação do sintoma com a fantasia. Assim, deduzimos que a análise permite um remanejamento do gozo. A entrada em análise significa a implicação do sujeito em seu sintoma. A dimensão significativa da transferência é anunciada por Lacan em seu seminário livro 11: Sobre os quatro conceitos Fundamentais da psicanálise, porém o matema foi fornecido em 1967, na “Proposição de 9 de outubro” para os analistas da Escola. O matema buscou com rigor apreender a função da transferência na entrada em análise.

Seu matema indicou a incidência do significante nos efeitos do significado. Sendo assim um significante se dirige a um outro significante, e nessa articulação, há suposição de sujeito.

S -----Sq

S (s1.... S2.... Sn)

Lacan em “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”<sup>80</sup> nos advertiu quanto a importância do manejo da transferência para a continuidade do tratamento.

*“Quanto ao manejo da transferência, minha liberdade, ao contrário, vê-se alienada pelo desdobramento que nela sofre minha pessoa, e ninguém ignora que é aí que se deve buscar o segredo da análise”.*<sup>81</sup>

O sintoma no início revela algo da fantasia como muito bem nos lembrou Miller<sup>82</sup> ao propor duas dimensões clínicas: a travessia da fantasia e o sintoma na entrada. Sintoma na entrada e fantasia no final. Isso quer dizer que no início do tratamento haveria uma representação imaginária do fantasma.

Freud também nos indicou referências importantes quanto às manobras iniciais em sua comparação do tratamento analítico com o jogo de xadrez, manobras que, àquelas do término

---

<sup>80</sup> LACAN, J. - *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958) in Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, p. 585-649.

<sup>81</sup> Idem, *ibidem*, p. 594.

<sup>82</sup> MILLER, J.-A. - *Dos dimensiones Clínicas: Sintoma y Fantasma*, in Fundacion del campo Freudiano em Argentina, Ediciones Manantial, 1984.

da partida, descrevem o jogo em sua totalidade.<sup>83</sup> Nesse memorável artigo Freud apresentou recomendações sobre a técnica (manobra) da psicanálise, ao que se refere ao que chamamos de entrevistas preliminares. Outro artigo que merece ser citado nessa dissertação, é o que fala da dinâmica da transferência, que tratou das questões relativas às resistências.<sup>84</sup>

### 3.2.2. O sintoma durante a análise

A partir do momento em que é instituído o *sujeito suposto saber*, o analista está implicado no sintoma. Lacan assim descreveu: *o ser de verdade, complementa-se com o ser de saber.*<sup>85</sup> Esse tempo corresponde à interpretação, que tem por objetivo reduzir o envoltório formal do sintoma através dos significantes que se tornaram fixados. O trabalho da interpretação funciona como corte em relação à queda das identificações. Este também é o momento do ato, visando um além da interpretação significante, separando o  $S_1$  de  $a$ . A transferência pretende a redução do gozo. Consideramos esse como o momento de compreender que antecipa a conclusão de uma análise. Momento de travessia da fantasia que se orienta pela falha do saber. Nesses pontos de falha é que podemos verificar a abertura para a dimensão da verdade. Trata-se da produção do objeto, quando há um começo da queda do sujeito suposto saber, produzindo uma perda fundamental para o analisante.

### 3.2.3. *Sinthoma* e final de análise

Conforme já foi dito acima, o movimento teórico de Lacan se articulou do Nome-do-Pai aos Nomes-do-Pai. E o final de uma análise - a partir desta última articulação conceitual - visa a aproximação com o núcleo do Real, com o irredutível do *sinthoma*, bem como se atém à forma singular de nomeação do modo de gozar. Um *sinthoma* que comporta em si um gozo que satisfaz e que não apela ao Outro<sup>86</sup>.

---

<sup>83</sup> FREUD, S. - *Sobre o início do tratamento* [1913] in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, op. cit., vol. XII.

<sup>84</sup> Idem, ibidem.

<sup>85</sup> LACAN, J. - *Comptes rendus d'enseignement*, in Ornicar n°. 29, p. 12.

<sup>86</sup> *Como Terminam as Análises*. Textos reunidos pela Associação Mundial de Psicanálise, Campo Freudiano do Brasil. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995, p. 126.

Enquanto o sujeito goza por não saber, a transferência abre caminho para o que o causa em sua divisão, além da causalidade significante. O *sinthoma* traz, assim, uma nova forma de identificação. Pode ser que o final de análise traga um fim terapêutico com relação à pacificação. Porém, se o analisante for um analista praticante, deverá implicar seu sintoma na Escola e no trabalho de transferência. *Saber fazer* com o seu *sinthoma* é a aposta na conclusão de uma análise. O discurso analítico propõe algo novo através do amor de transferência. A aposta é a de que algo desse gozo solitário possa ser abalado. Dessa maneira, a análise tenta fazer valer algo da função paterna do *sinthoma* como suplência, como amarração da estrutura subjetiva, que leva o sujeito a se responsabilizar pela sua maneira de gozar.

É desta forma que um sujeito atravessado pelo discurso analítico pôde servir-se do desejo do analista para fazer um bom uso do sintoma, o que possibilita bem dizer a não relação sexual. Essa é a direção que devemos seguir em nossa prática: a que vai do inconsciente ao *sinthoma*, que implica o analisante em seu modo de gozo. A direção ética do tratamento faz valer o percurso do sintoma ao *sinthoma* - direção ética de bem dizer o incurável e dar um novo destino pulsional ao sintoma.

Em seu último ensino, Lacan destaca a perspectiva sobre o final de análise quando refere dois pontos: a travessia da fantasia e a identificação ao *sinthoma*. Mas não se trata de alcançar, para além do *sinthoma*, a fantasia e atravessá-la, pois na nova perspectiva de Lacan o que muda é o *saber fazer com*, ou seja, saber se virar com ele<sup>87</sup>.

### **3.3. A conceituação do sintoma e “Os seis paradigmas do gozo”<sup>88</sup> no ensino de Lacan**

Segundo Miller, “*os seis paradigmas do gozo em Lacan (...) são fotogramas simplificados. Eles são previstos para tentar recompor, pelo efeito dessa superposição rápida, o movimento*

---

<sup>87</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 24: l'insu qui sait de s' aile á moure* (1976-1977) Inédito, aula de 16 de novembro de 1976.

<sup>88</sup> MILLER, J.-A. - *Os seis paradigmas do gozo*, in Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise - n.º. 26 e 27, São Paulo, Edições EOLIA, 2000, p. 87-105.

*que anima o que nós chamamos de ensino de Lacan quanto à doutrina do gozo*".<sup>89</sup> O objetivo deste item da dissertação é introduzir as seis distinções apontadas por Miller para reforçar a relação entre as variações do sintoma – que oscilam da significação à satisfação – e a seqüência do conceito de gozo.

O primeiro paradigma - intitulado por Miller de *o gozo imaginarizado* - corresponde ao primeiro tempo do ensino de Lacan, onde a comunicação é tida como intersubjetiva e dialética. Temos o Outro da fala, onde se situa a intersubjetividade e o imaginário, e o Outro da linguagem, onde se coloca a dessimetria do simbólico. Esta primeira elaboração de Lacan gira em torno do deciframento e do sentido fornecido pelo inconsciente. O inconsciente como decifrável nos indica que a satisfação pulsional se dá pela liberação do sentido, tal como, por exemplo, no chiste, onde há uma satisfação semântica, a partir do sentido. O sintoma aqui é o equivalente ao sentido recalçado. Nesta época a libido tem um estatuto imaginário, é a satisfação imaginária que está em cena e o gozo faz obstáculo à elaboração simbólica. O gozo procede do eu enquanto instância imaginária do eu e como reservatório da libido. Trata-se aqui do gozo em sua face de estagnação e inércia, na disjunção entre o significante e o gozo. O sintoma é uma mensagem endereçada ao Outro.

No segundo paradigma *o gozo é significantizado*<sup>90</sup>, a partir da escrita da pulsão na fórmula da fantasia. O falo como significante é o grande momento desse paradigma e a libido está inscrita no significante. O desejo é o que nos faz pensar no gozo, através do significante significantizado, mortificado e passado ao significado. O grafo do desejo nos mostra a trajetória do gozo à castração. A satisfação está situada no campo do desejo como satisfação metonímica. A pulsão nesse paradigma está reduzida à cadeia de significantes, referida, portanto, ao simbólico. Assim, temos o desejo significado. O sintoma prolifera se nutrindo metonimicamente de sentido.

No terceiro, *o gozo é impossível*<sup>91</sup>, havendo um corte em relação ao gozo imaginarizado e do gozo atribuído ao simbólico. O gozo fica fora do que é simbolizado, está no real. Vemos uma

---

<sup>89</sup> Idem, ibidem, p. 87.

<sup>90</sup> Idem, ibidem, p. 89-91.

<sup>91</sup> Idem, ibidem, p. 91-93.

substituição do conceito de recalque para o de defesa, defesa como barreira que o real coloca, se opondo ao imaginário e ao simbólico. O gozo só é possível por uma transgressão, sendo estruturalmente inacessível, valorizando uma disjunção entre significante e gozo. A libido como *Das Ding* se opõe à libido transcrita, enquanto desejo representado por significantes. Aqui, a libido está fora de todo significante e significado. O gozo sadiano é a flor desse paradigma. O sintoma - que nos paradigmas anteriores estava relacionado ao recalque e à defesa - aqui está ligado a uma perda natural de gozo, onde os objetos da pulsão comparecem. O sintoma apenas evidencia a desarmonia entre o gozo e o significante.

No quarto paradigma, o gozo *fragmentado e normal*<sup>92</sup> demonstra que não se pode ter acesso ao gozo através da transgressão. O acesso ao gozo é através da pulsão, pelo circuito do inconsciente como equivalente a uma zona erógena que abre e fecha, e cuja satisfação se localiza no próprio funcionamento da pulsão. Isso que dizer que o corpo está estruturado da mesma forma que o inconsciente. A libido promove uma aliança entre o significante e o gozo. Temos, então, o gozo fragmentado das pulsões parciais pelas zonas erógenas que são autônomas. Em torno delas o gozo pulsional comparece em sua parcialidade, no circuito da pulsão, sem transgressão. Nesse paradigma, temos o modelo do vaso e do vazio produzido pelo significante, que o sujeito tenta preencher com um objeto sempre inadequado e insatisfatório.

Lacan propõe duas operações que falam da divisão do sujeito: alienação e separação. Para Miller, a alienação é um conceito que tentaria dar conta dos conceitos freudianos de identificação e do recalque. A identificação se refere a um significante que representa o sujeito, isto é, significante ao qual o sujeito se identifica. A alienação encobre que o objeto do gozo enquanto tal é perdido. A separação é uma perda independente do significante, é uma perda natural, sob a forma do objeto pequeno *a*, como objeto da pulsão. Desse modo, o objeto *a* constitui um vazio topológico encarnado por substitutos. O sintoma, pela sua própria natureza, aponta para a parcialidade da satisfação, para o objeto perdido que o sujeito busca no Outro. O sintoma se inscreve no lugar do que se apresenta como falta, falta do parceiro sexual natural. Esse é o paradigma do gozo normal, fragmentado.

---

<sup>92</sup> Idem, *ibidem*, p. 93-95.

No quinto paradigma, o gozo discursivo<sup>93</sup> é uma elaboração da falta de satisfação. Aí, o marco é “*O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*”, onde Lacan fala da relação do significante com o gozo. O significante está no campo do gozo, é gozo. O saber é um meio de gozo através do discurso, e a repetição visa a recuperação de gozo através do mais de gozar pulsional. Em síntese, a repetição é o sintoma. E a noção de mais de gozar traz algo novo sobre o gozo. A fala como gozo modifica o antigo conceito de fala como comunicação. Lacan, a partir desse seminário, pensa a linguagem como gozo. Então temos uma perda e uma recuperação do gozo.

No sexto e último paradigma, o gozo disjuntivo<sup>94</sup> indica a *não-relação* sexual, índice das disjunções: do significante e do significado, do gozo e do Outro, do homem e da mulher. Questiona o próprio conceito da linguagem derivado da língua como gozo. Há um avanço em relação à linguagem e sua estrutura, que eram antes tratadas como um dado primário. Aqui, linguagem e estrutura aparecem como secundárias e derivadas, constituindo o que chamou de gozo do *blá, blá, blá*. Os antigos referentes como - Nome-do-Pai, grande Outro, falo e outros - tornam-se reduzidos a partir deste sistema da *não-relação*.

O sujeito do inconsciente passa a ser conceituado como *falasser*; e *alíngua* antecede a estrutura da linguagem, ou melhor, ambas são disjuntas. O conceito de estrutura dá lugar ao conceito da *não-relação*, implicando numa disjunção entre o gozo e o Outro. As conseqüências dessa última teorização de Lacan são fundamentais: o gozo existe enquanto propriedade de um corpo vivo que fala. Além disso, mudam nesse paradigma o conceito de estrutura a partir do par  $S_1-S_2$  enquanto efeito de significado, assim como também perde sua função o grande Outro prévio da experiência e a metáfora paterna que articula o Édipo. Na verdade, o último ensino de Lacan se dirige à invenção. Aparece o Um do gozo solitário rompendo o casamento com o saber como instância de gozo. O paradigma da *não-relação* representa o ponto limite quanto ao conceito de estrutura, pois a idéia da relação ao Outro é da ordem da contingência, portanto, de uma articulação subtraída da necessidade.

---

<sup>93</sup> Idem, ibidem, p. 95-101.

<sup>94</sup> Idem, ibidem, p. 101-105.

Nesse paradigma o sintoma é um acontecimento de corpo<sup>95</sup>, apontando para o gozo sentido como *jouis-sens*, (*jouissance*), que é o chiste de Lacan com relação ao gozo. O sintoma enquanto letra passa a ser compreendido não mais do lado do significante, mas do signo, signo do que não anda bem no real. Faz apelo ao signo para dizer que o sintoma pode conectar significante e gozo. Lacan, a partir do seu “*O Seminário, livro 20: Mais ainda*”, escreverá *sinthoma* como uma nova maneira de gozar do inconsciente. Em síntese, neste último paradigma o lugar do gozo é sempre o mesmo – o corpo – pois há um corpo que goza por diferentes meios.

### 3. 4. Fragmentos Clínicos O tratamento do gozo a partir de um sintoma fóbico

A seguir, serão introduzidos alguns fragmentos clínicos com a intenção de ilustrar a experiência analítica a partir da clínica borromeana e do lugar do *sinthoma*. Trata-se na clínica de um limite quanto ao saber - muito bem colocado por Lacan através do aforismo “não há relação sexual” - e o que pode ser a nossa prática nessa orientação. “O que não entendi até agora, não entenderei mais”<sup>96</sup>.

Miller, no texto “*O real é sem lei*”<sup>97</sup>, refere-se ao último ensino como sendo a expressão de um distanciamento de Lacan do simbólico da ciência e uma aproximação da arte, da poesia, como forma do “*saber-fazer*”. Isso indica que devemos ser tolos quanto ao sentido do *sinthoma* para não cairmos no infinito das significações e no interminável das análises.

O Real da clínica nos interroga sempre, convidando-nos a tratá-lo. Foi na supervisão de um caso que pudemos avançar com relação ao incurável do *sinthoma* – que marca o singular de cada um –, ponto onde o real se fixa e por onde uma análise deve ser conduzida. Trarei aqui apenas alguns fragmentos de um caso de neurose<sup>98</sup>. Na sua intervenção, a analista busca uma solução

---

<sup>95</sup> LACAN, J. - *Joyce, o sintoma* (1975) in *Outros Escritos*, op. cit., p. 565. Jacques-Alain Miller retomou essa questão em seu seminário *Los signos del goce* (1986-1987) Buenos Aires, Paidós, 1999, o qual será analisado mais detidamente na dissertação.

<sup>96</sup> BRODSKY, G. - *Short story: os princípios do ato analítico*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 2001, p. 18.

<sup>97</sup> MILLER, J.-A. - *O real é sem lei*, in *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* - n.º. 34, op. cit., outubro de 2004.

<sup>98</sup> BATISTA, A. - *Sobre o incurável do sintoma*, in *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* - n.º. 45, op. cit., maio de 2006, p. 100-102.

para a construção do sintoma da analisante. Após longo tempo de análise, esta se queixa de sua repetição, daquilo que não mudava na sua vida, apesar de tanto trabalho. Depois de muitas voltas ditas, muitos anos de análise, a paciente encontrou na intervenção da analista uma solução para a construção de seu *sinthoma*. A analista, então, lhe diz: “*Isso não vai mudar*”.

A partir desta frase, algo da repetição pulsional cessou. Enfim, algo novo. E onde se deu a novidade? O manejo da transferência permitiu a localização do gozo e a invenção, por parte da analisante, de uma nova relação quanto ao Real do *sinthoma*, como tentarei esclarecer a partir da distinção entre o sintoma como metáfora e o *sinthoma* como letra, distinguido do significante. Então, o *sinthoma* ganha o registro da suplência que sustenta o falasser e torna-se a forma através da qual a analisante goza do seu inconsciente e sustenta a sua estranheza.

A direção do tratamento seguiu o propósito de reduzir o campo do sentido, tendo como conseqüência também uma redução do gozo. Tratou-se de localizar o campo da incidência do pulsional no *falasser*, que permitiu extrair a letra de seu gozo. Neste sentido, o ato analítico produziu uma separação entre  $S_1$  e o objeto *a*, fixados no gozo do *sinthoma*. Neste recorte clínico temos uma analisante que apresentava os seguintes sintomas: várias crises de angústia e medo de sair de casa, que ela nomeia de “síndrome do pânico”. E temos também uma solução pela via da identificação ao sintoma: “isso não vai mudar”.

No trabalho analítico, a atualização da angústia na transferência pôde, primeiramente, dar um sentido ao sintoma decorrente da angústia constituída. A própria paciente construiu uma interpretação sobre o sentido deste sintoma: a relação com a mãe. Mesmo que o objeto fóbico possa ser uma barreira à falta no Outro, não é suficiente para encobrir a angústia quanto constituinte, ou seja, a presença do objeto. O que retorna, em análise, é uma angústia intensa localizada no corpo: trata-se do medo de nada ser diante do olhar do outro materno. Na posição de objeto deste outro, ela responde com o Real da angústia no corpo: ela não vai conseguir chegar à análise e terminar seu curso, conseguir atravessar o túnel, o *não vai conseguir* assume várias vestimentas imaginárias do gozo. De forma que a frase da analista – *isso não vai mudar* – tem efeitos cruciais. Aparece uma queixa quanto ao limite do saber e à repetição do sintoma.

Aqui, podemos destacar a dimensão do inconsciente como saber e a dimensão do inconsciente como forma de gozar<sup>99</sup>.

A partir da intervenção “Isso não vai mudar”, a analisante atualizou na transferência algo da sua fantasia que falava de sua dúvida: seria burra ou inteligente? Seria uma inútil? Era como se defendia do Real da sua história. Desde muito pequena, ouvira de sua mãe: “Coitadinha, ela não tem pai”. Assim, esse sujeito se identificou a tais significantes. E, de fato, lhe faltara um pai que pudesse ser obstáculo ao gozo da mãe, falta que retorna no sintoma fóbico, onde toda metáfora paterna falha, e na orientação pulsional, quando escreve seu lugar de objeto.

Numa das sessões, tomada de pânico, diz que não compreendia mais nada. Não conseguia ouvir as intervenções da analista nem o que ela própria dizia. “Não compreendo mais nada: fiquei burra”. A analista lhe diz: “Então, escreva”. Ela conclui escrevendo: “O meu medo não é me separar da minha mãe, mas querer apenas ficar com ela”. Este fragmento clínico pode nos ensinar muito sobre como a direção do tratamento depende do modo como o analista pode agir, a partir da orientação que tenha do sintoma. Algo pode ser calculado pelo analista assim como, também, o ato analítico é produzido pela surpresa.

A localização do sujeito no campo da pulsão, sustentada por um desejo que lhe produz pânico, revela seu lugar de objeto conduzindo ao Real da experiência analítica ao ponto de repetição que, em cada análise, diz respeito ao como “fazer” com o incurável de cada um. Trata-se de pensarmos sobre o que escreve a fobia neste caso, destacando a sua escolha pulsional. Nada era tão importante para esta analisante quanto estar em casa com sua mãe. É o ponto de Real que transborda no pânico da afânise, quer dizer, pânico que a faz desaparecer no olhar da mãe.

Para terminar, retomamos a questão inicial quanto à dimensão Real do *sinthoma* como irreduzível. Se pensarmos o sintoma em sua vertente significante, teremos a proliferação de

---

<sup>99</sup> MILLER, J.-A. - *Los signos del gozo*, op. cit., p. 237.

sentidos. Pensá-lo em sua dimensão de signo, para além de seu aspecto semântico, o *sinthoma* é gozo que não inclui o Outro.

Então, como mover o *sinthoma*? Não teríamos na orientação do ensino de Lacan uma indicação que depende de como situamos o sintoma? A psicanálise dá uma chance ao sujeito, a possibilidade de construir o seu *sinthoma* na transferência, indicando um percurso que vai do *sinthoma* como imutável, ao Real da experiência analítica, na qual pode inventar um novo saber, ou seja, é fazer algo novo com o irreduzível do gozo. E isso, às vezes, começa quando o ato do analista põe um limite ao saber.

### 3.5. “Uma onda deixa a menina sem memória”<sup>100</sup>

Outro ponto importante que pretendemos destacar, através do recorte clínico a seguir, é a pesquisa sobre o sintoma da criança. O que quer dizer uma criança com seu sintoma? Dois conceitos fundamentais são relevantes: o Nome-do-Pai e o desejo da mãe. Lacan, em sua carta a Jenny Aubry<sup>101</sup>, fala que a criança pode ser um sintoma da mãe enquanto representante de uma verdade, a verdade do casal parental. A criança através do seu sintoma dá uma significação ao enigma do desejo da mãe articulando-o ao Nome-do-Pai. Trata-se da metáfora paterna na estrutura edipiana, na qual o pai pôde operar limitando o gozo da mãe. A esta operação damos o nome de castração. O sintoma da criança também indica que a metáfora paterna não é subjetivada sem transtornos. A criança não é equivalente ao falo. Estamos diante do osso da questão.

Se, por um lado, a metáfora paterna produz uma significação fálica, dando ao sujeito certo lugar que lhe permite se identificar na partilha sexual, por outro, esta mesma identificação não consegue dar conta do gozo feminino, que se situa além do falo. Nesta mesma *Nota*, Lacan nos

---

<sup>100</sup> Título de um trabalho apresentado em Buenos Aires no XIV Encontro Internacional do Campo Freudiano e 2º Encontro Americano sobre “Os resultados terapêuticos da psicanálise. Novas formas de transferência”, em 2005.

<sup>101</sup> LACAN, J. - *Nota sobre a criança* (1969) in *Outros Escritos*, op. cit., p. 369.

dá uma outra indicação sobre a criança sintoma que se desloca da posição de falo para a de objeto *a*. A criança pode ficar fixada no lugar de objeto real da fantasia da mãe, quando temos a forclusão do Nome-do-Pai. Assim, a metáfora paterna separa a mãe do fascínio de encontrar a verdade de seu objeto no filho.

Trata-se de um caso de uma menina de nove anos que, colada à mãe, traz a agressividade como marca da sua relação com os outros. Tem dificuldade de dormir sozinha, ainda usa chupeta, interrompendo não só as amizades como também muitas atividades extra-escolares. Por indicação de sua analista, a mãe procura novo tratamento, pois a primeira análise da menina fora interrompida: a analista desistira do tratamento em função da sua agressividade. A filha não desgruda da mãe: “*eu não a agüento*”, diz ela. Durante um ano de entrevistas, ficou patente na relação mãe-filha que algo se repete, seja da relação da mãe com sua própria mãe, seja na relação transferencial: uma relação de amor e ódio, na qual prevalece o laço agressivo<sup>102</sup>.

A menina é filha única. Os pais se separaram quando tinha dois anos: a mãe descreve o pai como alcoólico, dizendo que, após uma briga, separou-se dele e voltou para a casa da mãe. No momento, o pai refez sua família. Essa criança tem uma irmã do lado paterno, de dois anos, com quem briga muito nas visitas ao pai, que mora em outra cidade.

O motivo de incluir este caso na dissertação são as dificuldades do manejo da transferência; pois há constante risco de interrupção do tratamento e uma grande dificuldade da menina em produzir algum enigma sobre a posição que sustenta sua análise: “*não quero falar*”, “*não quero ouvir*”, “*não me interrompa*”, e para finalizar, “*não quero continuar a vir*”. Em contrapartida, nas poucas vezes em que consentiu falar dela, disse: “*tenho dificuldade de dormir sozinha e vergonha de usar chupeta*”. Por isso, não vai à casa das colegas. Outro aspecto pouco mencionado, mas importante, é sua relação com o corpo: não gosta muito de suas roupas – sempre ficam apertadas (ela é gordinha) e procura algo no armário da mãe que possa cobrir o que lhe falta. No final de um relato de uma história sobre ondas, diz: “*veio uma grande onda que deixou uma menina sem memória*”.

---

<sup>102</sup> Uma referência ao curso de MILLER, J.-A. - *La transferencia negativa*. Buenos Aires, Editora Tres Haches, 2000, p.15.

Este caso revela a importância de tomar como meta a construção do sintoma em análise, mesmo que, no presente momento, esta menina ainda não enderece seu sintoma ao Outro, pois na ausência de um sintoma o que vemos surgir é a devastação mãe-filha. Na dissertação dedicaremos um capítulo sobre os sintomas fora da transferência, ou melhor, sobre o que vem sendo intitulado no Campo Freudiano como *a clínica dos novos sintomas*.

A dificuldade do manejo da transferência nesse caso nos remeteu à mesma dificuldade descrita por Marie-Hélène Brousse, relacionada à sua questão central, qual seja, a devastação da relação mãe-filha. “*A vacilação do semblante é um traço essencial desses momentos de crise sob transferência, o analista e análise assumindo, então, a consistência de um real insuportável*”<sup>103</sup>.

No caso clínico em questão, essa devastação é de tal ordem que só aparece a repetição do *enamoródio* na relação transferencial. “*A zona da devastação é um lugar eletivo de vacilação dos semblantes, o que, em si mesmo, constitui um problema clínico*”<sup>104</sup>. A devastação se articula ao momento em que a linguagem emerge em um sujeito. Toca, então, a inscrição simbólica e remete à *alíngua*. No caso, essa onda grande parece ter varrido a linguagem como laço, a memória, dificultando a reconstrução de sua história. Há uma demanda insaciável de amor, e uma fascinação por uma fusão entre ela e a mãe na tentativa de obturar uma perda, neste caso a única esperança de acesso ao desejo.

Propomos discutir a direção do tratamento, indagando a via possível para que ela consinta ao trabalho analítico. Consideramos que uma reflexão sobre as dificuldades do manejo da transferência que este caso implica, relacionadas a um intenso *enamoródio*, possa contribuir para pensarmos outros casos, nos quais “*não ter lugar no Outro*” corresponde à ausência de um pai apaziguador, que possa funcionar como barreira ao infinito fascínio da mãe. O que ocorre é que a vertente da transferência negativa ocupa a cena e se torna um obstáculo à experiência do saber inconsciente.

---

<sup>103</sup> BROUSSE, M. H. - *Uma dificuldade na análise das mulheres: a devastação da relação com a mãe*, in *Latusa – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise* - n.º 9, Rio de Janeiro, 2003, p. 203.

<sup>104</sup> Idem, *ibidem*.

Marie-Hélène Brousse sugere inclusive, no texto acima referido, que pensemos a relação da devastação com o Outro materno, em sua dimensão do Real do feminino, que não se reporta apenas ao falo. A este dito *"Não a agüento"*, a analista pede que a mãe acompanhe a filha às sessões. Na primeira sessão conjunta, a menina pergunta sobre seu nascimento e sobre a gravidez, a partir da data de seu aniversário que se aproxima. Parece que ela procura com suas perguntas saber sobre o que orientou o desejo da mãe. Em seguida, a mãe fica angustiada, ao se dar conta do lugar que a filha ocupa em sua vida.

Logo a seguir, pede uma sessão individual. Percebeu o medo que tem do pai da menina lhe tirar a filha, assim como de sua própria mãe que perdera um filho aos nove anos. *"Na verdade, sou eu que não consigo deixá-la um minuto"*. *"Sempre digo: Fica aqui com a mamãe"*. Refere-se, também, à tentativa de aborto dessa criança e de sua culpa. Após ouvi-la, a analista lhe diz que seria importante que ela falasse em sua análise de sua relação com sua mãe. Fala que não quer vir mais às sessões conjuntas porque está muito angustiada com o que vem percebendo. A analista a encoraja: *"Venha, uma separação está por vir"*. Ela concorda dizendo que, durante aquela semana, havia mexido pela primeira vez nas roupas de bebê da filha, e tinham escolhido quais deveriam ser guardadas ou doadas a uma outra criança.

Freud localiza as conseqüências psíquicas relativas à sexualidade feminina. Lacan, por sua vez, mostra que o desejo não é representado inteiramente pelo significante, evidenciando um gozo que ultrapassa numa mulher. A devastação se situaria do lado da mulher não toda inscrita na lógica fálica. Trata-se de um gozo não absorvido pelo simbólico, que torna a mulher perdida na busca de subsistência. O desejo da mãe evidencia uma zona obscura, não sustentada pelo Nome-do-Pai e, como tal, sem limite definido.

Partimos da hipótese de que a devastação fala de um resto pulsional não absorvido pelo significante. O semblante é fundamental, pois permite uma invenção equivalente ao amor de transferência, possibilitando um novo tratamento ao Real. E é sobre este desencontro estrutural que marca a não relação sexual que deve trabalhar o desejo do analista. A questão, então, é sobre

a devastação como sinal da ausência do sintoma. Este recorte suscita, de fato, uma reflexão sobre a relação entre devastação e a inconsistência do pai.

Como já dito anteriormente, Lacan<sup>105</sup> inaugura um novo nome para o sintoma: *père-version*. A função do pai é a função do sintoma. Com relação ao caso, a dificuldade é saber que manobras da analista são possíveis quando há um fechamento com relação ao saber inconsciente assim como um apagamento da função paterna.

Paola Francesconi<sup>106</sup> diz que “*a clínica psicanalítica do feminino sempre acompanhou de perto os destinos do Nome-do-Pai: primeiro, sua desencarnação na linguagem, depois, a pluralização de sua função e, então, a perda de vigor da incidência de todo e qualquer ideal sob a égide do nome do pai*”. Isto tem conseqüências. Trata-se de um ponto crucial na clínica, para pensarmos “*a respeito do casal na atualidade, assim como nas novas constituições familiares*.”. Perguntamo-nos, então, sobre o lugar desta menina na fantasia da mãe. Os efeitos terapêuticos desse caso se evidenciam, através de uma queda desta criança enquanto bebê de sua mãe, ampliando a possibilidade de um sujeito advir.

## Capítulo IV

### O FINAL DE ANÁLISE E O REAL DA PSICANÁLISE

#### 4.1. A teoria do parceiro sintoma

Finalmente, justificaremos porque privilegiamos as versões do pai articuladas ao sintoma. Nossa época exige do psicanalista uma orientação que leve em consideração a clínica na atualidade. Em seu artigo<sup>107</sup>, Sergio de Mattos diz que Lacan se deparou ao longo de sua clínica “*com algo não abordável pelas vias do sentido, algo que ele considerava ‘desligado’: um gozo silencioso*”. Ou seja, poderíamos entender esse gozo mudo como aquilo que Freud apontara como o rochedo da castração ao se referir a um ponto de limite quanto à cura.

---

<sup>105</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 22: R.S.I.* (1974 – 1975) Inédito.

<sup>106</sup> FRANCESCONI, P. - *As posições de excesso na clínica da feminilidade contemporânea*, in Correio - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise – nº. 52, Minas Gerais, março de 2005.

<sup>107</sup> MATTOS, S. - *O pai, seus nomes e o nome que ele dá*, in Curinga – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise – nº. 22, Minas Gerais, junho de 2006, p. 143.

Freud, em seu texto “*Análise terminável e interminável*”<sup>108</sup>, interroga sobre os três fatores decisivos para um bom andamento do processo analítico: “*a influência dos traumas, a força constitucional das pulsões e as alterações do Ego. O que nos interessa aqui é apenas o segundo, a força pulsional*”.<sup>109</sup> Freud, portanto, enuncia o incurável do sintoma, ao dizer que não se pode amansar o que é da ordem do pulsional nem desejável. Isso será mais detalhado ao longo da dissertação.

Desta forma, Freud encontrou um limite para o pai e aquilo que, hoje, também verificamos na clínica como expressão da perda do laço com o Outro. A clínica demonstra fenômenos que revelam o limite do pai associado ao incurável. As noções clássicas do pai edipiano e o pai como metáfora sofreram mudanças.

Temos, então, uma direção na orientação lacaniana, que segue o caminho do sintoma ao sintoma. O Real que a psicanálise revela e que deve perdurar como condição de sua causa, nos convida a pensar no conceito de *psicose ordinária*<sup>110</sup>. Miller nos apresenta a lição extraída das psicoses ordinárias para esclarecer a posição do sujeito sem o recurso do Nome-do-Pai. Desde Aimée, depois, em Schreber e Joyce, Lacan aponta para o mesmo ponto em comum: a forclusão do Nome-do-Pai. A clínica do Real indica uma forclusão generalizada, concluindo que a psicose não é um déficit. Essa clínica centrada na lição da psicose é também uma clínica que responde às formas contemporâneas do sintoma, cada vez mais marcadas pelas conseqüências da inexistência do Outro.

A teoria do parceiro retoma a idéia de uma grande parte do seminário proferido por Miller, em colaboração com Éric Laurent, em 1996-97, na seção clínica de Paris VIII, intitulado “*O Outro que não existe e seus comitês de ética*”. Esta teoria é um complemento à teoria do sujeito. Destacamos sua importância nessa dissertação, pois tocará a pergunta sobre o sintoma como o

---

<sup>108</sup> FREUD, S. - *Análise terminável e interminável* [1937] in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XXIII, (1974), p. 256.

<sup>109</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>110</sup> MILLER, J.-A. - *Uma partilha sexual*, in Clique – Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano - n.º. 2, Minas Gerais, 1997-1998, p. 25.

parceiro essencial do sujeito. É deste modo que Miller nos apresenta o esboço de sua teoria do parceiro:

*“Considerar que há um sintoma para cada um dos que falam significa dizer que, no nível da espécie humana, há um saber que não se inscreve no real (...). A existência do sintoma exige a modificação do nosso conceito de saber no real.”<sup>111</sup>.*

Um adendo se faz necessário para esclarecermos a relação da Psicanálise com a Ciência, destacando que o Real em ambas se distingue. Porém o sujeito sobre o qual a psicanálise opera é o mesmo sujeito da ciência. Esse é o dizer de Lacan que aponta para uma teoria da ciência referida a uma práxis que se caracteriza em resgatar nesse Real o sujeito como resto excluído, dando-lhe um lugar de referente absoluto, o que funda uma relação de extimidade da Psicanálise com relação à Ciência. O Real da psicanálise indica a “não relação sexual”, que demonstra um furo no saber. Lacan pode, assim, afirmar que nenhuma práxis mais do que a psicanálise é orientada para aquilo que, no coração da experiência, é o núcleo do Real.<sup>112</sup>

Neste texto sobre a teoria do parceiro sintoma, Miller destaca as versões lacanianas do parceiro subjetivo. Isso se torna muito importante na clínica, ou seja, localizar o parceiro que tem status de sintoma. O parceiro tem várias caras. O parceiro sintoma, dirá Miller, é a fórmula mais geral para recobrir o parceiro multifacetado.<sup>113</sup> Quem é o parceiro do sujeito?

A primeira resposta foi dada em 1953 quando Lacan introduziu um Outro sujeito. Tempo da dialética intersubjetiva apresentada por Lacan como um retorno a Freud. A dialética implica que o Outro sujeito, simetricamente, se institua na relação intersubjetiva. Nessa primeira visão, o parceiro era o Outro, os Outros, no eixo imaginário. Seguindo a teoria do parceiro desenvolvida por Miller, Lacan percebe que o sujeito é incompleto e que necessita de um complemento. Temos o primeiro parceiro inventado por Lacan, na via de Freud, que foi o parceiro-imagem, o

---

<sup>111</sup> Idem - *A teoria do parceiro*, in Os circuitos do desejo na vida e na análise. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria Editor, 2000, p.154.

<sup>112</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990, p. 55.

<sup>113</sup> MILLER, J.-A. - *A teoria do parceiro*, in Os circuitos do desejo na vida e na análise, op. cit., p. 164.

parceiro narcísico. O Estádio do Espelho revela que este parceiro é a própria imagem do eu, referindo-se a uma incompletude de nascimento chamada de prematuração. Desde o parceiro especular, a teoria segue em direção ao parceiro simbólico e ao parceiro sintoma. Um parceiro, segundo Miller, é aquele com quem jogamos a partida.

*“Se esboço uma teoria do parceiro, é porque o sujeito lacaniano, aquele a quem nos remetemos, está essencialmente engajado em uma partida (...). O sujeito lacaniano é impensável sem um parceiro.”*<sup>114</sup>

Miller faz assim um percurso teórico com relação à teoria do parceiro colocado num gráfico que contém os seguintes termos: Imagem – Símbolo – Falo – Amor - *a* - Sintoma. Tal gráfico representa a série dos parceiros evocados por Miller neste texto. Acrescenta que o parceiro objeto *a* é o parceiro essencial a partir da estrutura da fantasia. Define de forma clínica a dimensão do parceiro: não é o Outro, nem a imagem, nem o falo, mas o objeto extraído do corpo do sujeito. A partir dessa elaboração, define o parceiro sintoma, que é o parceiro-gozo do sujeito.

É conveniente ressaltar que já no texto “*Posição do Inconsciente*”<sup>115</sup>, Lacan demonstrara o campo do Outro face ao espaço do sujeito através de um conjunto. Eis aí a parceria fundamental entre o sujeito e o Outro, através do objeto *a*.

Lacan indaga, mais adiante, sobre o parceiro como o Outro da sexualidade, ao ressaltar o *mais-de-gozar* referido ao parceiro. O parceiro do sujeito não é o Outro sexual. A relação sexual não está escrita, estando no campo da contingência. Isto quer dizer que a invenção lacaniana do objeto *a* é equivalente a “não há relação sexual”.

Nesse mesmo curso, Miller nos detalha, de maneira precisa, que o parceiro jamais está prescrito, quer dizer, programado. Nesse sentido, o Outro sexual só poderá ser apreendido pelo sintoma. Deduz-se disso que o amor é uma forma de velar a inexistência da relação sexual.

---

<sup>114</sup> Idem, ibidem.

<sup>115</sup> LACAN, J. - *Posição do Inconsciente* (1960) in Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, p. 843.

Lacan se refere a uma nova doutrina do amor, que não passa pelo narcisismo. Em seu seminário dedicado ao amor, diz que o amor “(...) *é o encontro, no parceiro, dos sintomas e dos afetos de tudo que marca em cada um, o rastro de seu exílio da relação sexual*”.<sup>116117</sup>

O parceiro do sujeito será, então, o que virá substituí-lo sob a forma de causa de desejo, que é uma maneira de se pensar o sintoma como sendo uma metáfora da não relação sexual. Essa *não cessa de não se escrever*, enquanto o sintoma *não cessa de se escrever*. Isto quer dizer que o sintoma é da ordem do necessário, e a *não* relação sexual é da ordem do impossível, do Real.

Nesse mesmo capítulo pareceu-nos importante lembrar a conferência de Miller intitulada “*Uma fantasia*” onde ele nos apresenta o matema da civilização contemporânea. Ele nos convidou a inventar a prática analítica de nossos dias. Assim ele nos apontou três respostas que se referem a psicanálise contemporânea frente ao que chamou de discurso hipermoderno, que situa o mais de gozar, o objeto a, objeto gadget produzido pelo mercado no zênite da civilização

Miller, portanto, insiste em afirmar que para que a prática lacaniana possa se sustentar no tempo avesso ao sintoma, precisará situar bem qual é o seu princípio. Se nas outras abordagens terapêuticas, isso anda, o princípio da prática lacaniana é, isso falha, rateia, que traduziria o *ça ne marche pas* (isso não anda), que traduziria do francês uma sutil equivocidade, (isso mercado não). Nessa conferência citada acima, Miller nos deu importantes contribuições sobre o sintoma e o lugar que ele pode ter nessa nova prática lacaniana. O sentido do Real, diz ele, “*é o suporte do ser do sintoma no sentido analítico*”. Na atualidade produziu-se uma cisão no ser do sintoma. Uma cisão entre o Real e o sentido. Deduzimos com o texto que ele separa a dimensão do *sintoma* enquanto semblante vinculado ao ser, e sua dimensão *de sinthoma*, isto é, sua dimensão Real, mais opaca vinculada à escrita. Miller introduziu com esse matema muitas perguntas sobre nossa prática na atualidade. (I/a).

Isso nos põe a pensar que a clínica dos novos sintomas, evidenciam o sintoma sem endereçamento ao Outro (sem conflito) que nos faz renovar o sentido do Pai como equivalente a amarração da estrutura subjetiva. Em Joyce, Lacan nos orienta para uma clínica borromeana sem

---

<sup>116</sup> Idem - *O seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

<sup>117</sup> MILLER, J.-A. - *Uma fantasia*, in Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise - n°. 42, São Paulo, Edições EOLIA, fevereiro de 2005.

o recurso do pai sintoma. Essa foi a nossa lição das psicoses ordinárias. Os sintomas surgem como peças soltas porque separadas de um S2 e apontam para o S1, e sim um S1 em sua unicidade, homólogo ao objeto a. Nesse sentido será necessário por o corpo para elevar a interpretação à potência do sintoma. Em outras palavras, compreendemos que para que haja ato analítico, é necessário que os dois componentes do falasser (S barrado,a) ou seja, o sujeito e o gozo, se separem para emergir um discurso que chamamos de analítico, como laço único em que o objeto a possa se colocar no lugar de causa (agente), como núcleo elaborável de gozo. Laurent em seu artigo “*A sociedade do sintoma*”<sup>118</sup> lembrou Freud quando faz equivaler o mal estar na civilização com o sintoma na civilização. Esse mal estar pode ser escrito sob a forma de um matema, estabelecido por Jacques Alain Miller, ao definir nossa época dominada pelo objeto a > I.

Lacan falou da ascensão ao zênite social do objeto a. Essa expressão se encontra em seu seminário *Radiofonia* onde ele define o efeito de linguagem não apenas concebido como significado, e sim como déficit de um efeito de corpo.<sup>119</sup> Lacan diz que o significante não é apropriado para dar corpo a uma fórmula que seja da relação sexual. E que, é justamente nessa falha que o objeto a virá se colocar. E mais, ao falarmos de zênite social, mostramos que o movimento tem uma trajetória cujo zênite é seu grau mais elevado. Sendo assim, para seguir a trajetória do objeto a em nossa civilização, Lacan nos indicou que o verdadeiro efeito de angústia aparece através da linguagem acionado pela ação dos discursos, que no caso do mal estar na civilização, engendra a angústia. Portanto, diante desse quadro, o psicanalista segundo Laurent, não deve pretender aliviar o sujeito contemporâneo de sua culpa em relação ao ideal, ele é light, e já está aliviado. Trata-se na nossa época de suportar a inconsistência do Outro, sua ausência de garantias, sem ceder ao imperativo de gozo do supereu. O importante não é o alívio, mas o peso de sua relação com o gozo (...) *podemos dizer que o grande movimento da civilização, seu hedonismo de massa, faz desaparecer a particularidade do sintoma*<sup>120</sup>. Isso nos pareceu muito importante para compreender o encontro com o Real através da contingência irredutível dos traumas, fazendo o sujeito crer no seu sintoma, como via para o não todo, que pode operar uma

---

<sup>118</sup> LAURENT ÉRIC, *A sociedade do sintoma a psicanálise, hoje*. Em: Coleção Opção Lacaniana Rio de Janeiro Ed. Capa 2007 p.163

<sup>119</sup> LACAN, J. *Radiofonia* (1970) Em : *Outros Escritos* Rio de Janeiro 2001 Ed Jorge Zahar. P. 415

<sup>120</sup> LAURENT ÉRIC, *OP cit* P. 173

redução, quanto ao insuportável do sintoma. O sintoma depende da civilização, e cada época produz os seus chamados novos sintomas.

Nesse sentido, a ação do psicanalista deverá ser a de fazer com que o sujeito acredite no sintoma de fazê-lo legível ao pretender uma crença no sintoma, como uma ambição para a psicanálise do nosso tempo. Uma direção ética se impõe quando reduzimos o Nome-do Pai a um sintoma porque isso é fazer do sintoma o fundamento da sustentação do Outro. Nesse sentido é que a ética da psicanálise é uma sociedade do sintoma. (Laurent)

#### 4.2 Um bom uso do sintoma

O sintoma se inscreve, portanto, no lugar daquilo que se apresenta como falha do parceiro sexual “*natural*”. O estranho é que o parceiro possível é aquele que nos implica no sintoma. Isso é o que nos ensina a lição da nossa clínica. A união sintomática seria aquela que tocaria mais perto a não relação sexual, da qual uma análise deverá conduzir o sujeito a fazer bom uso.

A pulsão é o fundamento da relação com o Outro. Esse será o ponto destacado em relação às duas faces do sintoma: seu núcleo de gozo pulsional (que extrai sua fonte no corpo próprio) e a do Outro (que contém a dimensão civilizatória do sintoma). Sublinhamos, nesse ponto, que o circuito pulsional só faz seu arco de gozo passando pelo Outro, já que é no Outro que vai encontrar o objeto perdido e sua constante tendência de reencontrá-lo. “*As estruturas da sexuação, tal como dispostas por Lacan, foram feitas especialmente para permitir articular o gozo próprio a cada sexo*”<sup>121</sup> Neste mesmo texto Miller nos esclarece que o verdadeiro fundamento do casal é o sintoma, perspectiva que o final da análise nos interroga, ou seja, sobre o bom uso do sintoma.

Para abordar essa questão, partamos da idéia anunciada já desde Freud de que aquilo que não muda é a pulsão. Se não há travessia da pulsão, quer dizer que existe uma mudança na relação subjetiva do sujeito com o Outro da Demanda, do desejo e do gozo. Se esmiuçarmos um pouco mais o sujeito no final de sua análise, percebemos que ele se encontrará mais próximo da pulsão. Essa maneira de pensar muda a perspectiva com relação à travessia da fantasia e se aproxima da idéia de saber fazer-se aí (*savoir y faire*) com o seu sintoma.<sup>122</sup> Isto não é se curar,

---

<sup>121</sup> Idem - *Uma partilha sexual*, op. cit.

<sup>122</sup> Destacamos a diferença entre *o savoir y faire o saber fazer como dois conceitos que se referem as possíveis amarrações do sujeito com relação ao resto pulsional. Uma se refere ao seminário XXIII: o sintoma e a outra ao Seminário livro XXIV: L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre. Trata-se de um*

mas manejar melhor aquilo que não muda. Assim, o final de análise não é deixar de ter um sintoma, mas, sim, amar o seu sintoma, identificando-se a ele. Ao longo da dissertação veremos melhor esse percurso.

Para o Lacan do último ensino, então, o nível do uso é essencial. Estamos na invenção para um real sem lei. O homem se enrola com o Real, também se enrola com o Simbólico. E é por isto que há algo do Real no Simbólico. Há sintoma quando o nó rateia, quando há lapso do nó, mas também há a possibilidade de se construir o *sinthoma*. “*O único lugar onde para o homem que se enrola, finalmente, isso rola*”.<sup>123</sup> Será nas fórmulas da sexuação que encontraremos o âmagô do real na experiência clínica quanto à diferença do gozo próprio a cada sexo. Dedicaremos um capítulo sobre o sintoma na sexuação masculina no depoimento de Passe de Xavier Esqué e outro sobre o sintoma na sexuação feminina com o Passe de Laure Naveau. Conseqüentemente encaminharemos a pesquisa para os diferentes finais de análise. Desde Freud, verificamos essa variação da diferença sexual explorada por Lacan através das fórmulas da sexuação. Lacan ensinou no seminário XX que sempre falou do amor e que nestas palavras sobre o Amor ele situou um aforismo tipicamente clínico: “Não há reação sexual”. O Amor e a poesia pertencem ao registro da suplência, da mesma forma que a ausência da relação sexual representa um índice da letra. Um bom uso do sintoma visará o feminino como o que mais resiste a se inscrever; seja no corpo anatômico, seja no campo simbólico da linguagem. Isso quer dizer que está situado no campo da letra. Nesse ponto, a questão que se depreende é que a partir da sexualidade feminina, o modelo édipico ficará questionado como um modelo universal. O trajeto de Lacan - que localiza o Édipo em seu mais além - aponta para uma desconstrução do pai como ideal, pois se trata de reportar o gozo feminino como suplementar e enigmático. Ainda que o Nome do Pai opere na metáfora paterna sobre o gozo, esta operação deixa um resto que chamamos de objeto *a*. Esse resto é o *sinthoma*, como elemento irreduzível do pai, do qual é preciso fazer bom uso. Para melhor esclarecer esse ponto tomaremos algumas referências nos dada por Gorostiza<sup>124</sup> que consideramos cruciais quanto ao identificar-se ao sintoma. Ele nesse memorável artigo aponta para três conseqüências: Uma mudança com relação à repetição. A identificação ao final se

---

*apontamento de Lacan para algo que vai mais longe que o inconsciente. Isso distingue que as duas expressões se referem a um saber que não é o mesmo. O saber como elocubração e o saber como invenção.*

<sup>123</sup> MILLER, J.-A. - *A teoria do parceiro*, op. cit., p. 207.

<sup>124</sup> GOROSTIZA, L. - *A nobreza do sintoma*, in Latusa digital - ano 3, março de 2006, p. 14.

articula ao bom uso do mesmo. Isso implica que o analisante tenha feito uma experiência do impossível, porque lá na pulsão o sujeito sempre é feliz, logo, aí, não há um Real verificado. É isto precisamente o que a operação analítica introduz, ou seja, um limite ao gozo da *apparola*, ao seu monólogo que introduz o impossível da relação sexual<sup>125</sup>. Nesse ponto também se colocaria o tema da criação ou o da invenção no final de análise. Gorostiza propõe que talvez deva ser esse o motivo que fez Lacan abandonar em seu último ensino, o paradigma da travessia da fantasia. Assim ele substitui o termo criação que é sempre *ex-nihilo*, por invenção, sempre feita a partir de algo, e não a partir de nada.

*Se no início, o sujeito é, no nível do sintoma, poema, no final trata-se de que, a partir de seu sintoma, possa ser poeta.<sup>126</sup> Em outras palavras, se no início, o sujeito é usado pelo saber fazer do sintoma, onde isso goza sem que ele saiba, no final cabe a possibilidade de saber fazer com, ou seja, cada vez um uso diferente - uma pragmática da contingência<sup>127</sup>, poderíamos chama-lo, daquilo que estava articulado desde o início. Aqui a intervenção do analista na entrada se torna crucial para isolar o que, no enunciado singular, talvez possa ser reencontrado no final: algo da ordem da letra do sujeito.*

Constatamos nessa pesquisa nesse ponto do uso do sintoma articulado ao final de análise, que se antes havia a idéia de cura do sintoma como o atravessamento da fantasia, na nova perspectiva o próprio incurável se situa no interior do sintoma como *sinthoma*.

Trata-se assim de “*adoecer de honra como condição de possibilidade para alcançar a nobreza do sintoma*”<sup>128</sup>.

---

<sup>125</sup> MILLER, J.-A. - *El monologo da aparrrola*, in Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise - n.º. 23, op. cit., dezembro de 1998.

<sup>126</sup> Idem - *Reflexiones sobre la envoltura formal del sintoma*, in La envoltura formal del sintoma. Buenos Aires, Manantial, 1989, p. 15.

<sup>127</sup> LAURENT, E. - *Politique de l'unaire*, in Cause Freudienne - n.º. 42, Paris, Seuil, 1999, p. 30.

<sup>128</sup> GOROSTIZA, L. - *A nobreza do sintoma*, in Latusa digital, op. cit., p. 16.

### 4.3 As construções e as invenções do fim

Indagaremos nesse capítulo sobre o final de análise, especialmente sobre o limite do que é analisável, onde o real revela o recalque originário e a necessidade do analista propor construções. Esse termo *construção* concebido como conceito designado por Freud que se refere ao que permanece recalcado e que o trabalho analítico revela a face do incurável, como um limite ao saber e à interpretação.

Freud, no texto “Análise terminável e interminável”<sup>129</sup>, mostrou seu pessimismo quanto à eficácia terapêutica da psicanálise. Acentua as limitações e obstáculos com relação ao percurso de uma análise. Nesse memorável artigo ele destaca as fontes que fundamentam o sucesso ou não do tratamento. “Dos três fatores que reconhecemos como sendo decisivos (...) a influência dos traumas, a força constitucional das pulsões, e as alterações do ego. O que nos interessa aqui é apenas o segundo, a força da pulsão.”<sup>130</sup>

Assim, ele esbarrou na compulsão à repetição como um nome para o incurável da pulsão. O termo *construção* já havia sido mencionado em “Uma criança é espancada”<sup>131</sup> referido ao limite da interpretação que destaca o recalque originário, o *Urverdrängung*. Em “Construções em análise”<sup>132</sup> que comentaremos, Freud faz uma defesa que justifica os fins terapêuticos da psicanálise de maneira a convocar um diálogo com um Outro interlocutor que lhe faz objeção. Interpretando Freud a partir de Lacan, é como se houvesse um “você se arranja para ter sempre razão”. Freud se pergunta sobre o estatuto da verdade em psicanálise. A construção é um trabalho proposto pelo analista que tem relações com o trabalho da arqueologia. Examinando os diferentes tipos de resposta do analisante ao trabalho de construção do analista, Freud ergue um verdadeiro diálogo que vai do “sim” e do “não” do analisante, quanto ao objeto psíquico em sua dimensão de verdade.

---

<sup>129</sup> FREUD, S. - *Análise terminável e interminável*, op. cit., p. 242.

<sup>130</sup> Idem, *ibidem*, p. 256.

<sup>131</sup> FREUD, S. - *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* [1919] in *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, op. cit., vol. XVII.

<sup>132</sup> Idem - *Construções em análise* [1937] in *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, op. cit., vol. XXIII.

A terceira parte do texto constitui, no dizer de Miller<sup>133</sup>, uma clínica do retorno do recaiado, ou seja, como o recaiado retorna na lembrança. Miller indica, seguindo Freud, que o recaiado pode retornar na alucinação e no delírio. O delírio tem afinidades com a psicose. Porém, o mais importante seja o fato de que a construção seja apenas um trabalho preliminar. O analista primeiramente constrói para si próprio e, num segundo tempo, ele comunica ao paciente.

Qual o objetivo da construção? Parece-nos que a questão gira em torno do manejo do saber na experiência analítica, acrescentado que não é propriamente a exatidão do saber, mas o fragmentário do inconsciente e a inconsistência da verdade. “Nesse sentido Freud se separa da associação com a arqueologia e teremos a dimensão diacrônica e a dimensão do Real do saber”<sup>134</sup>. Freud nos adverte que, “no curso dos acontecimentos, tudo se esclarecerá”<sup>135</sup>. Aqui Freud indica os limites quanto ao saber e sobre o real em jogo que subverte a dimensão sincrônica da verdade histórica..

*“Com bastante frequência não conseguimos fazer o paciente recordar o que foi recaiado. Em vez disso, se a análise é corretamente efetuada, produzimos nele uma convicção segura da verdade da construção, a qual alcança o mesmo resultado terapêutico que uma lembrança capturada”.*<sup>136</sup>

Nesse texto, Freud realça que todo o objetivo da psicanálise é recuperar as lembranças. O mais importante, caso não consiga recuperá-las, é a convicção da verdade da construção sob transferência. “A convicção da verdade da construção tem o mesmo efeito que uma lembrança reencontrada”<sup>137</sup>, uma verdade estruturada como uma ficção.

---

<sup>133</sup> MILLER, J.-A. - *Marginalia de Construções em Análise*, in Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise - n.º. 17, op. cit., novembro de 1996, p. 93.

<sup>134</sup> Idem, ibidem, p. 94.

<sup>135</sup> Idem, ibidem, p. 95.

<sup>136</sup> FREUD, S. - *Construções em análise*, op. cit., p. 300.

<sup>137</sup> Idem, ibidem, p. 293.

Lacan, em seu texto “Função e Campo da palavra e da linguagem em psicanálise”<sup>138</sup>, fala que a construção é o analisante quem faz. A análise é como uma construção de uma narrativa da parte do sujeito que tece, com os fragmentos de lembrança, um remendo para o Real sem nome. Em Lacan, construção e interpretação não se referem ao mesmo conceito, elas se opõem tal como saber e verdade. A construção é uma elaboração de saber, enquanto que a interpretação tem alguma coisa de oráculo. Para ele, a construção se refere à estrutura da fantasia que se realiza pelo efeito da operação analítica. A expressão de Lacan - construção do fantasma fundamental - faz referência ao texto freudiano que mencionamos, uma vez que a fantasia não pode ser interpretada, mas construída. Para finalizar uma análise não é suficiente o saber epistêmico, mas o saber fazer com o real, manejar uma amarração que é da ordem de uma construção inédita. O *sinthoma* como produto de uma análise.

A questão crucial discutida em “Análise terminável e interminável” é quanto ao resto pulsional sobre o qual Freud se debruça. “A questão era a de saber se é possível livrar-se de modo permanente e definitivo de um conflito pulsional (...) é amansar desse modo uma exigência pulsional.”<sup>139</sup>. O tema do resto pulsional é retomado diversas vezes no texto freudiano dos últimos trabalhos. Freud levanta a questão do amansamento da pulsão, *Bandignung*, e comenta que a ela se opõe um irresistível fator quantitativo com o qual um homem analisado deveria saber manejar. Freud enfatiza, portanto, que sempre existirão manifestações residuais.

Ressaltamos que nesse texto que indaga sobre as construções do fim de análise, nos faz pensar sobre o valor do ato analítico. O provérbio que diz que o leão só salta uma vez faz lembrar a importância do *Kairos*, oportunidade, que faz mover o sintoma em sua face de gozo. Quer dizer que o destino da cura dependerá do destino da pulsão. A expressão, fator quantitativo está ligada à particularidade subjetiva. Dependerá também do que Freud chamou de viscosidade da libido, ou seja, da força pulsional em ação. Ao se defender da pulsão, o eu se altera e se defende. Freud já havia introduzido anteriormente a pulsão de morte como obstáculo à cura. No entanto, a solução freudiana quanto ao resto pulsional

---

<sup>138</sup> LACAN, J. - *Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise* (1953) in *Escritos*, op. cit., p. 238.

<sup>139</sup> FREUD, S. - *Análise terminável e interminável*, op. cit., p. 257.

presente no sintoma, pela via do gozo, também faz obstáculo ao tratamento, e é interpretado como a última proteção do sujeito contra o saber da verdade da castração.

Conforme já dissemos antes, há um real impossível de ser analisado. Trata-se do rochedo da castração para o ser falante, um impasse que se designa como uma recusa à feminilidade em ambos os sexos. Assim, Freud define para a sexuação masculina um obstáculo que é a passividade, e para a mulher o *penisneid*, dois obstáculos distintos: o narcisismo viril e a reivindicação fálica.

Lacan, em seu retorno a Freud, cita o “Além do princípio do prazer” para revelar que nem todo gozo localiza-se num sintoma decifrável. Devemos observar que, em 1923, Freud escreve sobre a primazia do falo e sobre os limites quanto à sexualidade feminina, texto que fornece informações precisas sobre o limite do gozo. Mas em sua conferência de 1931, referiu-se sobre o enigma da feminilidade e se inquietou a partir daí com o final de análise. No texto de 1937, “Construções em análise”, já citado, correlacionou a pulsão com a análise infinita e nomeou de rochedo da castração o que podemos equivaler ao Real do gozo. Portanto, podemos resgatar, desde Freud, uma ligação entre a teoria da sexualidade para cada sexo e o final de análise. Freud se pergunta em 1937, de forma contundente sobre a eficácia de uma análise. “Existe algo que se possa chamar de término de uma análise? (...) há alguma possibilidade de levar uma análise a tal término?”.<sup>140</sup>

Freud se refere nesse texto ao que denominou “adesividade da libido”<sup>141</sup>. Trata-se de um fator de impedimento para o tratamento que lentifica e intensifica o gozo do sintoma. Destacamos do texto os termos “lealdade catexial” para designar o apego ao objeto, e o afrouxamento libidinal para designar a libido móvel. A diferença entre os dois é comparável àquela sentida por um escultor, conforme ele trabalhe na pedra ou no gesso macio. Freud assim nos adverte: “é verdade que estamos preparados para encontrar na análise uma certa quantidade de inércia psíquica”<sup>142</sup>. Destacamos que a vertente de satisfação pulsional do sintoma é o

---

<sup>140</sup> Idem, ibidem, p. 250.

<sup>141</sup> Idem – *Algumas idéias sobre desenvolvimento e regressão – etiologia* [1916-1917] in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, op. cit., vol. XVI.

<sup>142</sup> Idem, ibidem, p. 275.

equivalente do gozo (fixidez e inércia), tal como Freud postulou nos conceitos de reação terapêutica negativa, masoquismo e pulsão de morte.

Quanto às construções do final de análise, o mais importante é o deslocamento feito por Lacan, que direciona o sintoma em sua dimensão do Real indizível. O sintoma articula-se com a dimensão não significativa, conservando seu envoltório formal, mas do que se trata é do gozo e da repetição. Esse indizível se traduz como o objeto *a* que resiste à elaboração significativa. Porém o final de análise conduz à extração do objeto até reduzi-lo ao impossível de dizer. Em síntese, o que resta são as construções e as invenções do fim, ou seja, uma boa condução e um bom uso do resto pulsional. É o fim de um percurso que parte do sintoma e que se conclui pela travessia da fantasia e pela construção da letra de gozo, a extração do objeto *a*. Como veremos mais detalhadamente a seguir. Um percurso que diz respeito aos diferentes momentos do ensino de Lacan permitirá situar duas modalidades de saídas possíveis de análise: pela travessia da fantasia e pela identificação ao *sinthoma*.

A travessia da fantasia é o termo em Lacan que sintetiza o longo percurso da experiência psicanalítica, ela tem princípios que a orientam em direção ao que pode ser considerado o final de análise. A fantasia deve ser pensada nos três registros, Real, Simbólico e Imaginário. O matema da fantasia,  $\$ \triangleleft a$ , é a moldura que tentará responder ao *Che vuoi?* A fantasia organiza a resposta do sujeito, pois, ao que o Outro quer de mim, o sujeito é convocado a responder construindo sua fantasia, que significa a reação simbólica ao desejo do Outro. A dimensão real é inconsciente, mas não recalcada, é o lugar do gozo. Sua dimensão imaginária se traduz pelo romance familiar de cada sujeito.

A fantasia põe em ação três versões da temporalidade referida à posição do sujeito frente ao gozo:

1º - “O pai bate numa criança que eu odeio”. O pai bate no irmãozinho. O sujeito goza ao constatar que o pai não ama esse outro intruso e só a ele.

2º - “Meu pai me espanca”, posição masoquista, recalcada, e que deverá construída em análise. É tempo em que Freud descobre que onde a própria criança que apanha interpreta o retorno da culpa edípica e a conseqüente necessidade de punição. Pode-se enfatizar que o elemento masoquista constitucional de todo sujeito deverá ser atravessado em toda análise.

3º - “Espanca-se uma criança”, tempo onde o sujeito desaparece, havendo uma desubjetivação e uma separação do objeto a que se sustenta como perdido.

Lacan propõe um passo a mais para o final de análise em relação ao rochedo freudiano. Acrescenta em RSI que no final de análise é preciso que o Real vença, superando o simbólico, não necessariamente o domine, mas que se amarrem de outra maneira<sup>143</sup>. Essa é a sua indicação quanto a pai-versão, que no fim de análise se esclarecerá pela via do sintoma.<sup>144</sup> Lacan recorreu à topologia dos nós para explicar o sintoma e o final de análise especialmente em seu seminário RSI<sup>145</sup>, onde o sintoma é definido como aquilo com que o sujeito se identifica, e o fim de análise é entendido como um saber – fazer com o sintoma. Trata-se de uma perspectiva que coloca um basta ao infinito das significações e o sintoma poderá ser escrito como *sinthoma*, como uma amarração que equivale à função do pai.

Assim sendo a travessia da fantasia é um momento crucial do percurso, pois o sujeito se depara com a separação do Outro e com o desamparo de S de a barrado. O sujeito é reconduzido à pulsão e não mais à demanda. Nesse sentido o sujeito da pulsão é incurável porque há algo que ele não poderá mudar. Entretanto, podemos verificar algumas mudanças dirigidas à inexistência da relação sexual, através das quais o sujeito terá como companheiro sexual o objeto a, parceiro do sujeito, não mais como complemento, mas como perda subjetivada.

Perguntamo-nos sobre um final de análise pela identificação ao *sinthoma*, sem considerar a travessia da fantasia. Consideramos que uma análise poderá terminar pela construção da fantasia, porém não se tratará de uma conclusão, como Lacan trabalha a partir da invenção( *sinthoma*), que vai além da travessia da fantasia.

O final de análise atende ao imperativo ético “**onde isso era, devo (je), eu, advir**”. Sua divisão se decide, no incurável de seu manejo com o real de seu sintoma.

Trabalharemos ainda neste capítulo, sobre os destinos da pulsão no final de análise tomando como argumentação vários artigos publicados pelo Campo Freudiano no livro<sup>146</sup>.

---

<sup>143</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 22: R.S.I.* (1974 – 1975) Inédito, aula de 21 de janeiro de 1975.

<sup>144</sup> Idem, *ibidem* p. 23.

<sup>145</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>146</sup> Clinica del final de analisis. Qué dicen nuestros analistas? Colección Orientación Lacaniana, EOL, Grama ediciones, 2005.

Graciela Brodsky<sup>147</sup> diz que há algo que não se dissolve no final de análise, há um resto e que é necessário destiná-lo. Foi nesse sentido é que a fundação da Escola de Orientação lacaniana (EOL) colocou em primeiro plano a questão sobre o final de análise. E mais: o funcionamento do dispositivo do passe retomou de forma contundente a formação do analista e sobre o analista, como o produto de uma análise. A verificação desse o final é bastante complexa, como veremos.

Nesse mesmo livro, Jorge Chamorro<sup>148</sup> nos aponta para uma questão entre identificação e gozo. Trata-se de identificar-se ao sintoma e consentir ao gozo. No plano clínico da identificação ao sintoma, podemos deduzir uma transformação do gozo do sintoma, destituído das *identificações imaginárias e de suas roupagens simbólicas*. Para resumir, no final de uma análise, temos um sujeito desidentificado e uma orientação que tem, no horizonte, o Real sempre presente em nossas vidas. Há uma queda dos ideais e um “sujeito dividido: entre um inconsciente em exercício e um sintoma interpretado”<sup>149</sup>. O sintoma e o sujeito identificado ao mesmo fazem a leitura das formações do inconsciente do lado dos efeitos da significação e do sentido de outra maneira. Há certo fechamento com relação ao deciframento do inconsciente e com o resto do inalisável se pode recompor o Outro, que já não será o mesmo. Trabalharemos ainda nesse capítulo, sobre os destinos da pulsão no final de análise”<sup>150</sup>.

O final de análise, proposto por Lacan, como já sinalizamos, é a escrita do *sinthoma*. Jacques-Alain Miller,<sup>151</sup> diz que o matema da identificação ao *sinthoma* é  $S_1 - a$ . Isso nos leva a compreender a diferença do  $S_1$  em sua relação com  $S_2$ , e  $S_1$  em conjunção com o objeto Assim, destacamos  $S_1 - S$ , como o matema do inconsciente que traduz o sintoma como mensagem que se dirige ao Outro, e  $S_1$  que marca a identificação próprio do sujeito ao seu gozo. Nesse mesmo texto, Miller, apresenta uma mudança conceitual importante ao demonstrar que o significante é gozo.

---

<sup>147</sup> BRODSKY, G. - *El desabonado del inconsciente I*, in Clinica del final de analisis. Qué dicen nuestros analistas?, op. cit., p. 53.

<sup>148</sup> CHAMORRO, J. - *Lo Real y la identificación*, in Clinica del final de analisis. Qué dicen nuestros analistas?, op. cit., p. 135.

<sup>149</sup> Idem, *ibidem*, p. 139.

<sup>150</sup> Clinica del final de analisis. Qué dicen nuestros analistas? Colección Orientación Lacaniana, EOL, Grama ediciones, 2005.

<sup>151</sup> MILLER, J.-A. - *Cap. XVI, in Los signos del gozo*. Buenos Aires, Paídos, 1998.

Por outro lado, no grafo de desejo acompanhamos Lacan demonstrar o lugar do discurso do analista, indicando o percurso que vai da demanda à pulsão. A demanda implica a transferência em sua relação à identificação ao Outro, o desejo do analista opera, de outra maneira, conduzindo o sujeito à pulsão. Desta forma, quando, falamos deste caminho da demanda à pulsão, estamos nos referindo ao atravessamento da fantasia. Isso quer dizer que Fantasia e pulsão têm em comum, a relação do sujeito com seu gozo. Porém com uma diferença crucial: se a fantasia trata o gozo pela via do imaginário, a pulsão dá um tratamento ao gozo pela sua dimensão de real, referida ao objeto a..

Miller, explica que a fantasia serve para mascarar a pulsão, e que em uma análise será fundamental a extração de gozo, quer dizer a separação do sujeito de seu objeto de gozo. Ele se apóia assim em Lacan de o Seminário O sintoma <sup>152</sup>ao se referir a Joyce, que construiu um sintoma através da escrita e pela via do ego. A escrita de Joyce deve ser entendida como um paradigma para o sintoma, porém não exemplifica o sintoma do atravessamento analítico no percurso da fantasia ao sintoma. Entretanto nos serviu para compreender pela via da psicose, a relação entre a construção da fantasia e a construção do sintoma na análise de um neurótico. O sintoma é o resultado do percurso de uma análise.

O importante nessa dissertação é destacar que a conceituação de Lacan sobre o sintoma, partiu do efeito que a leitura de Joyce teve sobre ele. Sua argumentação mostra que a escrita de Joyce, serviu de suplência, uma amarração para abrigar a sua estranheza. Lacan chamou esse quarto nó, de sintoma. Pesquisando dois seminários de Jacques Alain Miller, em seu curso de orientação lacaniana veremos uma distinção importante.

Em 1986-1987, em seu curso “Los signos del goce” ele propôs propõe que o sintoma é um termo que, no último ensino de Lacan, reúne sintoma e fantasia. <sup>153</sup>Miller assim teria uma identificação ao S1 pelo viés do significante, a partir do traço únario, e outra identificação do sujeito ao seu ser de gozo. Algum tempo depois, no curso “Peças Soltas” <sup>154</sup>, ele se pergunta sobre a diferença entre sintoma e sintoma.. Seu argumento é que o sintoma designa aquilo que do sintoma que não se presta a nenhum efeito de sentido. Em seguida, propõe a diferença

---

<sup>152</sup> Idem, ibidem.

<sup>153</sup> Idem - *A função del sintoma*, in Los signos del goce, op. cit., p. 315.

<sup>154</sup> Idem - *Pièce Detachés* (2004-2005) Curso de orientação Lacaniana. Inédito, aula de 15 de dezembro de 2004.

entre *sinthoma* e objeto a, quer dizer, o objeto pulsional. Pareceu-nos importante essa hipótese que mostra que o sintoma se diferencia do sintoma, pois está referido a um outro gozo, a um gozo diferente do campo do significante, e mesmo do objeto a, porque esse pode ser construído pela fantasia.

Trata-se de uma diferença necessária para uma aproximação do conceito de letra, assim como da relação entre o Real e o sentido. Essa concepção do sentido do sintoma como referido ao Real, muda à perspectiva clínica.

#### ***4.4 Sobre os conceitos de Suplência e acontecimento de corpo.***

Com essa argumentação, retomaremos a indagação feita no início da dissertação, sobre a direção do tratamento na atualidade quanto ao conceito de suplência.

Lacan relaciona a suplência em seu primeiro ensino ao sintoma conectado ao significante do Nome- do – Pai. Como já indicamos em vários momentos nessa dissertação, apenas no seminário, sobre o *Sinthoma*, é que ele pensará a suplência para todos, ao formalizar a teoria da forclusão generalizada com a topologia dos nós.

Isso indica um percurso bastante extenso em sua obra, quanto ao conceito. Interressa-nos nessa dissertação o conceito de suplência referido ao último ensino, que é um operador paradigmático já que outros significantes poderão ocupar a sua função. Sendo assim o Nome- do - Pai, não será a única garantia de promover uma amarração *sinthomática* para desempenhar a sua função. Isso quer dizer que outros significantes podem desempenhar a sua função. O nó da amarração será sempre uma suplência, seja na neurose ou na psicose. Sendo que esse quarto nó, como amarração é o que poderia nomear o gozo do sujeito.

Com essa argumentação, abordaremos a seguir, dentro dessa mesma perspectiva do *sinthoma* no último ensino de Lacan, como acontecimento de corpo<sup>155</sup>. Na psicanálise dizemos que o corpo sintomatiza, porque está submetido à linguagem, é escrito por significantes, marcas que representam o corpo-sintoma, equivalentes às formações do inconsciente, mais que também produzem gozo. Lacan, ao se referir ao sintoma como gozo nos diz que: *“Deixemos o sintoma no que ele é: um evento corporal, ligado a que: a gente o tem, a gente tem ares de, a gente areja a partir da gente o tem”*.

Parece-nos importante ressaltar que a relação do sintoma com o corpo se faz pela via da fantasia, na qual temos a versão, para cada sujeito, dos objetos a-olhar, a-voz, e de suas ressonâncias. Freud exemplifica que pode ser considerado um marco em sua teoria; está em seu texto sobre a perturbação psicogênica da visão sobre a cegueira histérica<sup>156</sup>. Assim, o conceito de sintoma como acontecimento de corpo parte da hipótese que este é afetado pela linguagem. Assim desde a época em que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, e no segundo ensino quando é formalizado como forma do gozo, podemos destacar o percurso de Lacan em sua obra que segue os caminhos da Instância da letra à escrita da fantasia. Referimo-nos importante ressaltar os caminhos percorridos por Lacan, onde o gozo, fora da linguagem, é índice da angústia tão bem destacada por Lacan em seu Seminário sobre a angústia.

Nos dois momentos do ensino de Lacan, observamos que o sintoma sempre está articulado ao corpo e o que varia é o conceito de conexão. Desejamos dizer as conexões sintoma como metáfora, sintoma como gozo e sintoma como letra.

No segundo ensino Lacan, a linguagem assume um valor secundário e a língua é pensada como primária. Estamos no registro de um corpo que goza, de um gozo autista sem o Outro, pensado a partir do corpo como Um.

Miller em seu texto “Biologia Lacaniana e acontecimentos de corpo”<sup>157</sup> retorna ao aforismo lacaniano que define o sintoma como acontecimento de corpo, como acontecimento de discurso, que deixa traços no corpo. Nesse Curso, Miller, faz uma distinção entre a biologia lacaniana que se baseia no corpo vivificado pelo significante.

*“A morte de que se trata na pulsão de morte não é a morte biológica, não é o simples retorno do corpo vivo ao inanimado”.  
(...) o que é específico do homem é durar, não sob forma de moléculas, mas de significantes.”<sup>158</sup>*

---

<sup>156</sup> FREUD, S. - *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* [1910] in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, op. cit., vol. XI.

<sup>157</sup> MILLER, J.-A. - *Biologia Lacaniana e acontecimentos de corpo*, in Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise - n.º. 41, op. cit., dezembro de 2004, p. 50-51.

<sup>158</sup> Idem, ibidem, p. 4.

No Seminário XX <sup>159</sup>, Lacan avança em sua teoria, propondo a disjunção entre linguagem e alíngua. A primeira reduzida a reduzida à simples elocubração da alíngua. Essa língua materna, entendida como fundante do falasser deixa traços na carne que se torna corpo. Essa maneira singular do falasser de ter sido falado fornece a moldura do corpo letra. Quer dizer que fixarão os efeitos, uma maneira pró pia de dar corpo ao inconsciente, que se refere ao que Lacan denominou chamar de seu saber - fazer com alíngua.

Lacan em seu seminário “O sinthoma” faz a relação entre identificação ao sinthoma e nomeação do gozo <sup>160</sup>. Isso nos leva a pensar no final de análise como um reconhecimento do sujeito, ou seja que o coloca mais perto de um S1 separado de a. A repetição é um dos nomes do incurável, porém no final, há um novo destino pulsional com relação à cifra do gozo. Isso é o resultado de uma construção de um saber sobre o gozo do sinthoma, de um saber não mais suposto no Outro, mas deduzido da extração do objeto. Verificamos que do lado do Outro, restará um significante esvaziado de um S1, sem sentido.

Miguel Bassols <sup>161</sup> *interroga*: O que resulta então desse sintoma pós-transferência?<sup>162</sup> Responde que é um sintoma sem Outro, ou seja, que perdeu sua função de metáfora. Trata-se de um significante fora da cadeia se apresentando como modo de gozar do saber inconsciente, definido como o inconsciente em seu último ensino-come forma de gozo. Bassols segue a orientação lacaniana apontada por Miller, isto é, a diferença entre o gozo sentido e do sentido gozado.

*“Quando o Outro se esvazia do gozo sentido, o que fica é a função do objeto em que o Outro se reduziu e que é idêntico ao ser do sujeito mesmo”. É esse o real do sintoma o que aparece como a identidade libidinal do sujeito’.* <sup>163</sup>

---

<sup>159</sup> LACAN, J. - *O seminário, livro 20: mais, ainda*, op. cit.

<sup>160</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>161</sup> BASOLS, M. - *Um sintoma sem Outro*, in O sintoma charlatão. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

<sup>162</sup> Idem, *ibidem*, p. 136.

<sup>163</sup> Idem, *ibidem*, p. 136.

Constatamos assim que o sintoma na saída da análise é composto, de um esvaziamento de sentido e disjunto do gozo da fantasia. Assim escrevemos uma nova condição para o sintoma sem o Outro, definindo também uma nova relação do sujeito com a linguagem mesma, isto é com aquilo da linguagem que correspondeu ao acontecimento traumático. O resultado é uma nova relação do sujeito com o sentido e com o gozo que estavam implicados no sintoma. Trata-se de uma nova amarração como novo enlace, que Lacan denominou de Sinthoma. O final de uma análise condensa uma mudança radical no sentido da formação do sintoma em sua face de mensagem e em sua face de gozo.

O último ensino de Lacan propõe no final da análise, uma identificação ao sintoma. É conveniente lembrar que Freud referiu-se a três identificações. Primeiro, a identificação ao pai, na vertente de amor e identificação. Uma segunda identificação, que chamou de histérica, caracterizada por ser uma identificação do seu segundo ensino e que seria uma identificação ao desejo do Outro. E por fim, a identificação ao sintoma. Seria a identificação ao S1, como traço unário *que separa o sujeito do Outro, que seria a identificação ao sintoma no final de análise.*

*O artigo de German Garcia,<sup>164</sup> interressou-nos a partir do que desenvolveremos no capítulo sobre dois depoimentos do passe na sexuação feminina e masculina. Como veremos mais adiante nessa dissertação onde destacaremos os destinos do amor e o final de análise.*

No entanto que Lacan indica em seu Seminário “Mais Ainda”, que: *“A questão do amor, é ligada à do saber (...) eu lhe peço que você recuse o que lhe peço, porque não é isso”*<sup>165</sup>. Ele dedica esse seminário ao tema do amor. Há uma relação próxima do amor com o Real. Por isso indagamos sobre o destino da transferência no final de uma análise, quanto ao destino do amor. Lacan fala de um atravessamento, deve-se ultrapassar o horror ao saber, através do amor de transferência. O desejo do analista precipita no analisante, a dessuposição do saber que como consequência, produzirá uma separação entre o grande I do Ideal, e o a, da causa. Isso possibilita que os ideais identificatórios, cessem de recobrir o Real que causa o desejo. A liquidação da transferência deixará um resto relacionado à causa singular, que responderá sobre o desprendimento do objeto, que implica numa questão sobre o amor de transferência no final e sobre um novo amor, correlacionado à pulsão. A definição de que o amor vem fazer suplência à

---

<sup>164</sup> FREUD, S. - *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*, op. cit., p. 171.

<sup>165</sup> Idem, ibidem, p.151-152.

inexistência da relação sexual indica que ele faz sintoma, como descrevemos nessa dissertação no capítulo sobre a teoria do parceiro. Nesse sentido, o final de análise freudiano teria uma proposta diferente do final de análise lacaniano.

Perguntamo-nos sobre um final que levaria ao Pai, pela via da identificação, pela via do amor, e outro final a partir de uma invenção sinthomática, ou seja, em outras palavras como uma suplência para a inexistência da relação sexual. O amor na conclusão de uma análise aborda o Outro, encore.... encorps, mas deverá ir além, pois deverá tocar a contingência do ser. O gozo. O contingente desta forma nos indica um saber não todo, que é também a letra de S de a barrado. Deduzimos que na conclusão de uma análise, haveria uma mudança com relação à demanda de amor, pois ato analítico possibilitou através da construção da fantasia, o a, que separa o amor da pulsão. Verificamos que o Real insiste e que o dispositivo do passe na Escola de Lacan, é uma aposta que pretende verificar o final de uma análise como demonstraremos no próximo capítulo.

## ***CAPITULO V***

### ***O Dispositivo do Passe e o final de análise.***

#### ***5.1. O Procedimento do Passe na Escola de Lacan***

A experiência do passe foi colocada no cerne do dispositivo de formação dos analistas por Lacan em sua “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”.<sup>166</sup> Trabalharemos inicialmente como ponto de apoio três textos que nos orientarão a pesquisa sobre o procedimento do passe na escola de Lacan. Entretanto, destacarei nessa dissertação, os aspectos que dirão respeito apenas ao Passe como verificação do final de análise.

Comentarei dois depoimentos de Passe, para demonstrar a diferença quanto à diferença sexual quanto ao final de análise, na sexuação masculina e na feminina.

---

<sup>166</sup> LACAN, J. - *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola* (1967) in Outros Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003, p. 235.

Tomaremos inicialmente três textos que nos orientarão em nossa pesquisa. “Ato de Fundação da Escola Freudiana de Paris” (1964), “Proposição de 9 de Outubro de 1967 sobre o Psicanalista da Escola”<sup>167</sup> e Carta de Dissolução (1980)”.

Trata-se no Passe de um novo procedimento para avaliar a formação do psicanalista, da passagem do analisante à analista e a verificação dos efeitos do desejo do psicanalista, quanto ao que pode ser um final de análise.

No Ato de fundação, Lacan introduz os fundamentos sobre a formação do psicanalista em sua reconquista... *“E que para ela estão convidados todos os que puderem contribuir para introduzir, dessa formação, o bem fundado da experiência”*<sup>168</sup>.

Lacan convida para participarem de sua Escola aqueles que se comprometerem a cumprir uma tarefa sujeita a um controle interno e externo, o que demonstra o laço indissociável da formação do psicanalista com a Escola. Acrescenta que os que a ela aderissem, deveriam seguir as normas estabelecidas na seção de psicanálise pura, que trata da práxis e da doutrina propriamente dita. Em seu Ato de fundação, Lacan nos oferece algo precioso que tocará o âmago do que é a experiência psicanalítica, em sua relação com a causa. Isso nos coloca a trabalhar a nossa causa, nos animando pela questão de saber o que é um psicanalista. Momento em que Lacan, repensa a Instituição Psicanalítica, como diferente da política de massas, tais como a Igreja e o Exército. Uma nova orientação se impõe para dar conta da formação do analista. Ele diz: *“Fundo- tão sozinho quanto sempre estive em minha relação com a causa psicanalítica- a Escola francesa de Psicanálise”*<sup>169</sup>.

Em 1971, Lacan redige uma nova versão do Ato de Fundação, acrescentando um anexo no qual se encontram uma nova versão do Ato de Fundação, no qual se encontram outras normas para a formação do psicanalista, ligadas à análise didática e quanto ao ingresso na Escola. Lacan funda sua Escola em torno da causa freudiana, porém se distancia dela, ao pensar um movimento que se opõe a lógica da identificação e a associação cujo formato é o de uma de Sociedade.

---

<sup>167</sup> Esses textos estão publicados em LACAN, J. - Outros Escritos, op. cit.

<sup>168</sup> Idem – *Ato de fundação* (1971), ibidem, p. 235.

<sup>169</sup> Idem, ibidem, p. 235.

Em 1967, quando ele escreve a “Proposição de 9 de outubro sobre o psicanalista da Escola” e introduz de maneira formalizada sua ruptura com o modelo de garantia dado pela IPA, ao se referir ao princípio que o analista só se autoriza por si mesmo, ele diz:

*Esse princípio está inscrito nos textos originais da Escola e decide sua posição. Isso não impede que a Escola garanta que um analista dependa de sua formação”. Ele pode fazê-lo por iniciativa própria.<sup>170</sup>*

Lacan afirma de maneira contundente nesse texto, que existe um Real em questão na própria formação do analista e que as Escolas existentes, fundam-se nesse Real.

Afirmamos que na atualidade o estudo do dispositivo do Passe como os depoimentos de alguns analisandos, nos mostram que é um elemento fundamental para a verificação do que é um analista. Sendo assim, o Passe deverá ser compreendido como um procedimento original, por meio do qual a Escola garantirá que um analista realizou sua formação. O paradoxo do aforismo “o analista se autoriza por si mesmo”, será tratado mais adiante. Paradoxo que indica uma formação referida a uma Escola, portanto uma garantia, e o aforismo citado, como expressão da causa singular e solitária.

Jacques-Alain Miller nos brindou com um texto que pareceu importante comentar que se chama: Teoria de Turim: “Sobre o sujeito da Escola”.

*“Saber onde esta a Escola, Localizar sua posição, não se deduz de uma prática contemplativa, não consiste em observar feitos objetivos.”<sup>171</sup> (..) A comunicação desse saber tal como a produção de atas tem como efeito modificar o sujeito em vias de realização”.*<sup>172</sup>

---

<sup>170</sup> Idem, ibidem, p. 248.

<sup>171</sup> Idem - *De onde vêm os analistas*, in Latusa – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise - n.º. 6, Rio de Janeiro, novembro de 2001 p. 218-219.

<sup>172</sup> MILLER, J.-A. - *Teoria de Turim: sobre o psicanalista da Escola*, in Intervenção no 1º Congresso Científico da Scuola Lacaniana di Psicanalisi, Turim, 21 de maio de 2000.

A tese de Miller então em Turim é de que a Escola é um sujeito. Para começar, dizer isso é também dizer, que um sujeito não é uma substância coletiva, e que uma Escola assim como um sujeito, precisaria sempre da interpretação. Numa Escola, tudo é da ordem do analítico. E não há todo na Escola. Depreende-se que há um paradoxo, entre o que pode ser coletivo e quanto ao que pode ser não todo. Trata-se de uma dupla inserção em que o particular e o coletivo se entrelaçam de modo único. A Escola é a amarração que enlaça os dois. Em seu texto, “Nota Italiana”,<sup>173</sup> Lacan, avança em sua formulação quanto ao final de análise, e no analista como o produto de uma análise. Refere-se ao desejo do analista e de suas conseqüências. “*Só existe analista se esse desejo (desejo de saber) lhe advier e que por isso ele é rebotalho da dita humanidade*”. Para que isso se produza o passe se torna necessário, para formalizar o destino pulsional quanto às conseqüências éticas do final de análise. Constatamos que não há final de análise sem resto. Seria preciso saber endereçá-los?

Recentemente,<sup>174</sup> Palomera nos brindou com um excelente artigo que privilegiaremos para tratar as *questões do Passe* na atualidade. Assim ele diz que “*El psicoanálisis nos necesita*”. Isso demonstra que na orientação Lacaniana os analistas são levados a dar provas de como na prática manejaram o Real da experiência analítica.

Lacan indicou no seu último ensino já citado várias vezes nessa dissertação, que a via que conduz ao final de uma análise é aquela que se dirige ao “saber fazer aí com o sintoma”. Quer dizer maneja-lo, pois o sintoma é justamente o que virá no lugar de uma impossibilidade, a de que, não há relação sexual. Não se trata do desaparecimento do sintoma, senão a mudança de seu efeito no discurso, porque se identificando a seu sintoma, o sujeito o conhece. Sublinhamos que quando Lacan, diz identificação ao sintoma, significa fazer do sintoma, seu parceiro sexual.

A Escola nesse sentido, necessita de analistas que dêem provas de como se desembrulharem de seu sintoma ao se depararem com o Real, com o osso de sua análise.

---

<sup>173</sup> LACAN, J. - *Nota Italiana* (1973) in *Outros Escritos*, op. cit., p. 313.

<sup>174</sup> PALOMERA, V. in *TLC Edición de la Conversación de la Escuela Lacaniana de Psicoanálisis* - nº. 4, 19 de maio de 2007.

Deduzimos disso que extrair o modo fundamental de gozar do sujeito certifica o final de análise. Acolher as invenções do fim, implicando o resto do incurável do sintoma com o trabalho na Escola.

Outro texto<sup>175</sup> que abordamos é sobre esta conversação do Passe, começa com uma advertência importante. A atualidade segundo Palomera, nos obriga a nos preocuparmos, e com razão, pela psicanálise aplicada. Se não tivermos cuidado, a psicanálise poderá desaparecer.

*Se a psicanálise aplicada é esta parte da psicanálise que trata o sintoma e seu destino, corre sempre o perigo de confundir-se com a psicoterapia e sua falta de interesse pelos princípios”... Necessitamos voltar sempre a psicanálise pura, quer dizer a doutrina psicanalítica e , especialmente á doutrina do final do tratamento, para que a psicanálise aplicada não se perca na psicoterapia ou na sugestão.*<sup>176</sup>

Acrescentou “*que as Escolas devem zelar e assegurar as condições da prática.*”  
“Não pode haver clinica, por mais cotidiana que seja que não seja sustentada pelos últimos avanços da doutrina analítica”.

Ele diz que o curso recente de Miller<sup>177</sup>, nos mostrou de forma inéditas referências sobre a doutrina do Passe-O Passe transferencial e o Passe Real.

Sobre o Inconsciente Real, nos convida a pensar o SSS (sujeito suposto saber) como inecenssial, articulado á transferência. Entretanto, destacou-se aqui uma leitura inédita do algoritmo da transferência que merece ser avaliado. Miller assim propõe a distinção entre o passe Transferencial vinculado ao saber do Passe Real, vinculado ao corpo e à pulsão.

Outrora em seu ensino chamou de saber inconsciente e a extração do objeto a. O Passe transferencial permitiria situar o objeto prevalente da pulsão e nomear o sintoma. O Passe Real permite pensar a nomeação do sintoma, mediante o isolamento de pedaços de Real, de buracos no saber e no corpo.

Uma análise, parte da suposição que com o sentido será possível cernir o Real, e no Passe, se pode avaliar, se o analisante pode subjetivar o Real de sua experiência. Isso nos orienta

---

<sup>175</sup> GUÈGUEM, G.-P. - *Sobre o Inecenssial do sujeito suposto saber*, in Conversação da Escola Lacaniana de Psicanálise, Paris, maio de 2007.

<sup>176</sup> Idem, ibidem.

<sup>177</sup> MILLER, J. - A. - *O último Lacan*, aula de dezembro de 2006, Inédito.

também com relação à via do sintoma. O sintoma é o que mais de real o falasser tem. O analisante o encontra de maneiras distintas no início e no final de sua análise.

## **5.2 O Sintoma no final se faz praticável**

No próximo item, escolhemos um testemunho de Passe para pesquisarmos as diferentes saídas, quanto ao Real em jogo em uma análise e sua solução sinthomática que articula muito bem o corpo teórico dessa dissertação.

Xavier Esqué,<sup>178</sup> se refere ao Passe como um convite que a Escola faz para todos aqueles que desejem transmitir o saber sobre o Real, produzido pela experiência analítica. O título de AE (analista da Escola) é segundo ele uma promessa contra o desconhecimento. Ele acrescentou também em seu depoimento, que o dispositivo do Passe coloca o desejo de saber em destaque, não tanto pelo que já se sabe, como pelo saber inédito. Nesse sentido que o Passe nos concerne, pois enfatiza o destino da transmissão da psicanálise que os depoimentos de Passe verificam.

O Passe de Esqué nos interessou pela perspectiva que orienta essa dissertação quanto ao incurável do sinthoma. O sintoma é o mais de Real o falasser tem. O analisante o encontra de maneiras distintas, no início e no final de sua análise.

No início, Esqué diz que o sintoma é da ordem do impraticável; ao final, o sintoma se modifica, é sinthoma como identificação ao modo de gozo, que revela um consentimento e um *savoir y faire* que o torna praticável, no sentido de um novo uso.

Sublinhamos em seu testemunho, o fato de mencionar a travessia da fantasia como da ordem de uma fixidez, ao atravessá-la, o sujeito não mais se deixa enganar. A fantasia não desaparecerá, é marca do incurável. Lacan recorre à idéia do sinthoma, como misto de sintoma e fantasia. Ao final, é uma verificação a cada dia tal como demonstra o Real que não cessa de não se escrever. Descreveremos em seguida um pequeno trecho de sua análise, para sustentar o percurso ao sinthoma que se faz praticável.

---

<sup>178</sup> O depoimento de Passe de Xavier Esqué se encontra no site da AMP – Association Mondiale de Psychanalyse, na sessão de testemunhos dos analistas da Escola [www.wapol.org](http://www.wapol.org), 2006.

*Nasceu em um meio rural, filho menor de três irmãos homens. Era esperado o nascimento de uma menina. Desejou sair de forma tenaz de sua cidade pequena e de seu ambiente familiar, e para tal ingressou na faculdade de arquitetura. O analisante falhou desde o início. Uma primeira análise foi realizada durante cinco anos ao começar sua formação. Relata que essa análise, não tocou o gozo da repetição, pois não tinha como orientação a clínica do Real. Referiu-se ao sintoma e a sua formalização. Ingressou em uma nova análise anos depois, e sua demanda vinha com um sintoma de dificuldades pelo preço que pagava, pelo esforço, e pela procrastinação com relação à sua escolha. Esqué indicou que a formalização do sintoma analítico se produziu a partir de uma interpretação do analista.*

O analisante expressava suas queixas sintomáticas de tal forma que suas palavras se mantinham num ponto de indefinição. Os rodeios levaram o analista ao Corte. A primeira intervenção do analista foi nesse sentido.” Passar do que pode ser para o que se é “.Esqué nessa interpretação de sua análise, indica que aí se abriu a porta a um sujeito chamado a advir ali onde isso era. Segundo ele,<sup>179</sup> essa interpretação abria o intervalo significativo onde podia aparecer o resto retido do gozo que, havia escapado à ação mortificadora, com a qual ele fazia par em seu fantasma “...” *Vi-me reduzido a um objeto muco, primeiro nome que encontrei para o meu gozo. “... havia feito par com esse objeto toda a minha vida”.* Ele diz assim que uma rinite crônica e uma sinusite o fez ficar agarrado a um lenço que traduziu muito bem o lugar que ocupou; o de ser o muco do Outro, objeto de preocupação para a sua mãe. Relata que sendo o caçula, na fratria dos irmãos foi o mucoso do pai, que tinha por destino velar sua insuficiência. Esqué testemunha de forma clara seu percurso demonstrando que é na transferência que se revelará o mais singular da pulsão.

Várias recordações surgiram. Aos quatro anos, passou alguns dias na casa de uma vizinha, um pouco mais velha que ele, com quem dormiria na mesma cama. Foi um encontro traumático, por ter experimentado um gozo inédito que o acompanhou por anos: o gozo do olhar, espiar, alimentar o olhar, velando a própria mirada. Aos oito anos, dois acontecimentos provocaram a queda fálica do sujeito no desejo do Outro e isso deixou marcas importantes. Primeiro seu pai o mandava ir ao cinema sem dinheiro, considerando o

---

<sup>179</sup> ESQUÈ, X. - *O éximo empurra*, in Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise - n.º. 42, São Paulo, Edições EOLIA, fevereiro de 2005, p. 54.

fato que os proprietários do cinema lhe deviam. Depois de algum tempo foi expulso e exposto aos olhos de todos. Depois lembrou das palavras de sua tia com relação ao seu nascimento. Seu pai ao saber que era um menino, se decepcionara. A interpretação do sujeito: “Meu Pai não me olhou” lhe deu um lugar na cena fantasmática. O sujeito se *deixou cair, como lugar de gozo. Se mantendo, portanto, preso ao olhar do Outro. “Se não me olham, me deixo cair”*. O sujeito fazendo-se ver recuperava o gozo perdido, através de seu sintoma.

Foi necessário um tempo grande de análise para esvaziar o gozo da mirada, um tempo onde se pode produzir o Outro *enquanto inconsistente, ao se deparar com a falta do pai relativo à lei. Um pai visto sem as insígnias do ideal e uma fantasia de salva-lo. Assim, pode esclarecer o S1 ( prometer) a S2 ( decepcionar), que o relançava à repetição sem imaginar uma saída*, a não ser a de se deixar expulsar. Esse par S1 –S2 , rodeava o objeto a da pulsão, lugar onde o sujeito sempre é feliz em seu modo de gozo.

O testemunho dessa análise revela que é através da ficção que se produz a fixação de gozo. A interpretação assim feita fará cair seu sentido gozado. “Meu “pai não me olhou” produziu no analisante o lugar da decepção e uma posição de tamponar a falta desse Outro. A mentira do simbólico, a crença no pai e no inconsciente revela os modos de defesa frente ao Real. O passe se precipitou a partir de uma versão da enigmática morte do irmão de seu pai durante a guerra civil espanhola. Seu pai também havia decidido não olhar esse Real. Ao ter sido revelado o enigma do gozo, o sujeito suposto saber, sofrerá conseqüências. Um sonho. O analisante chegava à sessão e notava uma mudança no rosto do analista que lhe era estranha definição. Ao sair, percebe que o analista não usava barba, um passo mais e se da conta que o analista jamais usara barba. O analista cai de sua posição de saber e passa a semblante de objeto a. A barba semblante de saber é reduzida ao objeto libidinal. O mais importante é que se produz uma separação de I (A) do pequeno a. Um outro sonho também indicou o desprendimento do Outro que revela dois momentos distintos e marcantes do final de análise. Um primeiro momento em que fica marcado, a inconsistência do Outro e um outro, que mostra o vazio do sujeito. Razão pela qual falta do Outro se articula com o vazio do sujeito. Foi um momento onde o analisante pensou em terminar sua análise dado os efeitos terapêuticos que pôde experimentar. O analista considerou ser necessário mais uma volta em sua análise. Um mais além do inconsciente se deu com a queda do objeto a, e o Real do

sintoma pode aparecer. O analisante, através de uma intervenção do analista, prosseguiu sua análise e enfrentou os problemas com a Escola que até então havia se caracterizado pelo "cumprir" em função da demanda do Outro, se modificou. Tratava-se agora de se responsabilizar pelo desejo que se revelava através de um novo laço com a Escola. Mudando a sua posição, Esqué diz que não mais se encontrava na sala de estar da Escola onde podia passar como um convidado anônimo, pois agora estava decidido ir até o fundo, até ao final com relação o seu apetite de saber, entrar na cozinha, onde não há garantia do Outro. Assim o analisante entrou no dispositivo do Passe sem o anteparo fantasmático anterior em que se fazia expulsar. A mudança de sua posição foi a de se oferecer como semblante de objeto causa de desejo para Outros.

Quanto ao gozo feminino, era para esse analisante uma pergunta e um enigma, que articulava gozo feminino e loucura. Seu pai tinha um primo psicótico que o acompanhava algumas vezes em suas idas ao campo. Certa vez, perguntou ao pai sobre o que esse primo tinha.. As palavras de seu pai lhe deixaram marcas em sua relação com as mulheres. Responderá-lhe que quando seu primo, era jovem, se relacionava com mulheres más e de má conduta. Essa frase de seu pai devolveu-lhe uma pergunta: "Como ficar com uma mulher e não enlouquecer?". Não se tratava apenas da castração materna, mas da falta do significante da mulher. Trata-se em uma análise de contornar o fato de que a relação sexual não existe.

Verificamos diferentes formas de saída quanto à sexuação feminina e masculina. Para Esqué esse momento marcou em todos os registros, a inexistência do Outro, desde a crise da Escola, assim como com sua parceria amorosa.

Um último sonho: Um ato praticável. Um falso feixe de lâminas cai, revelando que por detrás dele não havia nada. Não há seguro, para o dano. O perito atesta que havia peso em demasia e o analisante toma as lâminas caídas em seu sonho, uma por uma, remontando-as de uma maneira que possa usá-las. Nesse sentido, há o que fazer com o que cai, e com os semblantes que restam no lugar vazio da não relação sexual. Isso quer dizer que o sintoma no final de uma análise se faz praticável. Uma amarração praticável.

No final de análise, a nomeação do sintoma põe um término e uma certeza se evidencia.. Uma ressalva parece importante: Cito Miller "que o sintoma no final de análise

tendo se transformado praticável, não significa que o Real se deixe instrumentalizar”.<sup>180</sup> Talvez, uma indicação quanto ao interminável da mesma. Com o Real é preciso saber manejar, assim como poder suportá-lo.

“No final, não espero, nem mais, nem menos”. Estas foram suas últimas palavras. Esqué, portanto contribui com o seu depoimento para pensarmos a conclusão de sua análise. Nesse sentido ele sublinha uma primeira substituição de seu analista pela psicanálise. Ele diz: “*produziu-se uma substituição do analista sintoma; que sustenta a experiência, pela causa analítica*”.<sup>181</sup> Temos aqui a metáfora do Passe colocada por Miller: a psicanálise no lugar do analista.

No próximo item, vamos dar o testemunho de uma mulher e depois sublinhar algumas diferenças quanto o final de análise e as fórmulas da sexuação.

## **5.2 Uma subversão do pai pelo Ato**

*Laure Naveau faz seu testemunho no congresso em Roma se apropriando do tema “O Nome- do Pai- servir-se dele, para dele prescindir”.*

Inicia seu testemunho com um dizer, que propõe reflexões clínicas importantes. Ela diz: “*O mito pulsional é uma variante do mito paterno*”<sup>182</sup>. Deduzimos de tal enunciado que temos duas versões do pai, aquela que introduz a filiação a linguagem e a falta, e de outra forma, a invenção de uma ficção do pai, a partir de uma invenção pulsional construída em análise.

Essa é a parte desse testemunho que nos interessa nessa dissertação. A que diz respeito à invenção para o incurável do sintoma.

Laure diz que tornar-se uma voz, foi o destino da pulsão, encontrada no momento de concluir. Foi em seu relato,<sup>183</sup> que comentará como o olhar cessou se desnuda-la e como inventou um novo uso do olhar que a emanciparia de sua servidão voluntária. Nesse relato

---

<sup>180</sup> MILLER, J.-A. - *El psicoanalista e seus sintomas*, in EOL, Paidós. Buenos Aires

<sup>181</sup> ESQUÉ, X. - *O íntimo empurra*, op. cit., p. 53.

<sup>182</sup> O testemunho de Laure Naveau se encontra no site da AMP – Asociacion Mondiale de Psychanalise, na sessão de testemunhos dos analistas da Escola [www.wapol.org](http://www.wapol.org).

<sup>183</sup> NAVEAU, L. – *A voz serena*, in Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise - n°. 42, op. cit., p. 84.

começa pela intervenção do analista, que lhe diz no primeiro tempo de sua análise, aquele momento que é o de compreender, que: “você é muito determinada”. Esse foi a intervenção de seu analista dezessete *anos antes de* fazer o passe.

A transferência fez assim um laço que permitiu uma mudança radical *eros invencível no combate*, que a autorizou a essa suposição de saber da qual sua neurose a excluía.

Laure escolhera seu analista, ao escutá-lo defender numa tribuna de filósofos, a edição do seminário de Lacan, a *Ética da psicanálise*. Ressaltamos nesse relato o fato que ao ouvir seu analista em sua voz serena, implicou-a em seu sintoma ao compreender que havia cedido de seu desejo; quanto a empreender uma análise, assim como também de seu desejo de saber. A frase ouvida foi: “*a única coisa da qual se pode ser culpado, é de ter cedido de seu desejo.*” Segundo Laure, seu sintoma começara desde muito cedo no nascimento de sua irmã, onde ela se via desaparecendo, saindo de cena, apesar de ter um lugar no desejo do Outro familiar. Acreditara que havia perdido o lugar de sustentação fálica que, criança, ela tivera junto ao pai. Com relação a sua mãe também se sentirá pouco acolhida pelo fato de ter nascido de uma união ilegítima. Um tempo depois percebeu na ilegitimidade de seu nascimento, uma marca de amor. Assim a transferência pode ser atualizada, em sua relação ao mal entendido de seu nascimento, como traumatismo fundamental. Entretanto ela precisou desenrolar hystorisá-la, para perceber o gozo que ela havia nutrido desde aí. Descreveu dois elementos de seu romance familiar referidos à sua queixa analítica endereçada ao analista. Uma fala que diz não e um desvio do olhar. O olhar materno e um gesto paterno, a conduziram a construir a cena fantasmática. Sua infância foi marcada pelo impulso – a – tudo dizer.

Esse testemunho de Passe e sua nomeação como AE, tornam possível uma retomada do pai do fantasma pelo seu avesso, que é o *sinthoma*, ao transmitir a lógica do que pode ser o resíduo de um caso, onde o testemunho cerne o vazio. Laure então vai do pai da erótica de seu fantasma, da adolescência, à poética do nó, construída no final de sua análise. Momento onde o analista cai de sua posição ao extrair objeto a, com o ato analítico.

No começo, há uma cena visual, de gozo, que inscreve uma série de acontecimentos de discurso que marcam seu corpo de adolescente. Isso determinou uma posição traumática frente ao gozo. O desvelamento de uma pintura, aquela de Diana em seu

banho, a conectou com o pudor em sua relação ao sexual. Laure relatou que demorou muito tempo para habitar seu corpo de mulher, não sabendo como se ajeitar com ele, como um sintoma feminino declarado. A vergonha é índice de que o sujeito encontrou um real que o causou. Aqui o Real do sexual retornou sob uma expressão de julgamento do Outro, cujo objeto olhar e voz se presentifica de maneira bastante consistente. Será preciso para essa adolescente mulher, dar muitas voltas analíticas para que ela se separasse de seu complexo de Justine<sup>184</sup>. Ela assim diz:

*“Toda exposição da vida amorosa valia como alimento para a fantasia: colocar-se na mão do Outro ou entregar-se aos dizeres do Outro, e expor-se em contragolpe a um olhar ciumento, que a angustiava e a culpabilizava”*<sup>185</sup>.

Comentou nesse relato, sua escolha, que foi a de se ejetar da cena, escapando do desejo do Outro, fugindo de sua fala e de si mesmo. Ela superava tudo em silêncio. Desse lugar, próximo aquele da santa, se expunha a receber as fechas. Tratava-se de uma repetição mortífera, onde um se fazer dizer, a colocava na fantasia do Outro para fazer-se amar. Ela que criança, temeu mais que tudo, perder o amor dos seus, excluiu-se dele, ao longo de sua vida. A descoberta de um significante mestre “*a cativa*”, foi para Laure, um momento de travessia radical.

Foi somente no depois da experiência do Passe que pode constatar aqueles registros, o do corpo e o da linguagem no enodamento com o pulsional e o sexual que a fantasia vinha sustentar, para restaurar o ideal paterno.

Ao ser construído seu fantasma, uma adolescente se coloca na mão do pai como objeto, como na cena da banhista, para ser amada por ele. Isso produz conseqüências relativas ao acting out de ser apagada da cena familiar e do encontro amoroso.

---

<sup>184</sup> Trata-se de uma referência a um personagem de um livro de Sade.

<sup>185</sup> NAVEAU, L. – *A voz serena*, op. cit., p. 85.

Laure cita Lacan em seu seminário XVI,<sup>186</sup> onde ele se refere ao momento de eclosão de uma neurose.

O Passe de Laure nos importa por se referir à importância do lado mulher, a castração feminina e o medo de perder o amor do Outro e também em relação ao objeto olhar e o supereu feminino que verificamos como distinto da sexuação do lado homem.

Sua análise lhe surpreendeu quanto a passagem de Diana muda em seu banho, e apagada quanto aos sentidos do sexual, para uma mudança radical em sua posição, aquela que encontra em Sherazade uma possibilidade que faz barreira ao seu lugar de objeto apagado, e contra a pulsão de morte. Assim ela nos dá uma indicação quanto o que era seu empuxo a tudo dizer em sua relação ao supereu. Assim ela, tudo diz, para se fazer amar. Evidenciando com isso a sua forte identificação ao pai idealizado, perseguido por sua origem que a levou a um exílio forçado, exílio da linguagem. Onde o complexo de tudo dizer foi sintomático. Ela assim desaparecia não somente do olhar do Outro, mas da cena do dizer, se identificando assim com o objeto nada, na fantasia onde havia acreditado ter perdido seu lugar junto ao pai. Momento que correspondia à queda dos ideais. Fica sem voz. Endereçando seu sintoma a uma pergunta: Pode ele me perder?

Sua análise lhe permitiu saber a natureza de sua demanda de amor endereçada aos seus queridos, nesse apelo silencioso conduzindo-a a fazer o trajeto do amor à pulsão.

No *après coup* da experiência do Passe, sua leitura desse momento de primavera, se articulou a dois momentos, amarrados com a pulsão por aonde o fantasma veio sustentar e restaurar o ideal paterno. Se em seu relato “uma adolescente se colocava na mão do pai” como na cena do banho, para ser amada por ele, o *acting out* de seu apagamento, muito tempo antes da análise, foi um verdadeiro atravessamento selvagem da fantasia.

Um sonho revela que Laure deveria morrer como Sócrates. Estava escrito. Uma resignação de deus a princípio para depois, escutar-me dizer que eu tinha muito que fazer. Sócrates é um oráculo que diz que a psicanálise tem futuro e que os oráculos não desaparecem. Alguns anos antes desse sonho final, Laure pergunta em sua sessão se ela era Shehazade, aquela que quer como escreveu Borges, salvar as mulheres da crueldade de um homem, aquela que relata contos deixando-os inacabados. Seu “analista então, lhe disse: “Você é uma

---

<sup>186</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro* Inédito lições de

narradora”, que acompanhava outro enunciado:” *Você tem a voz serena*”.Essa seqüência clinica desse conto das mil e uma noites da voz serena,foi na direção da conclusão.

Assim ela tinha perdido confiança em sua palavra ao ter se deixado ficar em uma posição de tudo dizer supereu que a reduzia a nada. Nesse sentido ela se fazia falar pelo Outro, para ser amada por ele.

Após atravessar seu fantasma ela reconheceu sua própria posição de gozo frente à castração e a sua versão de nada, na montagem pulsional.

A psicanálise faz *sinthoma*. Pela via do amor de transferência foi possível reabilitar o valor da palavra que ela tinha se alienado no gozo. Essa interpretação inaugural, sobre sua determinação ressoa aos seus ouvidos, como um equívoco fecundo, sobre o que vinha do Outro e o que a tinha se determinado. A psicanálise tornou-se então um sintoma vivo onde ela pode fazer um outro uso diferente daquele do desaparecimento, ou o da idealização de um pai Deus. Fazendo ressoar o eco do dizer no corpo, esse sintoma abria uma dimensão inédita que dá ao sujeito sua nobre divisão.

Finalmente, ela lembra como em uma análise, o *sinthoma* é o equivalente ao Nome – do – Pai. Servir-se do pai, no seu caso, é o que lhe pode dar um novo lugar a partir da prova de sua inconsistência na transferência. Termina seu testemunho com um dizer de Holderlin brilhantemente comentado por Heidegger que diz que: “o homem habita o mundo enquanto poeta”. Laure evidencia sua relação à causa analítica ao expor o saldo de sua análise em seu ato que ao ultrapassar o pudor, e a fantasia quanto ao desaparecimento, faz valer o entusiasmo sobre o qual Miller escreveu ser angústia ultrapassada.

Resumindo:

Laure começa dizendo do mito pulsional como variante do mito paterno.

O que está em jogo parece ser o pudor e sua transformação no processo analítico, que é como ela termina o relato,“ Saldo pudico” que é diferente do início...a menina pudica ( sage) e militante.

Na parte um caso reduzido á sua lógica, ela recorre à Borges, com o tempo da hystoricização qualificado com Borges de “pudor da história” ao aí de perto. Para poder ler seu poema, lutou com as palavras e o silêncio da pulsão de morte. Em seguida, a psicanálise faz

sintoma, onde ela se refere a seu analista que pela via do amor de transferência reabilita o valor da palavra... “Você é muito determinada”. O analista que ela havia escolhido sabia fazer ressoar as palavras em sua dimensão poética. Portanto, no item do amor á pulsão, a articulação da travessia dos semblantes ao final de análise, vai se dar pelo saldo cínico entre o sintoma que se entra e o que se faz com ele na saída. Tornar-se uma voz foi o destino da pulsão que ela encontrou no momento de concluir. Laure conclui no ponto onde o olhar do Outro deixou de desnudá-la, reduzindo-a a um objeto nada. Assim sendo, o banho de Diana, havia perdido toda a consistência.

O depoimento do passe de Laure termina associado ao compartilhar com a Escola seu desejo de analista, em relação á transmissão da psicanálise.

*“Uma urgência para que a psicanálise continue a existir sintomaticamente na civilização, para que ela continue a fazer a revolução, para que ela transforme o mal-dizer em bem-dizer, preferindo sempre, diante de uma proliferação de sentido, um saber sobre o Real, êxtimo a cada um, para fazer dele matema”*

*187*

Esse depoimento nos levou a considerar o saber-fazer de cada caso que exclui a prática analítica do Standart.

## **5.2 Há dois Amores: O amor do lado homem e o amor do lado mulher**

Concluindo esses dois depoimentos de Passe, escolhemos algumas referências do seminário de Bernardino Horne para situarmos o final de análise, em sua relação com o amor e a lógica da sexuação.

---

<sup>187</sup> NAVEAU, L. – *A voz serena*, op. cit., p. 90.

*“(....) O falasser deve construir aparelhos de gozo para burlar ou evitar o total desencontro sexual, eles são o desejo na fantasia e o amor”<sup>188</sup>.*

Retornamos assim, à questão da relação do amor com o sintoma. Lacan em seu seminário, livro XX, trabalha o saber e a verdade. Indica-nos que o amor se dirige ao semblante. Em seu seminário, Mais Ainda, ele recorre a um quadro, onde situa o amor entre o Real e simbólico. O sintoma se sustenta do gozo singular da letra, que é o modo com o qual cada um goza de seu inconsciente.

Para tratar o problema do sexo, não mais no plano biológico, mas no lógico, Lacan precisou ir mais além do conceito de sexualidade infantil, ao propor as fórmulas da sexuação<sup>189</sup>, quando fez uma subversão na lógica da sexuação.

Nessa dissertação falaremos de sua importância ao justificarmos a diferença de um final de análise com relação à sexuação masculina e a feminina. Primeiro temos a teoria do Falo, depois, uma teorização quanto ao objeto a, e por último a teoria do gozo.

Miller em seu texto “Uma partilha sexual”,<sup>190</sup> comenta o termo sexuação dizendo que sexuação quer dizer, escolha do sexo, e que o sexo não basta para constituir o parceiro, assim como também não dá um estatuto particular para o falasser. Isso nos leva a uma dedução importante sobre o sintoma e a não relação sexual.

Lacan, ao se dedicar às fórmulas da sexuação, no que elas têm de distintas, não encontrou, entretanto, uma outra forma de falar da não relação sexual, senão como uma outra maneira de escrever a impossibilidade de escrever o sexual para ambos os sexos. Somente o sintoma poderá fazer suplência a S de a barrado. E será a partir dessa maneira de pensar que Lacan em seu seminário O Sintoma, desloca o sentido dado anteriormente ao sintoma, que passara a ser concebido como falha estrutural de amarração enquanto ele

---

<sup>188</sup> HORNE, B. - *Os nomes do amor*, in Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise - n.º. 48, op. cit., março de 2007.

<sup>189</sup> LACAN, J. - *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-73) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 11.

<sup>190</sup> MILLER, J.-A. - *Uma partilha sexual*, in Clique – Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano - n.º. 2, Minas Gerais, 1997-1998.

denominara de *sinthoma* o que se tornará uma invenção possível. Com efeito, o sintoma, que começou por definir-se pela estrutura significativa, aí se define como algo que não *responde* à elocubração de saber, mas como algo do Real mesmo. Tal definição confirma que ao nível da estrutura, o *sinthoma* joga com o furo, fazendo *suplência*, mas deixa sempre um resto irreduzível, conservando um sentido no Real.

Seguindo as distintas formas em que o amor se apresenta podemos dizer que: o homem goza do gozo autista, sem Outro, ao estabelecer uma relação fantasmática com seu próprio objeto *a*, seu objeto que encontra na mulher que o atrai. Lacan diz em seu seminário RSI, que a mulher é o sintoma do homem.

No lado mulher, a castração está presente. Não há universal feminino, Cada mulher é uma. A mulher encontra-se barrada, para dizer que a mulher não existe. O amor é muito importante para a mulher, porque é *suplência* para o ilimitado de seu gozo e na psicose também pode existir a mulher, e assim estabelece-se a afinidade entre o amor e o enlouquecimento. Do lado homem, temos o lado fetichista de amar e do lado feminino, o amor do lado do infinito, o sem limites do amor, como verificamos na clínica da histeria e na erotomania.

Portanto, o que dá consistência lógica ao gozo feminino é o fato que seu gozo não se limita à ameaça de castração, é sem limites, devastador. A mulher deseja o falo, procura não ser o falo, mas encontrá-lo em um homem. Lacan em muitos momentos de seu ensino, principalmente nos últimos seminários, fala do gozo suplementar experimentado pelas mulheres. Um gozo *a mais*. Esse gozo pode algumas vezes se dirigir a *S* de *a* barrado quer dizer, tratar-se de um amor que não deseja passar para o outro lado do muro. Um amor místico, que homens e mulheres podem experimentar.

Então, se a mulher tem fantasias sexuais, está na posição masculina. Entretanto se colocar-se como sujeito, estará do lado masculino e ao se posicionar como objeto, estará como fantasia do desejo masculino e é esta é a posição feminina. Outra possibilidade também é quando um filho pode vir a ocupar o objeto de sua fantasia, em sua face de objeto obturador.

Ainda nesse seminário comentado, Horne, ao lembrar Lacan, refere-se que na mudança de discurso há surgimento de amor, mais especificamente, no livro XX, “Mais Ainda”, no

capítulo dedicado a Jakobson. O amor é signo de que se muda de razão. Portanto de discurso.

Pareceu-nos importante articular os dois testemunhos, que nos relatam uma mudança que diz respeito ao sintoma e o amor, no final de análise. Essa pareceu ser uma das suas questões cruciais.

Esqué trabalha analiticamente a fantasia sobre o gozo feminino, e a associação com a loucura. Como amar uma mulher e não enlouquecer?

Laure Naveau, em seu testemunho nos mostra o trajeto do amor à pulsão e as conseqüências da escolha da neurose. Ressalta que o mito pulsional é uma variação do mito paterno. E o tratamento da vergonha em sua relação com a posição feminina na vertente da voz e do supereu.

Para concluir, pensamos que não existe amor sem amarração, sem nó. Enlaçar os três registros é destinar o amor ao registro da suplência quanto a não relação sexual.

Verificamos que existem duas modalidades de suplência à não relação sexual e a clínica do Passe nos dá essa orientação. Uma feminina, e outra masculina. Perguntamo-nos sobre essas modalidades de sinthomatização.

Estela Solano Soares,<sup>191</sup> se pergunta nesse artigo, sobre o fazer-se parceiro do amor, sobre o sintoma, tema que muito nos ajuda para pensar a lógica da sexuação, em ambos *os sexos*.

*“Podemos nos servir do poder do amor, nos servir dele para levar o sujeito em direção à prova de seu impossível”. Esta advém como limite da decifração do sintoma (...) ele mantém essa posição o tempo que durar a escrita da carta/ letra de amor, ou seja, não para sempre”.*

---

<sup>191</sup> SUAREZ, E. S. – *Sinthoma, corpo e laço social*, in Latusa – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise - nº. 10, op. cit., 2003, p.58.

Termina de forma poética, ao se referir ao que se refere à uma escrita de uma análise, que pode deixar de ser escrita ( final de análise), quando o sentido que a fundamenta se revela como gozo.

*“Uma vez que a carta letra de amor deixa de ser escrita, emerge para o analisando o modo do possível.” (...) A partir de então, ele poderá deixar seu analista, joga-lo na cesta, já que terá isolado a cifra de gozo de seu sintoma e o a (muro) que inspirava seu amor”.*

Deduzimos ser esse o final de análise onde se tornou possível para um analisante, manejar seu sinthoma.

Finalizando retomaremos um percurso sobre a clinica diferencial do Sinthoma para concluir essa dissertação. O ponto de apoio para essa leitura foi o artigo de Pierre Skriabine<sup>192</sup>.

Skriabine nos forneceu um panorama que permitiu-nos situar o percurso de Lacan que se desenvolveu em torno da forclusão e do Nome-do-Pai; dos seminários III ao seminário XXIII.

A experiência humana se estrutura em três categorias nomeadas por Lacan de Real Simbólico e Imaginário. Esses três registros sustentam a estrutura subjetiva, no laço social.

Começa por sublinhar o papel da metáfora paterna, ou seja, a substituição do Nome-do-Pai pelo desejo da mãe que permite o acesso ao discurso através de uma perda de gozo. O Nome-do-Pai, como uma (bejaung) fundante da realidade da castração, que funciona como uma proteção ao Real.

A função do Nome-do Pai é a de fazer uma amarração que no primeiro ensino convencionou chamar de lei simbólica. Considerando que sempre haverá falha do nó.

---

<sup>192</sup> SKRIABINE, P. - *La clinique différentiel du sinthome*, in Quarto - Revue de psychanalyse ACF - n°. 86, Belgique, 2002

Skriabine definiu assim duas primeiras conclusões. Primeira, que haveria uma foraclusão do Nome-do – pai, em função de uma falha estrutural de amarração.

Segunda conclusão seria a de se pensar a estrutura da experiência humana, fora de uma referência a um Outro, e que, portanto a falha original é o que moveria a estrutura mesma dos nós. O Outro não existe quer dizer que não há garantia para o falasser restando para ele servir-se bem do Nome-do-Pai. Mais além da metáfora paterna, temos o Real topológico dos nós. Haverá sempre uma foraclusão do Nome-do Pai, como uma falha de nomeação. Isso quer dizer que há uma precariedade do sujeito na sua inscrição na linguagem nas diferentes estruturas.

Importou-nos ressaltar que existem muitas maneiras de enodar RSI. Em seu ensino temos um percurso que vai da metáfora paterna à Pluralização dos Nomes –do –Pai. Trata-se da pluralização dos Nome-do-Pai, quer dizer diferentes suplências.

Lacan assim introduziu a questão da suplência. É necessário um quarto elemento para fazer suplência à foraclusão original. Chamou de sinthoma esse quarto elo que tem função de Nome –do –Pai. Assim o nó borromeano é a última escritura produzida por Lacan, necessária para que a dimensão do sentido seja resposta do Real, e não efeito metafórico.

Lacan de maneira radical nos indicou que o saber sobre o sintoma não pode ser confundido com o seu sentido. Seu ensino tende a delimitar o sentido entre Simbólico e Imaginário, em relação à ex-sistência do Real. Nesse sentido o sentido do sintoma toca o Real. A prática dos nós implica em um saber fazer que coloque limite a suposição de saber. O nó borromeano é nesse sentido Real. Com ele a ex-sistência pode ser figurada, mas não metaforizada.

A ex-sistência se organiza do esvaziamento de gozo a ser localizado. O simbólico se reduz à função de buraco, sem o qual não há enodamento que se faça.

Um modo de enodamento bem diferente foi o de Joyce, como tão bem ilustrado por Lacan em seu seminário “O Sinthoma”. Com Joyce Lacan formaliza o sinthoma na sua função de corrigir, de fazer a reparação da estrutura no mesmo lugar onde se produz o erro do nó. O nó Joyce seria o ego com função de produzir uma prótese para o imaginário deficitário.

Perguntamo-nos sobre o que Joyce ensina sobre nossa prática. O sinthoma é suplência para a não relação sexual. O ato analítico extrai de Joyce um limite em relação ao incurável. O sinthoma que é o produto de um final de análise se separa do saber inconsciente, torna-se um saber fazer com o sinthoma, exatamente onde a relação sexual não se inscreve.

O ego é a escritura, obra de Joyce, o Nome-do-Pai, onde ele se sustenta para existir e fazer um nome. O ego como diz Lacan, designa um artifício, sua arte, fora do sentido, puro gozo. Ego como um sinthoma, como suplência restituída por Joyce entre simbólico e Real fazendo a consistência com o Imaginário.

O sintoma é um bem do sujeito, uma saída quase sempre precária, mas a única que pode regular o desregramento do gozo.

O nó Joyce seria o ego com função de produzir uma prótese para o imaginário deficitário mostrando que há algo que não se pode ler um sintoma não analisável. Perguntamo-nos sobre o que Joyce ensina e sobre nossa prática.

O sinthoma é suplência para a não relação sexual. Joyce indicou um limite em relação ao incurável nos ensinando que o que pode fazer com a sua escrita. O final de análise ressalta o sinthoma separado do saber inconsciente, torna-se um saber fazer com o sinthoma, exatamente onde a relação sexual não se inscreve. Joyce interessou a Lacan exatamente nesse ponto, que diz respeito à prática. O ego é a escritura, obra de Joyce, o Nome-do-Pai, onde ele se sustenta para existir e fazer um nome. O ego como diz Lacan, designa um artifício, sua arte, fora do sentido, puro gozo. Ego como um sinthoma, como suplência restituída por Joyce entre simbólico e Real fazendo a consistência com o Imaginário.

A psicanálise não procura remover os sintomas, como quer a medicina, já que é a própria divisão do sujeito que o produz.

Uma outra clinica se impôs, a partir da topologia dos nós. A do sinthoma que exigirá uma outra forma de tratar o Real. Ele não será interpretado, nem atravessado, nem resolvido. A solução seria a de identificar-se a ele, conduzindo o tratamento do gozo pulsional ao seu ponto de limite quanto ao saber e ao sentido.

Uma análise deixa restos. Eles são fecundos e nos movem em direção à “nobreza do sinthoma”<sup>193</sup>. Trata-se segundo Leonardo Gorostiza de pensarmos uma possível passagem que se daria entre “*adoecer de honra*” para alcançar a “*nobreza do sinthoma*”. Esse é um enunciado precioso para falar que, o sujeito é responsável sempre.

*“A psicanálise se oferece para resolver esse gozo doloroso (do traumatismo da alingua) pelo sentido”. Mas ficar no gozo resolvido pelo sentido (gozo transparente) é chato, e o convite de Lacan em O Sinthoma, é que é preciso deixar um relevo. É necessário que reste sempre um relevo, na medida em que cada um é inigualável, e que sua diferença reside na opacidade que sempre permanece esse resto. Esse resto é o que constitui o valor de vocês, por pouco que saibam faze-lo passar ao estado de Obra. É sem dúvida nele que cada um tropeça, claudica. Porém é também o que constitui para cada um, sua diferença ou sua nobreza. ”(...) Não há sujeito sem sintoma, e isso até o fim dos tempos. Então não sonhemos, não tenhamos como ideal somente, curar”<sup>194</sup>.*

## CONCLUSÃO

Nessa dissertação teorizamos sobre as versões do pai-sinthoma, abordando-as no percurso teórico desde Freud até Lacan.

---

<sup>193</sup> Essa expressão foi por utilizada por Leonardo Gorostiza em sua conferência ministrada na Jornada de Cartéis DA EBP-Rio em 26 de novembro de 2005. Nessa, ele se refere ao curso de Miller, *Pièces détachées*, no qual ele fala da nobreza do sintoma. GOROSTIZA, L. – *A nobreza do sintoma*, in Latusa digital – n.º. 21, março de 2006.

<sup>194</sup> MILLER, J.-A. - *Peças Avulsas* (2004-2005) Inédito, aula de 01 de dezembro de 2004.

Consideramos que a distinção gráfica sintoma e sinthoma são de suma relevância para pensarmos dois momentos cruciais: o início e o final de uma análise e o ponto de incurável que se destacou como sinthoma.

Nosso percurso começou com a introdução de uma pergunta sobre a direção ética da psicanálise na atualidade. Indagamos sobre a eficácia da psicanálise na época das avaliações, quando perguntamos sobre o estatuto do sujeito nesse tempo tão avesso ao sintoma. Indagamos inclusive sobre como mover o sinthoma em sua dimensão de gozo através do redimensionamento do sintoma sem conflito. Nesse sentido, a direção do tratamento é aquela indicada por Lacan desde a clínica baseada na amarração dos nós, uma clínica em direção à suplência.

Sobre o incurável do sinthoma é o tema dessa dissertação, que tentou discutir as possibilidades e impossibilidades do que podemos chamar de cura em psicanálise.

Partimos do conceito do pai-sinthoma na clínica freudiana. Com ele sublinhamos que o sintoma é o que constitui o sujeito no campo do inconsciente, portanto é da ordem do necessário. Para Freud o sintoma é um conflito entre forças que se opõem. Percorremos diferentes artigos em sua vasta *Obra* e deduzimos que eliminar os sintomas não equivale à cura em psicanálise.

Consideramos que o trajeto que situa o Édipo em seu mais além aponta para uma desconstrução do Pai como ideal, pois se trata de reportar o gozo feminino como suplementar e enigmático. Ainda que o Nome-do-Pai opere na metáfora paterna sobre o gozo, esta operação deixa um resto que chamamos de objeto *a*. Esse resto é o sinthoma, elemento irreduzível do pai do qual a direção ética da psicanálise impõe fazer dele um bom uso.

Indagamos sobre o incurável do sintoma e a eficácia da psicanálise. Conforme destacamos nessa dissertação, Freud desejava avançar a psicanálise para além dos efeitos terapêuticos e produzir na análise uma mudança na economia libidinal. Observamos uma preocupação de Freud em relação à satisfação pulsional que habita o sintoma em sua face de incurável; ele define o sentido do sintoma e os caminhos de sua formação. Destacamos nessa dissertação suas conferências de 1916-1917, onde apresentou sua argumentação em dois tempos: os sintomas têm um sentido que pertencem à mesma ordem das formações do inconsciente, e, por outro lado, o sentido está orientado para o que há de real no incurável do sintoma. Chegamos ao rochedo da castração e nos diferentes impasses quanto ao final de análise, na sexuação masculina e na sexuação feminina.

Com Lacan, concluímos dois momentos distintos com relação ao seu ensino: a clínica estrutural e a clínica borromeana. As contribuições de Jacques Lacan em relação ao conceito de sintoma a elas se vinculam da seguinte forma: um primeiro tempo referido ao sintoma como metáfora e um outro, que muda o sentido do sintoma com a introdução do conceito de *père-version*. Sublinhamos a importância desse último momento conceitual onde temos a dominância do Um sozinho que não se reporta ao Outro, havendo certa depreciação do saber e valorização do manejo da prática que passa a ser orientada pelas modalidades de gozo.

A teoria do parceiro retomada nessa dissertação escreve uma grande parte do seminário proferido por Miller em colaboração com Eric Laurent, em 1996-1997 na seção clínica de Paris VIII, intitulado *O Outro que não existe e seus comitês de ética*. Esta teoria nos auxiliou a responder as questões quanto ao parceiro do sujeito, dada à importância ao sujeito lacaniano ser impensável sem um parceiro. A existência do sintoma exige a modificação do nosso conceito de saber no real, pois ele se inscreve no lugar daquilo que se apresenta como falha do parceiro sexual “natural”. A partir dessa elaboração, o parceiro sintoma é definido como o parceiro de gozo do sujeito, o que nos permite concluir que o sintoma é o verdadeiro parceiro do sujeito. Nesse sentido, a união sintomática é aquela bem

próxima da não relação sexual, da qual uma análise deve fazer bom uso. Lacan demonstra a partir das fórmulas da sexuação a diferença de gozo próprio a cada sexo.

Dedicamos um capítulo aos diferentes finais de análise através de dois testemunhos de passe, com o objetivo de verificar o que se define como o ponto de incurável do *sinthoma*. Verificamos ao longo dela que, desde Freud, podemos constatar uma variação da diferença sexual explorada por Lacan através das fórmulas da sexuação. Lacan disse, em seu *Seminário XX*, no capítulo “Letra de uma carta de amor” sublinha que sempre falou do Amor e nestas palavras sobre o amor situou um aforismo típico para a nossa orientação clínica: “não há relação sexual”.

Discutimos os impasses na direção do tratamento e trabalhamos a aposta que os analistas de orientação lacaniana fazem na política do sintoma. Trabalhamos o sintoma na entrada da análise e o *sinthoma* no final. Dois casos clínicos nos orientaram para demonstrar o que pode ser o ato do analista em direção à redução do gozo; os restos nos levam ao tratamento permanente do gozo pulsional e nos faz mover a nossa causa.

Sublinhamos uma clínica dos nós elaborada por Lacan em seu último ensino, onde o *sinthoma* é uma invenção no sentido de um novo uso. Como ressaltamos nessa dissertação, o final de análise compreendido desde o último ensino de Lacan distancia-se do simbólico e se aproxima mais da arte e da poesia como formas do “saber-fazer”. Verificamos ser essa uma indicação preciosa quanto à de sermos tolos em relação ao sentido do *sinthoma*, para não cairmos no infinito das significações e no interminável das análises.

Quanto ao final da análise, temos o real da psicanálise e a necessidade de *construções*, como indicou Freud, e de *invenções*, como nos mostrou Lacan, para o fragmentário do saber.

Desta forma Freud encontrou um limite para o Pai, o que verificamos hoje na clínica dos novos sintomas como uma perda do laço com o Outro. Isso quer dizer que a clínica demonstra fenômenos que revelam o limite do pai associado ao incurável. Essa dissertação demonstrou que as noções clássicas do Pai edípiano e do pai como metáfora sofreram mudanças.

Perguntamo-nos sobre os sintomas atuais que não endereçam saber ao Outro, os sintomas fora da transferência, e qual ato do analista seria capaz de mover a mudez do gozo. A clínica do real indica uma foraclusão generalizada, uma clínica que responde às formas contemporâneas do sintoma, cada vez mais marcadas pelas conseqüências da inexistência do Outro. Miller nos apresenta de forma esclarecedora a lição das psicoses ordinárias, para tratar a posição do sujeito sem o recurso do Nome-do-Pai. Destacamos Joyce como o paradigma de um *sinthoma* produzido pela escrita, para suprir a ausência borromeana do pai.

Finalizando, tentando pensar o destino da pulsão no final de análise, no percurso que vai do sintoma ao *sinthoma*, acreditamos em diferentes saídas da análise. Em relação à formação do analista, dedicamos um capítulo nessa dissertação para o dispositivo do Passe na Escola de Lacan. Isso concerne ao final de análise e ao endereçamento do resto pulsional. Lacan afirma de maneira contundente que existe um real em questão na formação do analista e que a Escola vem em resposta ao mesmo. Trata-se, no Passe, de verificar o que pode ser um final de análise, como alguém se tornou analista. Pareceu-nos importante ressaltar que uma Escola de psicanálise necessita de analistas que demonstrem como tornaram seu sintoma praticável. E isso pode fazer transmissão a partir da elaboração de cada analisante que teve a coragem de levar sua análise até um fim e de demonstrar com seu Passe uma solução *sinthomática* para o incurável de seu *sinthoma*.

A clínica borromeana, como uma clínica do *sinthoma*, nos ensinou como cada sujeito pode construir sua invenção singular para abrigar a sua estranheza. Sendo assim, ele poderá encontrar soluções *sinthomáticas* fora da norma do pai-padrão. O analista na

atualidade deverá se preocupar em responsabilizar o sujeito pela sua escolha de gozo. A clínica dos nós indicou que são muitas as amarrações possíveis e que o trabalho é permanente. Trata-se de inventar sempre uma nova prática que possa manejar o incurável do *sinthoma*, transformando-o em efeitos de criação através de novas amarrações do laço social.

Miller, no seu último curso ministrado no ano de 2006-2007, trabalha questões que se referem ao tema dessa dissertação. Nas lições IX e X, percorre as antinomias que tocam os paradoxos do último ensino de Lacan. Tratam-se da variedade das verdades, um labirinto com muitas entradas. Nesse sentido, temos: o Um e o Outro, o real e o sentido, o corpo e o simbólico, mentira e angústia, o par S1-S2, perspectiva e prática, e com a poesia: efeito de sentido e efeito de furo.

A estrada romana, aquela que indicava os caminhos, desaparece no último ensino de Lacan. Restam as cascatas de paradoxos. Destaco três momentos que se referem ao ensino de Lacan, para pensarmos essas lições. O primeiro ensino de Lacan tem a autonomia do simbólico e o domínio do Outro, o inconsciente é o discurso do Outro. O sintoma é o significado do Outro  $s(\overline{A})$ . O segundo ensino é dedicado a articular o Outro e o objeto  $a$ . O inconsciente é definido como uma hiância pulsátil aonde os objetos  $a$  vem se alojar. O matema  $\$ \diamond a$  define o sintoma como sentido gozado presente na fantasia. O terceiro ensino, o que chamamos de último, parte do outro em letra minúscula, pois a importância será dada ao que é singular. O inconsciente como *une-bévue*, engano, nos conduz aos dados imediatos, diferenciado do inconsciente tropeço de seu primeiro ensino. O inconsciente é menos um saber que não se sabe e mais um saber fazer com, como expressão da inexistência do Outro. O *sinthoma* refere-se à fuga do sentido  $S(\overline{A})$ .

Foi isso que conduziu Lacan a ordenar um real fora do sentido, um real prévio ao que a estrutura dá sentido, o que o faz se separar do saber como elocubração. Por isso, é que o último ensino de Lacan consiste em desenlaçar na psicanálise, o real e o saber.

No seminário do *Sinthoma*, Jacques-Alain Miller acrescentou em *Nota passo a passo*, uma referência que consideramos de crucial importância para essa dissertação. Observa que existe primeiro o Um, depois o conjunto do Um, e, em seguida, o subconjunto no qual se incluem dois elementos -  $UM \{ \{1\}, O \}$ , o conjunto vazio. Em síntese, é do Um que se cria o dois, o primeiro Um completamente sozinho, depois o UM conjuntado. Esta nota nos importa ao defender *o um- a- mais*, necessário ao laço social, ao forçamento do Um ao Outro tão importante na clínica contemporânea.

Na lição IX, Miller mostra como Lacan depreciou o saber enquanto elocubração e como o manejo da prática ganhou relevo em seu último ensino. Isso equivale a dizer que o efeito de sentido no real se torna problemático quando mudamos o registro do Nome-do-Pai. O Nome-do-Pai no primeiro ensino é o significante que produz um sentido real. Sem o Nome-do-Pai uma outra amarração se impõe, pois não há linguagem, mas alíngua. O sentido aparece desenlaçado do real, o que nos faz entrar na questão do enlaçamento e no *sinthoma* como amarração necessária. Parece também dizer que sem o Nome-do-Pai estamos no registro do Um sem o corpo. Lacan valorizou o corpo que goza, inventou novas formas de suplência e criou a passagem do Nome-do-Pai único aos nomes múltiplos, fornecendo ao real um outro estatuto. Ressaltou a maneira como cada um constrói um significante novo que não tem, tal como o real, nenhuma espécie de sentido.

Miller priorizou o *sinthoma*, o definiu como um dos nomes do real. Em seu curso “Peças Avulsas” já havia dito que o *sinthoma* não estava referido ao sentido. Isso tem consequências, pois implica em forçamentos múltiplos e necessários para compreender o que faz passar o gozo ao inconsciente, assim como se poderia tocar o real sem passar pela fala mentirosa. Consiste em desenlaçar na psicanálise dois campos que não se confundem: o saber-fazer com o real e o saber enquanto formações do inconsciente. São lições clínicas que interrogam a nossa prática. Na lição VIII, Miller diz que a pulsão, o inconsciente e a transferência são postos em questão no último ensino. Nesse seminário Miller tenta introduzir algo que vai mais além do que o inconsciente, ele está preocupado com a prática, com o manejo e com o novo uso do *sinthoma* como índice de ter tocado o real. Como então pensar o trabalho do psicanalista a partir desse último ensino?

A geometria dos nós impõe a idéia de corpo e seu manejo. O que Lacan propõe com os nós é a depreciação do pensamento. A escrita do sinthoma isola o gozo na ordem do real, quer dizer, ex-sistindo ao sentido. Assim, todo gozo se coloca em relação ao furo. A consistência do corpo se destaca e o simbólico suportado por significantes só diz mentira, mentira necessária para fazer passar uma verdade que permitiria uma aproximação do real.

Se no primeiro ensino de Lacan a psicanálise parece o que há de mais natural, falar ao outro para esclarecer sua posição no inconsciente, em seu último ensino a psicanálise se torna um verdadeiro enigma. Se ela é um forçamento do autismo graças à língua, ela é um golpe de força do Um de gozo, graças ao Outro da língua. Estamos no paradigma da disjunção, portanto da não relação. Esse último ensino está no terreno do autismo, onde o Um domina e não o Outro.

Se o desejo foi o termo chave do primeiro ensino, em seu último ensino, mudando o sentido do sintoma com a topologia dos nós, e por oposição ao desejo, o gozo é uma categoria que se sustenta do Um. Parece importante ressaltar que o gozo está ligado ao corpo próprio, ao corpo do Um.

Miller, na lição VIII, diz ser preciso renunciar ao Um. Não seria essa a orientação clínica para tocar nesse gozo do Um e modificá-lo?

A mudança de topologia implica em uma nova modificação do conceito de inconsciente, o que muda a nossa prática. A nova definição de inconsciente o coloca como debilidade que afeta o nível do mental. A debilidade mental quer dizer que o falasser é marcado pela desarmonia entre o simbólico, o real e o imaginário. Desarmonia que ao longo do ensino de Lacan se expressou de distintas maneiras: como conflito, *spaltung*, diferença entre demanda e desejo, castração e não relação sexual. Nesse sentido, Miller refere-se ao inconsciente em um duplo sentido. Como elocubração de saber e como inconsciente real, fora de sentido. Trata-se de um esforço para situar o inconsciente no nível

do real, fora do sentido. As lições tocam então questões que falam da prática, de como saber-fazer com o real fora do sentido.

Miller diz que foi Joyce inspirou Lacan em seu último ensino. Não a teoria, caso ele tenha uma, mas sua prática de escrita. Foi o que o levou a dizer que Joyce era um desabonado do inconsciente, é o mesmo que dizer que ele é a encarnação do *sinthoma*. Uma nova escrita para o *sinthoma* se impõe.

Miller esclarece a oposição entre *sinthoma* e inconsciente. Parece que Lacan avança ao enunciar um simbólico sem destinatário. O final de análise é revisto, pois está mais interessado no signo do Um. Quer dizer, do saber fazer com o *sinthoma*.

A psicanálise fundada sobre o Outro é revista ao repensar sua prática a partir do *sinthoma* do Um. Não foi por acaso que ele se interrogou sobre a identificação no *Seminário XXIV*. Identificar-se quer dizer reconhecer seu ser de *sinthoma*, saber se virar com ele, saber manejá-lo. O *sinthoma* nesse sentido é diferente da ordem da cifra. Seu matema é  $S1, a$ .

Lacan fala mal de todos em seu último ensino, mas salva a poética chinesa. Isso nos mostra as afinidades do real com o Um. Estamos na problemática do uso e na antinomia entre perspectiva e prática.

A psicanálise tem como perspectiva, como linha de horizonte, o real separado do sentido. A prática opera com o sentido visando o real, com uma conexão entre os termos ao mesmo tempo em que o real exclui o sentido. A psicanálise tem, portanto, um andar manco que visa um efeito de sentido que pudesse alcançar o real. Constatamos que a psicanálise na atualidade necessita dessa conexão que dê sentido, porém necessita também que o efeito furo seja permanente, como (resto) fecundo que conservaria um resto poético em direção à invenção.

Lacan propõe em seu último ensino dois modos de interpretação. Uma interpretação como mentira necessária que faz passar em direção a fala verdadeira, agindo sobre os semblantes, mas que é impotente no que concerne ao real. E uma interpretação do lado do simbolicamente real quando a partir do Um se força um novo uso do significante. Temos como referência a poesia, ao articular assim um duplo efeito de sentido: um efeito de sentido e um efeito furo, sendo por isso adequada ao objeto e à interpretação. O último ensino tende a essa aproximação da psicanálise com a poesia com o duplo jogo do significante. O significante do qual se trata não é um significante do Outro, não é um significante do discurso universal nem do discurso do inconsciente, mas sim um significante suplementar, um significante novo. Portanto se não é do Outro, é do Um.

Para terminar, Miller diz algo que me pareceu precioso quanto à interpretação. Que o despertar do gozo do Um poderia ser por identificação ao sinthoma. E que isso exigiria do psicanalista uma posição radical com relação ao sentido, para passar do inconsciente ao osso do sintoma, quer dizer seu núcleo de real.

Habitar o mundo enquanto poeta para saber bem dizer o real, seria essa a direção do despertar? Como uma direção que implicaria o falar do gozo autista do discurso encontra um novo modo de uso do significante?

Se antes havia a idéia de cura do sintoma quando nos referíamos à fantasia que não se cura, mas que se atravessa numa nova abordagem do seu último ensino, Lacan situa o incurável no interior do sintoma como sinthoma do início ao final de uma análise. Portanto, no final de análise trata-se de um novo uso, de uma nova amarração, como já foi muitas vezes ditas nessa dissertação.

O sinthoma nessa dimensão viria responder ao vazio do sujeito, porém essa identificação jamais o confortará totalmente. Isso evidencia que entramos divididos na experiência analítica, e que na saída, também seríamos sujeitos da vida que não sara. Constatamos que não se trata de uma identificação ao sinthoma reduzida à cega necessidade, ao que não cessa de se repetir do sintoma. Ressaltamos com isso uma

implicação do falasser de forma contundente em sua experiência do real como impossível, como condição de possibilidade para uma disposição à contingência. Lacan, em *O Seminário, livro 24: l'insu qui sait de l'une bevue s'aile à mourre*, enuncia o que pode ser a identificação ao sinthoma e o final da análise.

Assim, o fracasso do inconsciente é o amor ao sinthoma. Podemos verificar que é preciso tempo para bem dizer permanentemente que o sintoma é mais forte que o tratamento, e saber que, no final de análise, manejá-lo é lhe dar a nobreza de invenção.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)